



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Herivelto Correia da Silva Filho

**MEMÓRIA, IDENTIDADES TERRITORIAIS E CIDADANIA: DESCORTINANDO
AS GEOGRAFIAS POPULARES E CONFLITOS SOCIOESPACIAIS NO MÉDIO E
BAIXO BEBERIBE, PERNAMBUCO**



RECIFE
2021

Herivelto Correia da Silva Filho

**MEMÓRIA, IDENTIDADES TERRITORIAIS E CIDADANIA: DESCORTINANDO
AS GEOGRAFIAS POPULARES E CONFLITOS SOCIOESPACIAIS NO MÉDIO E
BAIXO BEBERIBE, PERNAMBUCO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Geografia - PPGEO da Universidade
Federal de Pernambuco com requisito parcial à obtenção
de título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

RECIFE
2021

S586m Silva Filho, Herivelto Correia da.
Memória, identidades territoriais e cidadania : descortinando as geografias populares e conflitos socioespaciais no médio e baixo Beberibe, Pernambuco / Herivelto Correia da Silva Filho. – 2021.
147 f. : il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2021.
Inclui referências.

1. Geografia. 2. Beberibe, Rio (PE). 3. Memória. 4. Cidadania. I. Maciel, Caio Augusto Amorim (Orientador). II. Título.

910 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2021-235)

HERIVELTO CORREIA DA SILVA FILHO

**MEMÓRIA, IDENTIDADES TERRITORIAIS E CIDADANIA: DESCORTINANDO
AS GEOGRAFIAS POPULARES E CONFLITOS SOCIOESPACIAIS NO MÉDIO E
BAIXO BEBERIBE, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Aprovada em: 26/02/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Bruno Maia Halley (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dr. David Tavares Barbosa (Examinador Externo)

AGRADECIMENTOS

A priori, quero agradecer ao povo pernambucano, por pagar seus impostos e portanto financiar este trabalho de pesquisa de interesse do Estado.

Agradeço agora aos meus amigos geógrafos, que participam junto a mim do LECgeo. Especialmente a David, Pietro e Bruno que me receberam com muito entusiasmo no laboratório, onde foram meus grandes incentivadores de iniciação. Grato também ao Pedro Vilela, Priscila, ao Marcílio, a Tiane, por todas as trocas de ideias e conselhos dentro do laboratório, nos trabalhos de campo e nas mesas de bar.

Agradecido a Caio Maciel, orientador e amigo pela confiança e toda ajuda durante meu percurso como pesquisador.

Grato ainda por todas as pessoas que fizeram parte da pesquisa. Às pessoas que me cederam seu tempo de entrevista e de fotografias para o desenvolvimento deste trabalho. E a todos os funcionários da UFPE que me prestaram serviço.

RESUMO

A pesquisa abarca a bacia hidrográfica do médio e baixo Beberibe, investigando feitos das geografias populares e cotidianas da metrópole recifense, moldada por aspectos históricos. Tais espaços foram constituídos, ao longo do tempo, por similitudes e diferenças materiais e identitárias que são expressamente visualizadas na paisagem ao se percorrer as vizinhanças do rio em questão. Quanto à metodologia, trata-se de uma abordagem do espaço vivido, tendo sido privilegiadas entrevistas, observações diretas da paisagem e vivências locais, com realização de diários de campo e produção de fotografias autorais. A revisão da literatura enfocou obras que dialogam com a dinâmica de ocupação urbana da Região Metropolitana do Recife, além de estudos sobre a abordagem cultural na Geografia Humana, com enfoque sobre memória, imaginário urbano e identidades socioterritoriais. Do ponto de vista teórico-conceitual, as categorias centrais são: bairro, identidade territorial, espaço vivido, memória, lugar e cidadania. Assim, a pesquisa considera a lógica cultural não apenas como um pano de fundo para o acontecer de questões políticas e econômicas sobre o espaço, propugnando que tal categoria corresponde a uma das mais importantes questões da dinâmica urbana atual, como o exercer de nanoterritorialidades e estratégias territoriais cotidianas, em um habitar popular. Então, os assentamentos populares do baixo e médio curso do rio devem ser tratados enquanto uma área de direitos negados historicamente e cujo exercício da cidadania tem sido marcado por conflitos e lacunas. Aqui é reforçada a necessidade de se considerar tanto aspectos do caráter singular e único de cada lugar, mas também o enquadramento das narrativas locais na interseção de redes locais, nacionais e até globais, como lembra Massey (2000). Afinal, desde a ocupação pretérita do Beberibe concorrem processos planetários, como colonização portuguesa, escravização de africanos, produção de uma das primeiras mercadorias da economia-mundo (o açúcar) e etc., ao lado de contingências locais: baixa navegabilidade em comparação com o Capibaribe, refúgio de populações escravizadas, profusão de terreiros, estabelecimento do matadouro público e assim por diante. Hoje, o rio Beberibe está “dividido” pela BR-101 em dois setores distintos, em termos de ocupação. A oeste desta rodovia, a área da bacia apresenta baixo índice de ocupação, com resquícios da Mata Atlântica, em uma zona de barreiras, colinas e tabuleiros costeiros, completamente diferente do trecho densamente urbanizado, a leste, sendo este último o recorte escolhido. O estudo sugere interpretar diferentes maneiras através das quais habitantes dos espaços marginalizados do Beberibe reivindicam a inclusão de suas experiências de vida cotidianas como condição de construção da cidadania.

Palavras-chave: Beberibe; identidade territorial; memória; cidadania; Recife; Olinda.

ABSTRACT

The research covers the hydrographic basin of the middle and lower Beberibe, investigating shapes of the popular and everyday geographies of the Recife metropolis, shaped by historical aspects. Such spaces were constituted, over time, by similarities and material and identity differences that are expressly visualized in the landscape when traversing the neighborhoods of the river in question. As for the methodology, it is an approach of the lived space, having privileged interviews, direct observations of the landscape and local experiences, with field diaries and production of authorial photographs. The literature review focused on works that dialogue with the dynamics of urban occupation in the Metropolitan Region of Recife, in addition to studies on the cultural approach in Human Geography, with a focus on memory, urban imagery and socio-territorial identities. From the theoretical-conceptual point of view, the central categories are: neighborhood, territorial identity, lived space, memory, place and citizenship. Thus, the research considers cultural logic not only as a backdrop for the occurrence of political and economic issues about space, arguing that such a category corresponds to one of the most important issues of the current urban dynamics, how to exercise nano territorialities and strategies everyday territories, in a popular dwelling. Therefore, the popular settlements of the low and medium course of the river must be treated as an area historically with denied rights and whose exercise of citizenship has been marked by conflicts and gaps. Here, the need to consider aspects of the singular and unique character of each place is reinforced, but also the framing of local narratives at the intersection of local, national and even global networks, as Massey (2000) recalls. After all, since the past occupation of Beberibe, planetary processes have competed, such as Portuguese colonization, enslavement of Africans, production of one of the first commodities of the world economy (sugar) etc., alongside local contingencies: low navigability compared to the Capibaribe, refuge of enslaved populations, profusion of *terreiros*, establishment of the public slaughterhouse and so on. Today, the Beberibe River is “divided” by the BR-101 road into two distinct sectors, in terms of occupation. To the west of this highway, the basin area has a low occupancy rate, with remnants of the Atlantic Forest, in an area of barriers, hills and coastal plateaus, completely different from the densely urbanized stretch to the east, the latter being the chosen cutout. The study suggests interpreting different ways in which inhabitants of Beberibe's marginalized spaces claim the inclusion of their daily life experiences as a condition for building citizenship.

Keywords: Beberibe; territorial identity; memory; citizenship; Recife; Olinda.

RESUMEN

La investigación cubre la cuenca hidrográfica del Beberibe medio y bajo, investigando las formas de las geografías populares y cotidianas de la metrópoli de Recife, moldeadas por aspectos históricos. Dichos espacios fueron constituidos, a lo largo del tiempo, por semejanzas y diferencias materiales e identitarias que se visualizan expresamente en el paisaje al atravesar los barrios del río en cuestión. En la metodología, se trata de un acercamiento del espacio vivido, se privilegiaron entrevistas y vivencias locales, con diarios de campo. La revisión de la literatura se centró en trabajos que dialogan con la dinámica de la ocupación urbana en la Región Metropolitana de Recife, además de estudios sobre el enfoque cultural en Geografía Humana, con un enfoque en la memoria, el imaginario urbano y las identidades socio-territoriales. Desde el punto de vista teórico-conceptual, las categorías centrales son: barrio, identidad territorial, espacio vivido, memoria, lugar y ciudadanía. Así, la investigación considera la lógica cultural no solo como un trasfondo para la ocurrencia de cuestiones políticas y económicas sobre el espacio, argumentando que tal categoría corresponde a una de las cuestiones más importantes de la dinámica urbana actual, cómo ejercitar nano territorialidades y estrategias. territorios cotidianos, en una vivienda popular. Por ello, los asentamientos populares del curso bajo y medio del río deben ser tratados como un área históricamente con derechos negados y cuyo ejercicio de la ciudadanía ha estado marcado por conflictos y lagunas. Aquí se refuerza la necesidad de considerar aspectos del carácter singular y único de cada lugar, pero también el encuadre de las narrativas locales en la intersección de las redes locales, nacionales e incluso globales, como recuerda Massey. Después de todo, desde la pasada ocupación de Beberibe, los procesos planetarios han competido, como la colonización portuguesa, la esclavitud de los africanos, la producción de uno de los primeros productos básicos de la economía mundial (azúcar), etc., junto con las contingencias locales: baja navegabilidad en comparación con el Capibaribe, refugio de poblaciones esclavizadas, profusión de terreiros, establecimiento del matadero público, etc. Hoy, el río Beberibe está “dividido” por la BR-101 en dos sectores distintos, en términos de ocupación. Al oeste de esta carretera, el área de la cuenca tiene una baja tasa de ocupación, con remanentes de Mata Atlántica, en una zona de barreras, cerros y mesetas costeras, completamente diferente al tramo densamente urbanizado, al este, este último, siendo el recorte elegido. El estudio sugiere interpretar diferentes formas en las que los habitantes de los espacios marginados de Beberibe reclaman la inclusión de sus vivencias cotidianas como condición para la construcción de ciudadanía.

Palabras clave: Beberibe; identidad territorial; memoria; ciudadanía; Recife; Olinda.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1-	Mapa adaptado à pesquisa atual da bacia com a marcação dos bairros escolhidos.	19
FIGURA 2-	Sítios geográficos de localização da bacia do Beberibe, da Rodovia BR-101.	20
FIGURA 3-	Constelação de Conceitos.	31
FIGURA 4-	Constelação de conceitos da pesquisa	32
FIGURA 5-	Vizinhos socializando no fim da tarde de frente de suas casas na favela do Condor	42
FIGURA 6-	Rodovia BR-101 demarcando o setor do alto curso, do qual fica de fora do interesse da pesquisa por não apresentar grande adensamento populacional.	49
FIGURA 7-	Localização em escala territorial da bacia em questão, dentro da região Nordeste e no litoral de Pernambuco, marcada em vermelho, com todos seus afluentes e subafluentes.	50
FIGURA 8-	Vista por cima das residências da reserva de mata de Dois Unidos-Recife	52
FIGURA 9-	O Rio Beberibe fotografado por Augusto Stahl em 1858	53
FIGURA 10-	O missionário sueco Joel Carlson, que morava na tradicional Casa do Pavão e foi o fundador da Assembleia de Deus em Pernambuco, no ritual de batismo	54
FIGURA 11-	Bacia hidrográfica em suas diferentes unidades de paisagem geomorfológica	56
FIGURA 12-	Obra da prefeitura com muros de arrimo contra o deslizamento de barreiras	57
FIGURA 13-	Densidade ocupacional vista através do Google Earth, marcando a área da bacia dentro da RMR, uma ocupação que por sua vez é dividida pela BR-101. Na segunda, uma fotografia retirada do bairro do Alto Nova Olinda	58
FIGURA 14-	Densidade ocupacional vista através do Google Earth, marcando a área da bacia dentro da RMR, uma ocupação que por sua vez é dividida pela BR-101. Na segunda, uma fotografia retirada do bairro do Alto Nova Olinda	58
FIGURA 15-	Dados gerais da bacia	59
FIGURA 16-	Pôr do sol no bairro da Campina do Barreto (Recife), com vista para os quintais das casas amontoadas de lixo na margem Olindense, em Peixinhos.	61

FIGURA 17-	No vídeo é mostrada uma criação de porcos ilhados e carregados pela correnteza durante grande chuva no Recife	62
FIGURA 18-	Parte da frente do barraco de Flávio, após as inundações do rio.	63
FIGURA 19-	Litogravura do Povoado de Beberibe. Pintura do alemão Franz Heinrich Carls.....	65
FIGURA 20-	Capela Nossa Senhora da Conceição em 1918, Beberibe	66
FIGURA 21-	De frente a igreja nossa Senhora da Conceição em 2018, na praça da convenção, com a sua fachada já modificada. Beberibe, Recife	66
FIGURA 22-	Barco à beira do Beberibe, carregando não mais os pescados e mariscos, mas lixo recicláveis como nos amontoados da outra margem esquerda do rio.....	68
FIGURA 23-	Mapa interativo da cidade Recife a partir da auto declaração racial da população.....	71
FIGURA 24-	Em zoom, é possível clicar nos bairros da sua escolha e pode-se observar a porcentagem de cada um deles na auto declaração étnico-racial.	72
FIGURA 25-	Mapa do Recife e porção da cidade de Olinda com sua distribuição de pessoa com auto declaração étnico-racial.....	73
FIGURA 26-	Em cinza toda a área da qual será implantando o projeto, em sua maioria passando pela calha principal do rio.....	76
FIGURA 27-	Parte da parede de tábua de um barraco as margens do rio, com os móveis pro lado de fora, depois da inundação do inverno de julho de 2019.	77
FIGURA 28-	Confluência do afluente Vasco da Gama – Peixinhos com o Beberibe no baixo curso, entre os bairros de Campo Grande, Peixinhos e Campina do Barreto.	78
FIGURA 29-	Placas com informativo das obras do PAC-BEBERIBE.	78
FIGURA 30-	Vista da Av Beberibe para a fábrica da Antártica, hoje em ruínas.	84
FIGURA 31-	Vista de Campo Grande para Campina do Barreto, na confluência do canal com o rio Beberibe	85
FIGURA 32-	Vista de Campo Grande para Campina do Barreto, na confluência do canal com o rio Beberibe	85
FIGURA 33-	Torre principal do antigo matadouro do Recife, hoje o nascedouro de Peixinhos.	86
FIGURA 34-	Canal Vasco da Gama (canal do Arruda), já com as obras finalizadas do programa de aceleração.	87

FIGURA 35-	Flávio Roberto, sentado numa árvore em seu quintal, durante a entrevista.....	90
FIGURA 36-	Flávio Roberto, no momento em que contava os nomes dos bairros.	92
FIGURA 37-	Flávio e a vizinha, Dona Graça, com algumas crianças sentados na frente das casa na Favela do Condor, no bairro de Peixinhos.	93
FIGURA 38-	Vista da ponte entre Peixinhos e Campina do Barreto, para as palafitas na beira do rio Beberibe, onde se localiza o lar do entrevistado Flávio Roberto	95
FIGURA 39-	Reportagem da Folha de São Paulo sobre as fortes chuvas de inverno nos bairros entre Recife e Olinda.	96
FIGURA 40-	Rua D. Trindade, no bairro da Linda do Tiro, próximo as margens do Beberibe, mostra-se nesse caso a população em situação de isolamento, com atuação do Corpo de Bombeiros Civis, na tentativa da retirada de pessoas.	97
FIGURA 41-	Rua D. Trindade, no bairro da Linda do Tiro, próximo as margens do Beberibe, mostra-se nesse caso a população em situação de isolamento, com atuação do Corpo de Bombeiros Civis, na tentativa da retirada de pessoas.	97
FIGURA 42-	Monumento em homenagem a revolução de 1821 na praça da Convenção, em Beberibe.....	99
FIGURA 43-	No interior da praça em uma de suas pontas.	99
FIGURA 44-	Fronte ao Mercado público de Beberibe, localizada neste espaço está a feira livre do bairro.	100
FIGURA 45-	Dona Nancy, na sua loja de ervas no Mercado de Beberibe.....	101
FIGURA 46-	Integração do xambá, no bairro de São Benedito em Olinda, na Av. Presidente Kennedy. Ônibus que dão curso aos bairros mais distantes subindo as colinas olindenses.	106
FIGURA 47-	Muro por trás da Integração do Xambá, no bairro de São Benedito, na mesma rua do terreiro.	107
FIGURA 48-	Manifestação do grupo Bongar, membros do terreiro do Xambá, em apoio a renomeação de umas das avenidas mais conhecidas de Olinda.	107
FIGURA 49-	Vista da ladeira do Padre, em Águas Compridas, Olinda, para o campo de futebol e Centro de Treinamento do Santa Cruz Futebol Clube, na confluência do rio Morno com o Beberibe, no bairro homônimo. Ao lado uma figura retirada do Google Maps com a localização do Convento São Pedro, de onde foi tirada a fotografia	109
FIGURA 50-	Convento de São Pedro na localidade Alto do Cajueiro no bairro de Águas Compridas, Olinda. Vista do Alto do Céu, em Beberibe	110

FIGURA 51-	Escola Santo Inácio Loyola, esquina com Av. Presidente Kennedy e Estrada do Caenga	111
FIGURA 52-	Escola Santo Inácio Loyola na sua frente e o quintal da escola com vista para casas da Estrada do Caenga.....	111
FIGURA 53-	À esquerda, dois moradores do Bairro de Passarinho retirando o barro na margem do rio Beberibe, que já está sem mata ciliar e assoreado, para a construção das casas em habitações e arquiteturas populares.....	114
FIGURA 54-	Margem direita do Beberibe, no bairro Campina do Barreto, Recife. Vê-se à direita e esquerda da foto mangueiras de captação de água da Compesa	115
FIGURA 55-	Habitações precária, resíduos sólidos e dejetos de esgotos diretos no rio, ainda não removidos pelo PAC, na ponte de Beberibe- São Benedito.	116
FIGURA 56-	Marca das casas removidas no leito do rio, pelo PAC-Beberibe	116
FIGURA 57-	Na feira de Beberibe encontra-se diversos produtos, de alimentos, vestuário, caçados. Destacando-se por estar na divisa entre o Recife e Olinda, possibilitando ver as duas margens do rio.	118
FIGURA 58-	Seu André a esquerda e Thiago a direita. Vendedores de sapatos, na feira em cima da ponte de Beberibe. Podemos visualizar o rio a esquerda, do lado de Olinda, onde as obras estão menos adiantadas.	119
FIGURA 59-	Avenida na beira do rio se abrindo, em direção a BR-101, por trás da antiga fábrica Minerva, em Dois Unidos	120
FIGURA 60-	Na parte interna, pode-se ver de fundo o morro do Alto Nova Olinda; na parte externa, está beirando a Av. do Caenga.....	121
FIGURA 61-	Na parte interna, pode-se ver de fundo o morro do Alto Nova Olinda; na parte externa, está beirando a Av. do Caenga.....	122
FIGURA 62-	Riacho Lava Tripas.	123
FIGURA 63-	No registro à esquerda, há um muro de contenção de deslizamento das barragens, pois além de ser um solo argiloso, tem uma grande declividade	124
FIGURA 64-	Vista do Alto do Céu, em primeiro plano casas contempladas com pintura do Mais Vida nos Morros (PCR).....	125
FIGURA 65-	Sr. Ednardo e o tijolo fabricado in loco por seu pai, Alto Bela Vista	127
FIGURA 66-	Fachada e interior do Clube Bela Vista, marco geossimbólico. Clube famoso pelos shows semanais de música brega e “cubanas” aos domingos, com grandes expoentes locais da música, atraindo gente de vários bairros e região metropolitana.....	128

FIGURA 67-	Clube Bela Vista durante funcionamento, numa das famosas noites de domingo, A Cubana, com exclusividade para as musicas caribenhas.....	129
FIGURA 68-	Vista do quintal de uma casa no Alto Santa Terezinha, na Av. Aníbal Benévolo, para os morros de Olinda, ao fundo o Convento de São Pedro, no alto cajueiro no bairro de Águas Compridas.....	130
FIGURA 69-	Vista do Córrego da Rua dos Operários, a oeste de Alto do Céu, Beberibe	131
FIGURA 70-	Seu Moisés sentado entre o campo do Passarinho Futebol Clube e o rio Beberibe, na rua Santa Luzia.....	134
FIGURA 71-	Campo de futebol de passarinho, na várzea do Beberibe. Sempre ocupado pelos futebolistas, em tempos de chuva o campo sofre com os alagamentos.	135
FIGURA 72-	Cenas do Rio Beberibe em março de 1984.....	136
FIGURA 73-	Obras em curso no bairro de Dois Unidos. Do lado esquerdo a antiga fábrica de papel em ruína.....	137
FIGURA 74-	Vista do bairro de Dois Unidos, para o vale do Beberibe. Do lado esquerdo as matas de Passarinho (Olinda), separadas pelo adensamento de casas às margens do rio.....	138
FIGURA 75-	Campo de várzea no bairro de Dois Unidos por trás da reserva de mata	138
FIGURA 76-	Na primeira representação, teremos a divisão político administrativa dos bairros limítrofes, à margem esquerda Passarinho, em Olinda, incluindo sua área de reserva de mata.....	139
FIGURA 77-	Cartaz do movimento com a chamada para as atividades e atrações.	141

LISTA DE MAPAS

MAPA 1-	Localização dos bairros da pesquisa, entre o Recife e Olinda.	18
MAPA 2-	Localização do bairro de Peixinhos.....	83
MAPA 3-	Setores identitários da bacia do Beberibe	133

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Metodologia.....	21
2	PELOS MEANDROS DE UMA GEOGRAFIA CULTURAL: DISCUTINDO UMA CONSTELAÇÃO TEÓRICO- CONCEITUAL NA ANÁLISE DOS BAIRROS DO RIO BEBERIBE	24
2.1	Da Escola de Carl Sauer à Nova Geografia Cultural: resgatando a trajetória de uma corrente de pensamento em seus conceitos-chaves e expoentes.	24
2.2	Apreendendo conceitos e categorias à luz da Geografia Cultural: discutindo o lugar, o bairro, a memória, a cidadania e os geossimbolismos no contexto da bacia do rio Beberibe.....	33
3	MEMÓRIAS E GEOGRAFIAS DO BEBERIBE: A FORMAÇÃO PERIFÉRICA ÀS MARGENS DE UM RIO LITORÂNEO E OS BAIRROS DE PREDOMINÂNCIA NEGRA ENTRE O RECIFE E OLINDA.....	48
3.1	Geografando um rio: o quadro natural e a ocupação humana do Beberibe – um desarranjo ambiental entre o Recife e Olinda.	48
3.2	Pela grande periferia do Recife e de Olinda: memórias e geografias da bacia do Beberibe em seus bairros de predominância negra.	64
4	POR ENTRE BAIRROS E COMUNIDADES: AS MEMÓRIAS, OS GEOSSÍMBOLOS, OS SENTIDOS DE LUGAR E OS CONFLITOS IDENTITÁRIOS NOS BAIRROS PERIFÉRICOS ENTRE O RECIFE E OLINDA – O MÉDIO E BAIXO BEBERIBE REVISITADO EM SUAS GEOGRAFIAS POPULARES.	80
4.1	Na confluência das águas, as divergências espaciais: desvendando a pobreza comunitária e os paradoxos identitários às margens do canal Vasco da Gama- Peixinhose do rio Beberibe frente às ações do programa Prometrópole.....	82
4.2	Beberibe e São Benedito: os geossímbolos, os sentidos de lugar e os conflitos identitários envolvendo o quilombo urbano Xambá nos bairros limítrofes do Recife e de Olinda.	98
4.2.1	Processo de remoção dos moradores às margens do rio Beberibe – o habitar marginal no	

nanoterritório.	113
4.3 Nos altos do Beberibe: debatendo a paisagem à luz do projeto <i>Mais Vida nos Morros no Alto do Céu</i> e o geossimbolismo do Clube Bela Vista no Alto Santa Terezinha.	123
4.4 Dois Unidos e Passarinho: os morros, as matas e o rio Beberibe na memória, na percepção ambiental e no sentimento de pertencimento dos seus moradores – discutindo o movimento <i>Ocupe Passarinho</i>	132
4.4.1 Mata de Dois Unidos e Passarinho.	137
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.	145

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa abarca, na perspectiva da Geografia Cultural, a ocupação humana da bacia hidrográfica do médio e baixo Beberibe, investigando feitos de uma geografia popular e cotidiana da metrópole recifense, moldada por aspectos históricos e territoriais que singularizam bairros e localidades. Consideram-se geografias populares aquelas que abarcam racionalidades cotidianas, coincidentes ou não com o saber acadêmico, emergindo, por exemplo, através das *geosofias* (MACIEL, 2009) dos povos de santo, quilombolas, comunidades e habitantes locais dos recortes estudados e etc. Também trazem no seu bojo específicas relações do homem com a natureza¹.

Os espaços entre Recife e Olinda foram constituídos, ao longo do tempo, por similitudes e diferenças materiais e identitárias que são expressamente visualizadas ou rememoradas na paisagem ao se percorrer as vizinhanças do rio em questão, constituindo espaços periféricos amplamente ocupados por camadas sociais mais pobres. A partir do século XX, o Beberibe sofreu um adensamento da ocupação na zona limítrofe entre as duas cidades, o que acarretou problemas ambientais ao curso d'água – primeiro geossímbolo das populações que se fixaram naquele espaço pantanoso e, posteriormente, nos morros contíguos.

A poluição afastou paulatinamente tradicionais pescadores e outros sujeitos das atividades ligadas às práticas fluviais ou às matas na região. Hoje se localizam entre o médio e o baixo curso do rio bairros em sua maioria muito densos, empobrecidos, ambientalmente degradados e com espaços públicos precários, ainda que existam áreas mais bem aquinhoadas e amenas. Na porção estuarina sul, organizada pela via de maior fluxo, a Avenida Agamenon Magalhães, constata-se na virada para o século XXI um processo de autosegregação e gentrificação (SILVA, BITOUN, 2006, p.51), com atividades que rompem a precarização: grandes empreendimentos privados como o Shopping Tacaruna e a casa de espetáculos Classic Hall (Chevrolet Hall) valorizaram amplas áreas “utilizando-se da lógica da segregação como mecanismo capaz de restringir a estigmatização aos espaços ocupados pela população pobre” (*Idem, ibid.*). Aliam-se a isto perspectivas do setor imobiliário em áreas como a Vila Naval e Escola de Aprendizes Marinheiros. O recorte da presente pesquisa, entretanto, considera as áreas de ocupação popular, mais à retaguarda (oeste) e umbilicalmente ligadas à calha do rio.

¹ Para um debate mais amplo sobre geografias populares ver Halley (2017).

Nesses territórios da geografia popular, muitos de seus habitantes compartilham da luta por cidadania com base em traços culturais comuns e na construção de uma memória de lutas sociais por reconhecimento, direitos e o exercício da cidadania que fora negada por muito tempo à negros durante e depois da escravidão, de forma simbólica ou não. Hoje em dia, fazem em face de outros processos de segregação e estigmatização.

Assim, a pesquisa é pertinente aos estudos de Geografia Cultural e Humanista, uma vez que considera a lógica cultural não apenas como um pano de fundo para o acontecer de questões políticas e econômicas sobre o espaço, propugnando que tal categoria corresponde a uma das mais importantes questões da dinâmica urbana atual. Discute-se o reconhecimento dos bairros ou das localidades ao longo do rio, questionando a existência de uma complexidade identitária que é esta grande periferia pobre (centrada no recorte de bairros apenas ou mesmo da bacia hidrográfica).

A construção da memória e a lógica cultural dos lugares têm um papel central nas políticas contemporâneas e na demanda por cidadania, como no caso da renovação urbana do Recife estudada por Barbosa (2014; 2020²). Esse autor destacou o papel que as políticas públicas têm assumido enquanto incentivadoras de transformações na identidade cultural da cidade e das renovações de seus espaços públicos, apontando conflitos entre atores hegemônicos e contra-hegemônicos na bacia do Pina. Em diferentes escalas, acredita-se que o fenômeno se repete em toda a Região Metropolitana do Recife, sendo as cercanias do rio Beberibe marcadas pela tensão das variadas identidades que poderão ser percebidas também entre ações do poder público como, por exemplo, do PAC Beberibe no programa Pró-Metrópole³.

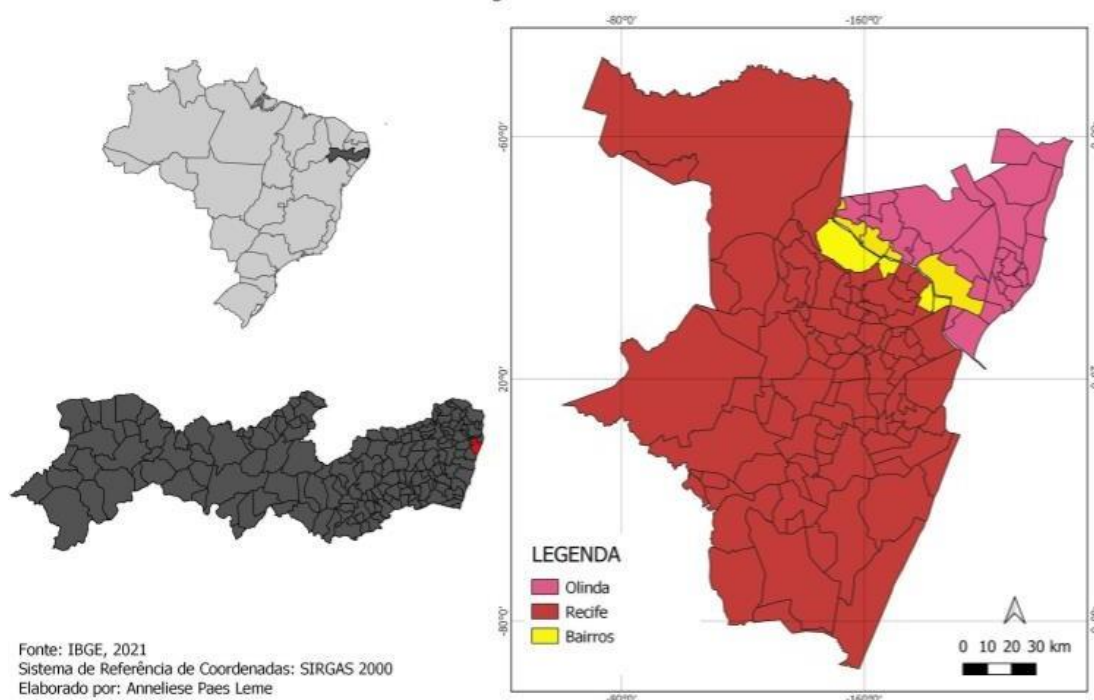
No caso do rio Beberibe, a “diferença” adquire grande complexidade, a começar pelo fato de que seus subespaços compartilham diversos sítios físicos, incluindo desde morros até alagados, mangues e aterros, com relevo plano e baixa altitude. Além disso, seus recortes podem apresentar dicotomias relacionadas ao grau de urbanização, nível de renda e qualidade de vida dentro de um contexto marginal, na metrópole, Assim vista no Mapa 01 de localização:

² VER, ESTAR E SER (N)A PAISAGEM: CIDADANIA PAISAGÍSTICA E O DIREITO À PAISAGEM NA CIDADE DO RECIFE/PE, observa-se ser trabalho inédito na geografia.

³ O Programa de Infraestrutura em Áreas de Baixa Renda da Região Metropolitana do Recife (RMR) - PROMETRÓPOLE é coordenado pelo Governo do Estado, através da Agência CONDEPE/FIDEM e executado em parceria com as Prefeituras do RECIFE e de OLINDA. [Disponível em: https://www.recife.pe.gov.br/pr/sanear/prometropole.php](https://www.recife.pe.gov.br/pr/sanear/prometropole.php). Acesso em: 05 out. 2017.

Mapa 1- Localização dos bairros da pesquisa, entre o Recife e Olinda.

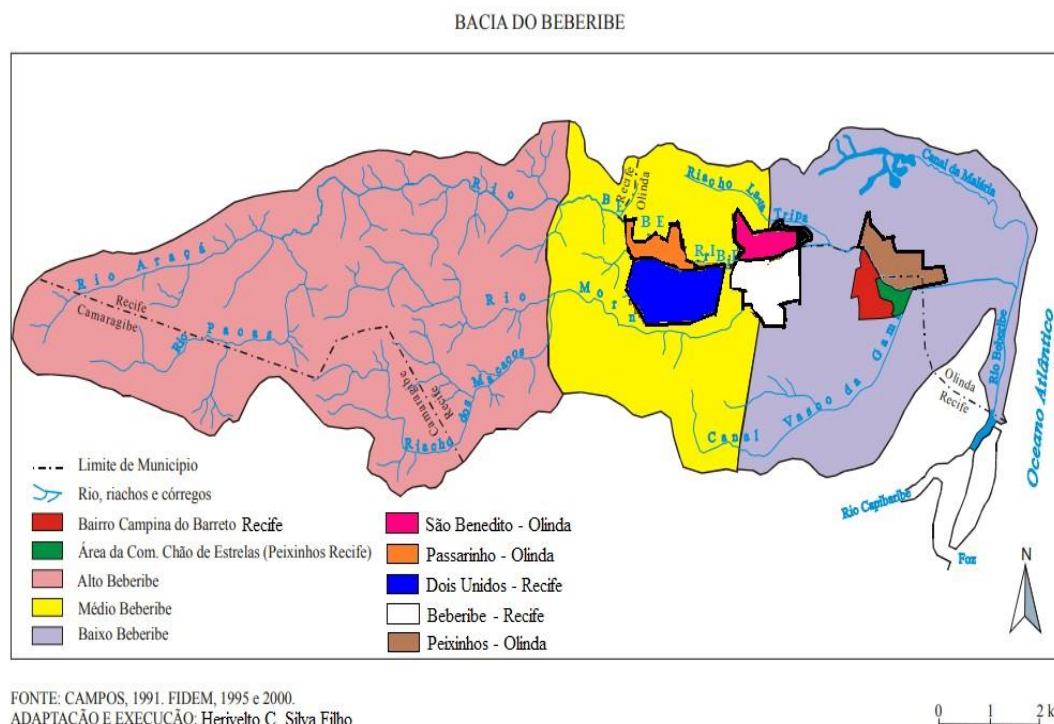
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



Elaboração: ANNELIESE PAES LEME (2021)

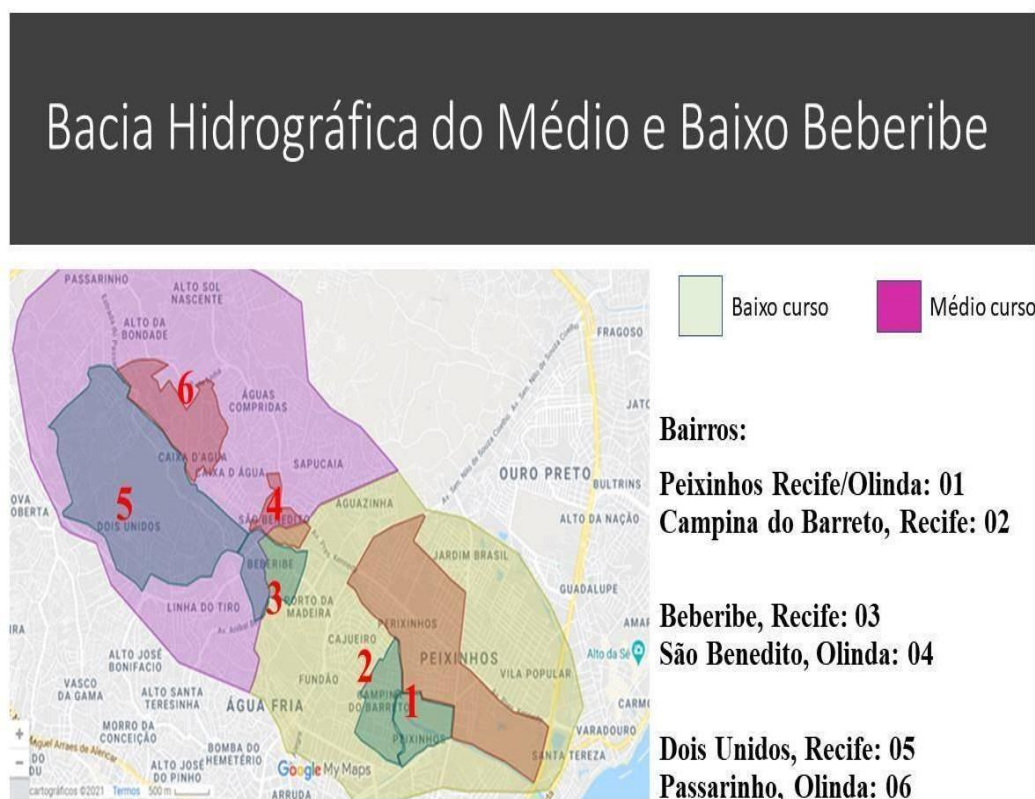
A bacia do rio em questão é hoje, densamente habitada desde o seu baixo curso, havendo assim, uma área da bacia com muitas áreas de mata, reservas pouco habitada, deixada de fora do recorte de estudo, podendo assim ser visualizado na próxima figura.

Figura 1- Mapa adaptado à pesquisa atual da bacia com a marcação dos bairros escolhidos



Hoje o rio Beberibe que está “cindido” pela BR-101 em dois setores distintos, em termos de ocupação. Demonstrando assim no mapa localizando os bairros no médio e baixo curso, (03). Estes bairros pesquisados, feito um recorte para visualizar suas localizações espaciais na malha urbana da metrópole entre o Recife e Olinda, densamente habitados, que margeiam a calha do rio.

Figura 2- Sítios geográficos de localização da bacia do Beberibe, da Rodovia BR-101



Fonte: Google Earth, Elaboração: Herivelto Filho (2021)

A questão central da pesquisa pode ser assim enunciada: como populações residentes em diferentes bairros ou localidades da bacia do médio e baixo Beberibe lançam mão de suas memórias socioterritoriais para a fabricação de suas identidades e garantir sua permanência no microcosmo da cidade? Em seguida, indagam-se como tais identidades territoriais são mobilizadas para reivindicar e promover cidadania e melhorias urbanas em seus espaços de vida?

Desse modo, propõe-se compreender os modos de vida e as identidades territoriais a partir das memórias de populações residentes nos variados sítios geográficos daquele rio, desde os morros até os mangues, focalizando grupos mais fragilizados socialmente. Isto porque se busca aqui interpretar como espaços marginalizados e com poucas ações do poder público podem ser fonte de reivindicações para a inclusão das experiências históricas e cotidianas de seus habitantes como condição para construção da cidadania. Mangues e morros sempre fizeram parte da paisagem cultural da metrópole recifense, muito embora sejam espaços reportados à precariedade.

Toma-se como referência a compreensão de memória de Pollak (1992) e Halbwachs (2004), buscando entender a formação da consciência social, correlacionando-a com as reflexões acerca de identidade territorial de Haesbaert (2013) e de bairro em Halley (2010). Interessado em apreender as ligações entre a construção da memória e os processos políticos de gestão das identidades sociais, Pollack desenvolve suas análises a partir de uma aproximação metodológica com as histórias de vida e pesquisas da história oral. Os conceitos de geossímbolo (BONNEMAISON, 2002) e lugar (RELPH, 2012; MASSEY, 2000; SOUZA, 2013) são mobilizados no âmbito da Geografia Cultural de modo a tratar da memória espacial de coletividades urbanas na construção de suas identidades.

1.1 Metodologia

A pesquisa consistiu em estudo de caso, de caráter qualitativo (LAKATOS, 2008), afiliado do ponto de vista epistemológico à Geografia Cultural através das seguintes etapas: i) revisão bibliográfica e iconográfica; ii) análise de documentos, publicações e projetos das prefeituras municipais do Recife e Olinda; iii) levantamento socioeconômico prévio; iv) Trabalho de campo com observação direta de tipo etnogeográfica; v) realização de entrevistas semiestruturadas.

Como se trata de uma abordagem do espaço vivido, foram privilegiadas entrevistas e vivências locais, com realização de diários de campo (observação direta). A revisão da literatura enfocou obras que dialogam com a dinâmica de ocupação urbana da Região Metropolitana do Recife, além de estudos sobre a abordagem cultural na Geografia Humana, com enfoque sobre memória, imaginário urbano e identidades socioterritoriais. Do ponto de vista teórico-conceitual, as categorias centrais são: bairro, identidade territorial, espaço vivido, memória, lugar e cidadania.

Como se trata de um estudo de caráter exploratório fez-se recortes ao longo da calha principal do rio e em seu espaço mais densamente povoado (a leste da BR-101, zona densamente urbanizada), de modo a ressaltar marcantes diversidades de situação que abarcam o objeto de estudo. Inicialmente partiu-se dos seguintes “setores identitários”: a) Peixinhos Recife/Peixinhos Olinda, lugares de planície cuja análise iniciou-se em pesquisa anterior (SILVA FILHO, 2017), b) Beberibe/São Benedito, transição planície-colinas e também em função do topônimo e da histórica presença da religiosidade de matriz africana e, finalmente, c) Dois Unidos/Passarinho por serem espaços do setor de colinas reportados como antigas áreas

de exuberante natureza, todos abarcando bairros e localidades que se cotejam de um lado e de outro do rio. (MAPA/CROQUI)

Foram realizadas pesquisas de campo de diversas formas durante 2018 e 2019. Através de trabalhos de campo como pesquisa empírica para aulas ministradas pelo Professor Caio Maciel, na disciplina de Geografia Cultural da Pós-graduação, muitos alunos puderam identificar conceitos como paisagem (e paisagem sonora), região, lugar, território, integrando ensino e pesquisa. As observações sistemáticas, contudo, foram feitas pelo pesquisador, individualmente.

No dia 03 de julho de 2018 realizou-se o primeiro pré-campo exploratório, no intuito de observar as possibilidades iniciais de análise do recorte espacial, e por onde iríamos começar a tratar o que chamamos de baixo e médio Beberibe. Localizamos várias áreas de possíveis análises territoriais entre os morros e a planície do rio, além de ações do poder público municipal e federal. Posteriormente, no dia 24 do mesmo mês fora realizada uma atividade de campo em conjunto com os alunos da disciplina⁴ e com membros ativos do Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política - LECgeo.

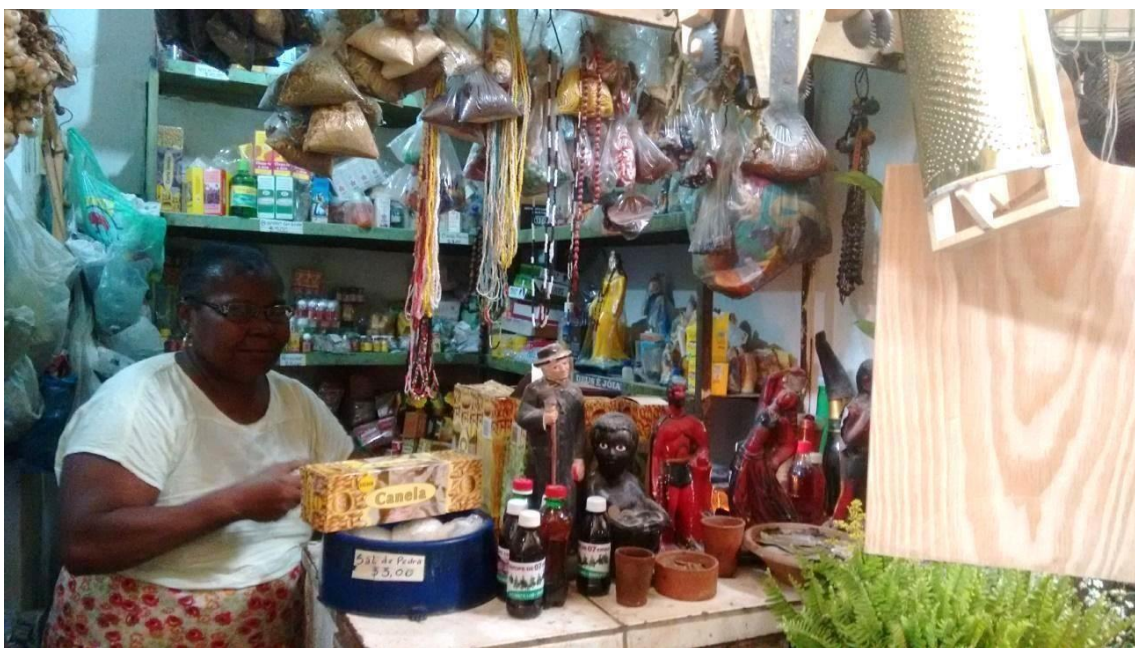
Com um grupo maior, pude receber informações variadas sobre a região, onde as pessoas foram divididas em equipes para galgar uma área de morro (Alto do Céu), outros na margem esquerda e direita entre o Recife e Olinda e no entorno do Terreiro de Xambá, além da confluência do Rio Morno, o Mercado público do bairro em questão e a praça histórica (Praça da Convenção). Entrevistas foram feitas durante este processo. Fora distribuídos mapas impressos da região onde estávamos para melhor entendimento e análise do olhar geográfico entre escalas. Esta região do bairro de Beberibe, entre as colinas e a planície aluvial do rio onde mais obtive informações, pois pôde ser coletado e registrado um cabedal de dados primários pelos grupos, havendo maior análise. Por fim, seguimos a calha do rio e ancoramos no bairro de Peixinhos. No antigo matadouro, equipamento geossimbólico do lugar, algumas questões foram levantadas e descemos ainda mais para a confluência do rio Beberibe com o Canal Vasco da Gama (Canal do Arruda). Lá observou-se a conclusão de parte do projeto de revitalização da bacia hidrográfica em questão no bairro Campina do Barreto, na margem direita do rio, no Recife. Nesta área privilegiou-se o registro fotográfico.

⁴ Geografia Cultural EAD e presencial , UFPE. 2018.1

Outras atividades de campo foram feitas individualmente no médio curso do rio, inclusive à noite. E pretendeu-se fazer a priori uma observação direta da paisagem e posteriormente entrevistas com moradores, preferindo pessoas mais velhas, como dá-se a devida importância (ABREU, 2013, p,) “A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável, e é por isso que as “histórias orais”, e as “memórias de velhos””. Algumas entrevistas não tiveram êxito devido a falta de interesse do entrevistado, desconfiança por se tratar de uma área com interesses políticos diversos ou por estarmos em horário importuno outras foi captadas em diálogos informais junto à coleta de dados pessoais como nome do sujeito e origem, residência. Além disso, reportagens de jornais específicos sobre a região foram contempladas, assim como análise de documentos retirados das redes sociais, como o Instagram⁵.

⁵ O uso do Instagram para estudos de Geografia Cultural pode ser apoiado nas sugestões de Maciel e Querino (2020).

2 PELOS MEANDROS DE UMA GEOGRAFIA CULTURAL: DISCUTINDO UMA CONSTELAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL NA ANÁLISE DOS BAIRROS DO RIO BEBERIBE.



Barraca de Ervas de Dona Nancy no Mercado público de Beberibe.

“moro aqui na palafita, na beira do Rio, eu, meu pé de cajá, minhas três gatas, meus três cachorros e Deus. Primeiramente Deus, né?”

- Flávio Roberto, de Peixinhos

2.1 Da Escola de Carl Sauer à Nova Geografia Cultural: resgatando a trajetória de uma corrente de pensamento em seus conceitos-chaves e expoentes.

Aportes da geografia cultural

A pesquisa tem foco em analisar a cultura material e significações simbólicas num estudo de perspectivas teóricas representadas na geografia humana e cultural.

Muito embora não seja escopo desta dissertação realizar uma revisão da Geografia Cultural, faz-se mister apontar alguns marcos referenciais que balizaram a trajetória da

pesquisa. A expressão Geografia Cultural foi usada pela primeira vez por Ratzel de acordo com Claval (2014). Entretanto, ao refletir sobre cultura devemos fazer referência sobretudo à escola de Berkeley nos Estados Unidos, dada a influência de Carl Sauer e seus seguidores a partir dos anos 1920. Para Claval (2014) a Geografia Cultural teve sua origem no final do século XIX e início do século XX sendo na Europa a sua gênese. Aparentemente o conceito de cultura é volátil, isto é, difícil de obter uma definição consensual; não obstante, cultura pode ser definida a partir dos escritos de McDowell, (1994, p.161,) como:

Um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Ideias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de ideias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço.

As ideias de diferentes grupos sociais tentam se sobressair sobre as outras, constatando uma relação de poder, na tentativa de definição de cultura. Contudo, a geografia cultural busca interpretar os espaços e o que advém dessa espacialidade à exemplo de: o território, a territorialidade, o espaço, o lugar, a paisagem, o poder de acordo com concepção do pesquisador.

A escola de Berkeley

Enquanto a geografia alemã se interessava pelas paisagens, a partir das relações entre cultura e espaço, nos EUA a escola dominante de 1910 até a Primeira Guerra, ignorava-os totalmente. Praticamente confundia-se a geografia humana com cultural. Porém, a geografia cultural não fora negligenciada graças ao fundador da escola de Berkeley, Carl Sauer (1889 – 1975). Para (Claval, p.29, 2007) “O êxito da geografia cultural americana começa assim trinta anos após os trabalhos alemães neste domínio”. Dava-se então poder ao homem na sua relação com a natureza para moldá-la.

Carl Sauer apresentada em seus escritos uma influência das análises dos geógrafos alemães e franceses, sendo essa influência pouco presente nos trabalhos de seus conterrâneos da Geografia nos Estados Unidos. A leitura realizada por Sauer sobre a Geografia Cultural permitiu uma aproximação entre seus escritos e o conceito de paisagem cultural, apresentado por autores da Geografia alemã. Com isso, Sauer incorporou o conceito de paisagem tornando-se objeto central de seu interesse, inclusive denominando uma de suas maiores obras: “A

morfologia da Paisagem” (1925). O autor buscava pensar nas marcas sobre a paisagem, deixada pelos homens e suas culturas, como maneira de pensar a cultura como conceito geográfico. Para Claval:

Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (CLAVAL, 2014, p. 39).

Sauer sustenta que a paisagem, ou marcas deixadas em uma área específica, contribuem para caracterizar uma determinada forma de viver que é estritamente geográfica.. Para ele, deve-se muito à aproximação com a antropologia americana. Contudo, o método saueriano não contemplava as questões imateriais e psicológicas de uma cultura. Está fora entendida tão somente pela materialidade e técnica de suas ações no espaço, deixando de lado as representações, o conceito de lugar e de gênero de vida. Apesar da abordagem Saueriana ser base fundamental para a geografia cultural, as abordagens contemporâneas buscam superar as limitações materiais de sua proposta.

A partir dos anos 70

Nos anos 70 do século XX, a geografia começa a se aproximar de forma explícita das ciências sociais, pela produção de cultura e suas práticas em diferentes escalas espaciais. O pensamento humanista era influenciado pelos grupos de contracultura dos anos 60, quando surgem assim, os termos ‘cultural popular’ e ‘cultura de massa’ (MCDOWELL, 1994), tornando-se uma palavra mais abrangente e usual. Assim, foi sendo elaborado um pensamento da pós-modernidade, havendo atenção inédita aos padrões musicais, às redes de fast-food com arquitetura similar e independente do lugar onde esteja e outros fenômenos que estariam homogeneizando e dando uma guinada na contestação das culturas centrais. Porque agora vivíamos num mundo para o consumo de massas. Nos escritos de Claval (2014, p. 52,):

O contexto obriga, pois, os geógrafos a não negligenciar as dimensões culturais dos fatos que observam. Ele orienta sua curiosidade numa nova direção: as técnicas tornaram-se demasiadamente uniformes para deter a atenção; são as representações negligenciadas, até então, que merecem ser estudadas.

Segundo McDowell (1994), as críticas dos “novos geógrafos” à escola de Berkeley são provenientes de muitas fontes. Alegou-se que o que existia era uma descrição do mundo ao invés de entendimento do mundo, e ainda por cima deixando de lado os movimentos sociais, festas, etc. Desinteressava a subjetividade e a vivência das pessoas as quais praticavam as atividades culturais. Doravante, as práticas dominantes e homogêneas poderiam ser contestadas e modificadas, pois:

Este reconhecimento de significados contestáveis e divergentes, e que o conhecimento em si mesmo também é temporário e contestável é a característica-chave que diferencia os “novos geógrafos” dos geógrafos sauerianos. (MCDOWELL, p.164)

Epistemologicamente a ciência geográfica também sofreu mudanças com a ajuda da fenomenologia, passando a ter amplo interesse pelo conceito de lugar com Tuan (1973) e Relph (1974), além de fortes críticas da geografia marxista de Massey (2000), a qual alega um conservadorismo na abordagem do lugar. Isto é, a geografia cultural não deixa de pensar o passado, mas dá enfoque maior às relações espaciais do homem com o presente ou um passado mais próximo da memória vivida por ele ou pelo grupo social do qual é pertencente.

Abordagem fenomenológica

A geografia fenomenológica está interessada na percepção, no mundo vivido, na subjetividade para a compreensão do espaço. Logo, critica as verdades absolutas da ciência racionalista, propondo uma interdisciplinaridade entre a ciência geográfica, a filosofia e a ciência social. A fenomenologia foi utilizada desde a década de vinte do século XX, porém fora mais amplamente usada a partir dos anos 60, no meio de toda uma agitação cultural ocidental.

A obra de Eric Dardel foi precursora, vindo a assumir o papel de um dos referenciais mais marcantes na geografia humanista, de caráter antropocêntrico. Intitulada de *L'homme et la terre* (1952), contudo só foi (re)descoberta nos anos 80. Desde então passou a ser considerado por seus pares um pensador à frente de seu tempo, sendo sua escrita encarada como ‘libertadora’. Igualmente podemos afirmar a sua importância para a geografia:

A subjetividade do saber é um dos traços mais marcantes para o humanismo e deriva diretamente desta concepção antropocêntrica. Na geografia, isto significa que a definição de uma espacialidade não pode ser estabelecida através da objetivação de uma ciência racionalista. O espaço e suas propriedades, distância, fluxo, hierarquia, possui um

sentido que não se reduz às medidas numéricas. Desta maneira, o espaço é sempre um lugar, isto é, uma extensão carregada de significações variadas. (GOMES, p.310. 2007)

Contrariando, dessa maneira, o excesso de racionalismo, a materialização, a ideologia de forma dogmática apresentada pela racionalidade científica até então. Dardel é reconhecido na América do Norte, chegando ao geógrafo chinês radicado nos EUA, Yi Fu Tuan. Com suas origens orientais, começa a se interessar pela relação das pessoas com sua região de origem com os meios populares: uma *geosofia* (CLAVAL, 2011).

Tuan escreve seu livro “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência”; e “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente e Espaço”, respectivamente de 1974 e 1977 (editadas no Brasil em 1980 e 1983). A partir de 1976 o autor começa a usar o termo abordagem humanista. Os estudantes mais ativos com sua proposta foram Edward Relph e Leonard Guelk. Esta nova corrente aparece como indispensável à geografia para os estudos sobre o sentido lugar, a experiência vivida, as representações religiosas e realidades culturais. O conceito de lugar se torna central para a geografia humanista e Cultural. Lugar é onde se é atribuído a questão do pertencimento. Tuan afirma que espaço é movimento e lugar é pausa, por criar um vínculo sentimental, na perspectiva fenomenológica.

Historicamente, poderíamos localizar a década de 1970 como o momento do resgate do conceito. Na verdade, a nova ênfase no lugar se confunde com a efervescência humanista, principalmente através do resgate da base fenomenológica na pesquisa geográfica. O lugar torna-se, junto com a paisagem, o conceito-chave da renovação da Geografia Humanista (e posteriormente da Geografia Cultural também). Então surge a tese de doutorado de Edward Relph, publicada como livro em 1976 na Inglaterra, (*Place and placelessness*).

De acordo com Relph, a fenomenologia é um método. Graças ao caráter utilitário de que todo fato cultural está dentro de uma prática, essencialmente. Para o autor, há tantas geografias quanto percepções de mundo. Segundo Relph, a abordagem fenomenológica poderia resolver a dicotomia entre o homem e a natureza, devido a aceitação a subjetividade. No qual há uma unidade através de mútuas implicações, fornecendo uma unidade (GOMES, 2007).

Apesar da presente pesquisa não estar inscrita enquanto uma perspectiva fenomenológica, é importante ressaltar que as críticas dessa corrente ao excessivo materialismo da base saueriana, assim como a defesa da ideia de que o espaço é sempre um lugar carregado de subjetividade e de significações variadas faz parte atualmente de amplo consenso na

chamada Nova Geografia Cultural. Assim como dá base aos estudos que utilizam o conceito de lugar, como fazem Tuan e Relph, na perspectiva da experiência humana cotidiana. Ora, também, é usado como forma de analisar pela ótica marxista, pensando-se nas diferentes versões dos lugares inseridos no processo de produção do capital ao redor mundo, tratados pela geografa britânica Doreen Massey (1944-2016) e o geógrafo David Harvey.

A geografia cultural no Brasil

No Brasil, a geografia cultural não ocupava um lugar central nas discussões do passado. Esta, como corrente de pesquisa e estudos só foi mesmo se desenvolver nos anos 90. Contudo, desde a década de 30, era uma preocupação nossa de entender nossas identidades regionais, nossa diversidade étnica atrelando aos gêneros de vida. Assim, incluindo-se as reflexões da posição de um país periférico no capital global.

Na última década do século XX, como em outros países ocidentais, a virada cultural das ciências sociais se afirma. Então Zeny Rosendahl cria, no Rio de Janeiro, no ano de 1994 um laboratório para estudos sobre Espaço e Cultura. Surge daí, na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura (NEPEC)⁶. O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Direito da Cidade - NEPEC, este foi criado formalmente em janeiro de 2015 (Portaria n. 01/2015), no âmbito do Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Linha de Pesquisa de Direito da Cidade, tem por objetivo a realização de estudos, pesquisas e atividades de extensão voltadas para o desenvolvimento do Direito à Cidade.

Tornou-se possível, assim, reunir e organizar as pesquisas deste campo no Brasil, estabelecendo periódicos, textos e edições de livros tendo como organizadores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa⁷. O Núcleo, segundo Claval (2011), vai traduzir e publicar em português, textos importantes para a abordagem cultural em Geografia, de autores de língua alemã, francesa e inglesa. Prosseguem no Brasil os estudos na geografia cultural nos anos 2000

⁶ Tive a oportunidade de participar de uma das edições do simpósio do NEPEC UERJ, em 2016, apresentando parte da minha pesquisa de graduação intitulada de “Memória, Geografia e Disputas Urbanas: Algumas considerações a partir das cidades do Recife e Olinda – PE”.

⁷ O NEPEC: “A atuação do núcleo pressupõe não só interações multidisciplinares com outras ciências, como a Sociologia Urbana e a Ciência Política, mas também a aproximação da universidade – e, em especial, da Faculdade de Direito – das demandas sociais, incluindo ativamente a academia nos processos que envolvem a disputa pelo território.”

<https://www.nepec-uerj.com.br/apresentacao>

descentralizando-se do Rio de Janeiro e São Paulo com a criação do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações)⁸. A iniciativa estaria criando uma rede por universidades periféricas em todas as regiões do país, como Salvador, Porto velho ou Porto Alegre. Em que na ultima edição, eu participara, no ano de 2018, em Diamantina – Minas Gerais, apresentando um trabalho inicial da pesquisa atual.

A Geografia Cultural se interessa em estudar as transformações no espaço nos modos de vida, como adaptação em escala global e local, integrado ao mercado, modernização e a metropolização das vivencias brasileiras diante da grande desigualdade social do país.

Categorias de análise

Cada conceito leva a outros conceitos, pois abarcam de forma aceitável a realidade, formando um conjunto ou família de conceitos para a problemática enunciada. Assim, formando aquilo que Haesbaert (2014) denominou constelação de conceitos, visto aqui na figura (01). Na geografia o conceito de espaço é o ponto de partida. O de território e lugar detém mais notoriedade a partir da virada cultural, com a influência do decolonialismo. as relações sociedade-natureza podem ser lidas através do conceito de ambiente; as relações de poder, com o território; as relações simbólico- -culturais do espaço vivido, pelo lugar; e as relações simbólico-culturais do espaço enquanto representação, através da paisagem.

⁸ O NEER: “A Rede NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações) busca ampliar e aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando nas questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, entendendo as representações como uma ampla mediação, que permitem agregar o social e o cultural, abarcando também a temática das metamorfoses à Resiliência.” http://www.neer.ueg.br/conteudo/20040_apresentacao

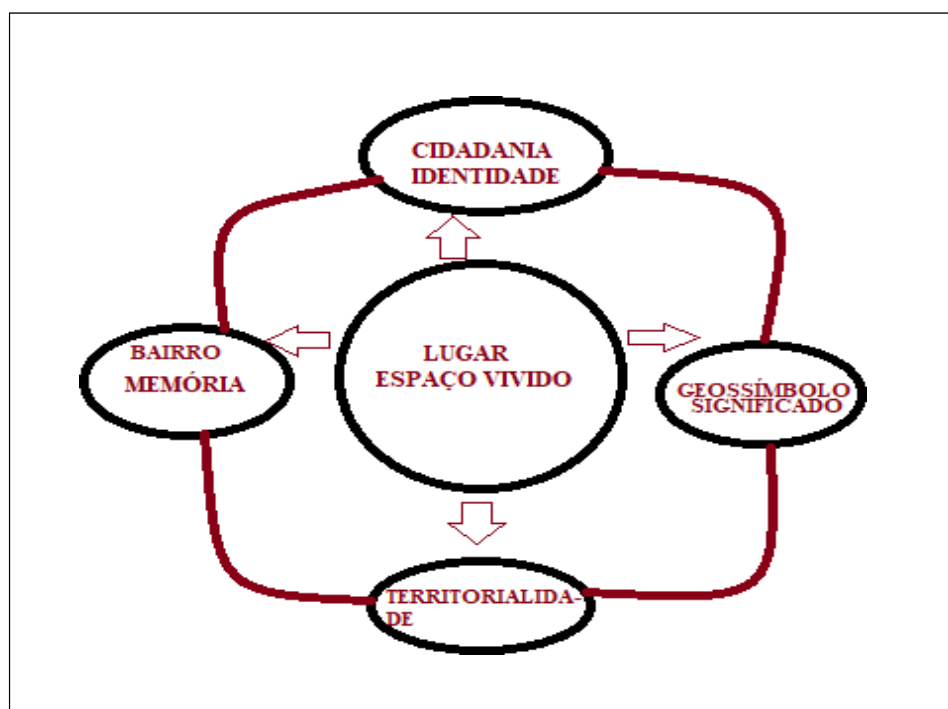
Figura 3- Consteção de Conceitos



Fonte: Haesbaert, 2014. p.34.

Espaço é o conceito à frente na geografia. Dentre todos os conceitos como região, paisagem, escala, o lugar e território estariam no centro desta família formada por conceitos. Provavelmente o Lugar seria o mais explorado nesta pesquisa também fazendo a conexão com memória afetiva. Os conceitos têm uma diversidade para além da disciplina ou ciências proposta. Necessitam de uma interconexão. Mas deve-se ter os conceitos norteadores para que eles abarquem melhor a realidade do que se quer descobrir num espaço. Representado na figura a seguir:

Figura 4- Constelação de conceitos da pesquisa



Fonte: Autoral (2020)

Por enquanto o lugar será ainda o sol nesta ‘constelação’. Lugar é a construção do espaço vivido; do latim é simplesmente um ponto de encontro. Para a abordagem humanista é um ponto que carrega uma identificação cultural, enquanto existência do sujeito, num primeiro contato com o mundo, um microcosmo, Relph (2012). Os conceitos são mutáveis e são construídos numa rede relacional. Vários conceitos na geografia são quase indissociáveis, como paisagem, espaço, lugar e território. Yi Fu Tuan afirma que o espaço é mais abstrato que o lugar. E espaço se transforma em lugar na medida em que o conhecemos e dotamos de significado.

A Geografia Cultural passou por diversos tipos de olhares relacionado as representações humanas na subjetividade cultural, desde o final século XIX. E é nessa perspectiva que se buscará uma análise sobre o objeto de estudo para a compreensão do espaço geográfico na cidade do Recife e Olinda. Daí abarcar-se-ão os bairros populares no estuário norte, localidades limítrofes, com identidades culturais e conflitos socioterritoriais, expressando, então, vivência íntima e cotidiana. Pressupondo um descortinar sobre quais os enredos do lugar de memória apresentam-se no recorte escolhido na metrópole recifense e as estratégias territoriais de seus habitantes. Este trabalho que será dividido em quatro capítulos e subitens ao passo do seu desenvolvimento.

2.2 Apreendendo conceitos e categorias à luz da Geografia Cultural: discutindo o lugar, o bairro, a memória, a cidadania e os geossimbolismos no contexto da bacia do rio Beberibe.

Para refletirmos acerca das geografias populares e cotidianas do médio e baixo Beberibe, devemos de início lançar reflexões sobre uma “geografia cidadã” que considera a lógica cultural não apenas como um pano de fundo para os quadros geográficos (GOMES, 2017), mas a entende como parte incontornável da dinâmica urbana e seus conflitos. Por conseguinte, o estudo sugere interpretar como habitantes dos espaços marginalizados do Beberibe reivindicam a inclusão de suas experiências de vida como condição de construção da cidadania.

De acordo com (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012), cidadania é um conceito de difícil consenso e fora utilizado de diferentes formas desde a antiguidade. Advindo do latim, cidadão faz referencia ao indivíduo que, de forma ativa, participada das atividades políticas coletivas. Porém foi negado a grupos sociais dependendo da moral de cada lugar, como mulheres, estrangeiros, negros, escravos, da mesma forma que tem sido negada no Brasil por séculos de formação nacional. Na França, em 1789, há uma declaração à liberdade individual independente da identidade coletiva, surgindo o indivíduo (*Idem*). Na modernidade essa cidadania vem a ganhar importância pós-revolução industrial e é firmado um “contrato” social entre o cidadão e o Estado de direito.

Os autores supracitados trazem à luz o conceito de cidadania como uma ‘identidade social politizada’, onde há uma relação maior entre o cotidiano vivenciado politicamente na construção e mobilização de uma identidade e descrevem:

Isso significa dizer que cidadania envolve modos de identificação intersubjetiva entre as pessoas e sentimentos de pertencimento criados coletivamente em inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas simbólicas. (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p.11).

Tal concepção é relevante para o presente estudo uma vez que irá trazer um diálogo entre identidades territoriais a partir da memória dos moradores da grande periferia entre Recife e Olinda, pois os limites da cidadania são formados na construção de valores e práticas e na luta por reconhecimento dos direitos exigidos à demanda daquele local. Assim, os assentamentos populares do baixo e médio Beberibe devem ser tratados enquanto uma área historicamente de

direitos negados e cujo exercício da cidadania tem sido marcado por conflitos e lacunas. E quando são negados esses direitos, existe a ideia de um cidadão bom e do cidadão ruim: o Estado distingue ou identifica esse bom cidadão usando dos impostos pagos, ao passo que o mau cidadão não desfrutaria (ao menos plenamente) dos retornos estatais.

A cidadania é uma expressão que tem uma identidade tanto individual quanto coletiva e isso mostra o quanto ela é volátil e pontual no tempo e no espaço. A despeito de identidade social politizada na construção cidadã, continuam afirmando aqueles autores:

[...] ela é uma resposta política a determinadas demandas e circunstâncias igualmente políticas, e é volátil como são diversas as situações de conflito ou de agregamento social. Porque é política, também sua força ou fragilidade depende das inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas e simbólicas (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p.12)

Por isso, o exercício de lutas sociais cotidianas vai buscando aumentar os direitos com deveres, dentro de uma real extensão positiva de resultados que diminuam os conflitos socioterritoriais. Nesse sentido, cidadania e identidade são conceitos que se aproximam e a partir do diálogo e da prática se transformam em política democrática, tão importante na coletividade e para o indivíduo. Independente do lugar, etnia, crença ou gênero de cada um de nós, deveria ser todos igualmente sujeitos dos mesmos direitos. Todavia, identidades territoriais, cultura e o contraditório exercício da cidadania demonstram, na sociedade contemporânea, a total impossibilidade de dissociar geografia cultural de questões políticas, uma vez que se estabelece um ambiente de turbulências identitárias em que:

[...] os sujeitos concernidos vivenciam significativos rearranjos na tríade espaço, cultura e política, cuja base está em processos territoriais que naturalizam, mascararam ou reafirmam certos interesses, ao mesmo tempo em que legitimam novas e velhas formas de poder político. Tal é quadro maior das relações entre geografia política e cultural (MACIEL, 2016, p.9)

No contexto brasileiro, a cidadania foi (e é) negada à maior parte da população, e criou-se uma identidade a partir da escravidão, onde as pessoas eram subordinadas, o que engendrou/refletiu-se em grande segregação socioterritorial das populações mais pobres e negras, que mesmo após conquistarem sua liberdade e individualidade, não galgaram uma condição cidadã de ter o mínimo para sobreviver, como o próprio chão. Assim:

[...] a longa experiência social da escravidão, que modelou a sociedade e, na prática, negava os direitos mais básicos de liberdade e igualdade, e seu legado persistente na sociedade brasileira representam sem dúvida limites cruciais à cidadania (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p.13)

Segundo o antropólogo estadunidense James Holston a cidadania brasileira se configura em uma cidadania que administra as diferenças sociais legalizando-as de maneira que legitimam e reproduzem a desigualdade. Essa cidadania se caracteriza pela sobrevivência de seu regime de privilégios legalizados e desigualdades legitimadas. A exemplo que o autor nos traz quando veio ao Brasil nos anos 70 e percebeu que nós gostávamos de esbanjar direitos e privilégios ao diferenciarmo-nos dos outros cidadãos anônimos, principalmente da periferia:

“Ciudadano” indicaba distancia, anonimato y terreno no común. Esta formulación consideraba además que lo que tales otros se merecen es el derecho, no el derecho como derechos sino el derecho como desventaja y humillación, un sentido que se expresa claramente en la máxima brasileña “para los amigos, todo; para los enemigos, la ley”, sentido que había sido proclamado por los residentes en 1972 cuando le pegaron al funcionario de justicia. (HOLSTON, 2013. p.56)

Desta forma, foi necessária uma luta pela cidadania, pois se fora negada toda cidadania, criando diferentes classes de cidadãos e os não cidadãos. De acordo com Holston, toda desigualdade que ainda é legalizada hoje é para manter grupos em situação de privilégio, diferenças em cidadania por questões de raça, gênero, ocupação, acesso a educação, e também pela propriedade privada.

Para manter o uma parte da população privilegiada, o Brasil fez uma classe de cidadania política, como afirma Holston (2013):

tras la independencia de 1822 y la abolición de la esclavitud en 1888, las elites gobernantes crearon una doble solución. En primer lugar, para controlar la ciudadanía política, en 1881 determinaron que el sufragio fuera directo, voluntario y restringido a los instruidos. Esta restricción redujo inmediatamente al electorado a una mínima fracción de la población (aproximadamente, el 1%). Además, en la Constitución fundadora de la República (1891), eliminaron el derecho de los ciudadanos a la educación primaria, lo que les hubiera dado los rudimentos de la betización. Este derecho ya estaba consagrado... , tras la independencia de 1822 y la abolición de la esclavitud en 1888, las elites gobernantes crearon una doble solución. En primer lugar, para controlar la ciudadanía política, en 1881 determinaron que el sufragio fuera directo, voluntario y restringido a los instruidos. Esta restricción redujo inmediatamente al electorado a una mínima fracción de la

población (aproximadamente, el 1%). Además, en la Constitución fundadora de la República (1891), eliminaron el derecho de los ciudadanos a la educación primaria, lo que les hubiera dado los rudimentos de la alfabetización. Este derecho ya estaba consagrado. (HOLSTON, 2013. P,55)

A todos os outros trabalhadores livres aqui que estavam, fora negado terras a eles. O que aconteceu foi que o trabalhador assalariado, depois que o país vira uma republica, teve que se concentrar nas cidades brasileiras. Havendo então uma densidade muito grande e uma desigualdade exorbitante, vista a paisagem de quem passa pelos lugares. Então, existindo necessidade de uma auto-construção do seu habitar na cidade, dos moradores periféricos ao centros urbanos, mediante a ausência do Estado- nação na construção da cidadania. Holston descreve que:

Por isso, afirmo que, no desenvolvimento das periferias autoconstruídas, [...] Embora continuem a sustentar o regime de cidadania diferenciada, esses elementos representam também as condições de sua subversão, na medida em que os pobres urbanos garantiram seu direito à cidade, adquirindo direitos políticos, tornando-se donos de imóveis, usando a lei a seu favor, criando novas esferas públicas de participação e se transformando em consumidores modernos. Dessa forma, as experiências vividas nas periferias se tornaram ao mesmo tempo o contexto e a substância de uma nova cidadania urbana.(HOLSTON,2013,p23)

Assim sendo, no caso do Recife, como outras cidades brasileiras, há diferentes formas de segregação socioterritorial, pautadas na ausência ou déficit da cidadania de uma população específica advinda do contexto da escravidão era necessário que integrantes dessas classes se tornaram novos cidadãos, não por meio de lutas trabalhistas, mas pelas lutas pela cidade” (HOLSTON, 2013, p. 22).. Dessa maneira, refletindo nas lutas sociais das comunidades país afora, assiste-se de modo análogo à luta da inclusão social vista em Peixinhos, reverberado pela memória social dos bairros periféricos no estuário norte do Recife/Olinda (SILVA FILHO, 2017), tal como também pela comunidade do Cabo Gato, limítrofe àquele bairro, em Chão de Estrelas, no que tange às reivindicações por moradia (CABRAL, 2014). Todos esses processos são profundamente marcados na identidade e memória das populações locais.

Michael Pollak apresenta nos seus artigos uma perspectiva construtivista de análise da memória, preocupado em compreender os processos e atores envolvidos na sua formulação (POLLAK, 1989, p. 04). Interessado em apreender as ligações entre a construção da memória e os processos políticos de gestão das identidades sociais, desenvolve suas análises a partir de uma aproximação metodológica com as histórias de vida e pesquisas da história oral.

Ciente da diversidade de postulados teórico-metodológicos presente nas distintas ciências acerca do estudo da memória, Pollak articula suas análises aos estudos desenvolvidos anteriormente por Maurice Halbwachs. Em diálogo, mas, com claras oposições à “postura quase institucional” do estudo deste autor, (POLLAK, 1989, p. 03-04; POLLAK, 1992, p. 201), esse autor desenvolve sua abordagem da memória a partir de três questões centrais: i) o caráter coletivo e social da conformação das memórias; ii) a seletividade dos registros da memória; iii) a consideração de que a memória corresponde a um fenômeno construído e organizado em diversos níveis.

Em suas palavras, a memória constitui-se através de uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” em íntima relação com as “tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes” (POLLAK, 1989, p. 09). Para ele, a memória estrutura-se segundo alguns pontos de referência que articulam *acontecimentos*, *personagens* e *lugares*: i) acontecimentos vividos pessoalmente; ii) acontecimentos “vividos por tabela” (situações vividas pelo grupo que a pessoa sente pertencer); iii) pessoas, personagens; iv) lugares da memória (POLLAK, 1992).

Tais referências podem ser lidas em seu conteúdo geográfico, sendo que no recorte empírico do presente estudo ressaltam elementos como o próprio antigo matadouro de Peixinhos, o rio Beberibe e seus manguezais, no baixo curso, e as reservas de mata atlântica nas colinas do médio curso, uma morfologia urbana marcada por habitações populares com expressiva concentração de população negra. Como diz Rogério Haesbaert (2013) identidades sociais que necessitam de ancoragens no espaço tornam-se identidades territoriais. Por isso, a população negra e pobre daquela porção da região metropolitana enxerga a si própria e a sua história através do filtro do bairro e de alguns de seus geossímbolos correlatos, dos quais tem destaque o próprio rio Beberibe.

A consideração desses pontos nos permite problematizar a primeira questão de Pollak útil à pesquisa: os vínculos entre memória e identidade, aprofundados, todavia, por fatores geográficos. Tal como destaca esse autor, a memória também se fundamenta em acontecimentos vividos por um grupo e transmitidas aos indivíduos via projeção, herança ou transferência de memórias. Em outras palavras, além de fenômeno individual, a memória pode ser constituída via “socialização política” ou “socialização histórica” (POLLAK, 1992, p. 201). Assim, se há na memória um fenômeno de projeção, uma socialização com o passado, isso ocorre devido a alguma identificação com esse passado, revelando então a existência de uma

íntima ligação entre os processos de enquadramento da memória e a formulação das identidades socioterritoriais.

Segundo, também o geógrafo Mauricio de Almeida de Abreu, a memória individual, pode, também, contribuir pela recuperação da memória das cidades. A partir delas, é possível encontrar momentos históricos e formas espaciais que desapareceram. Assim o autor lamenta:

A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável, e é por isso que as “histórias orais”, e as “memórias de velhos” vêm hoje se difundindo bastante no Brasil... É uma pena que essas técnicas de resgate da memória individual só agora tenham se popularizado. Quantas memórias de pessoas, que viveram importantes acontecimentos de uma cidade perderam-se no tempo. (ABREU. 1998. p,83).

Já para Halbwachs, as memórias de acontecimentos do passado estão totalmente dentro de nós, tal como aconteceram. É inseparável a relação entre tempo e o espaço na memória (1990). Contudo, encontramos obstáculos que, inconscientemente, não deixam que acessemos todas as partes dessa memória. E ocorre a seletividade individual do vivido, a partir da percepção de cada um. Pode ser representado de modo incompleto ou por associações indistintas de acordo com cada pessoa que viveu determinada eventualidade. Porém, quando outras pessoas e grupos contam o mesmo fato de forma diferente, de outro ângulo e outra percepção, isso não exclui o fato dessas lembranças estarem vinculadas ao meu passado e completam uma narrativa ou lança luz sobre ele. Muitas vezes nos fazendo duvidar da ordem dos fatos e “porque é impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzem com traços idênticos” (HALBWACHS, p 75. 1999).

O que ocorre é que alguns fatos do presente ou narrativas possam evocar lembranças que antes não foram reveladas a nós. Mas que está lá em nosso interior e nos deixamos guiar pela história do presente coletivo, evitando que evoquemos todas as nossas partes e daí outras memórias se sobressaem, como cita Pollack, a memória de tabela. Pois a sociedade apronta para nós, de maneira gradual, em sua construção, todos os símbolos que devemos carregar na nossa história coletiva e pessoal. Assim, também, quando visitamos bairros tradicionais, que fizeram parte de nossa história diz o autor:

[...] experimentamos uma satisfação particular em que nos contem de novo a história daquelas ruas e casa s. Ali estão tantas informações novas, mas que nos parecem, entretanto, familiares, porque se amoldam às nossas impressões... O novo quadro, projetado sobre os fatos que conhecíamos, ali nos revela mais um traço que nele se posiciona, e que recebe um significado mais claro. É assim que a memória se enriquece

de bens alheios que, desde que tenham enraizado e encontrado seu lugar, (HALBWARCHS, 1990, p. 77)

O passado está dentro das nossas memórias, independente de podermos acessá-las, como se carregássemos um espírito do passado, tal como foi vivenciado naquele presente. Trazendo à tona mais lembranças e novas associações que provavelmente não se distinguem das outras lembranças. A isto denomina-se a lembrança simulada. Para a geografia, quando o espaço de referência das memórias reporta-se a bairros, aumentam as possibilidades de interpretação.

A ideia de bairro, análoga ao conceito de região, também pode ser interpretada além da paisagem e a identidade, carregando vivência íntima, cotidiana e simbólica, como escreve Souza:

[...] um “bairro homogêneo”, definido em função de uma relativa homogeneidade morfológica-paisagística, de renda, de composição étnica etc. (ou uma combinação de tudo isso); a uma “região funcional”, vertebrada pela rede urbana e pelas relações de polarização, corresponderia um “bairro funcional”, identificado com base nas centralidades intraurbanas; (SOUZA 2013, p.152-153):

Prossegue esse autor afirmando que para a compreensão do bairro, deve-se eleger três critérios: a) “*composicional*”, b) “*interacional*” e c) “*simbólico*”, discutidos pelo mesmo no fim da década de 1980. O “conteúdo composicional” como prefere assim dizer, se refere à morfologia espacial, como as quais são definidas pela composição de classe e os tipos de atividades econômicas. Seguido do “conteúdo interacional”, que se refere às relações trocadas entre os indivíduos, tornando o espaço em algum tipo de centralidade, durante longo ou curto período de tempo. Adquirindo uma individualidade, uma identidade, no que se refere à vida de bairro, determinada pelos serviços e comércios, criando um polo de atração. Por último, o “conteúdo simbólico” trata da imagem do lugar, como subespaço intraurbano, ou seja, como um lugar “percebido e vivido” (SOUZA, 2013, p.151).

A morfologia das habitações precárias de bairros populares significa para moradores e outsiders certos conteúdos informados por seus valores, preconceitos e vivências diárias nos diferentes espaços. Assim, uma palafita na beira do Beberibe será sempre julgada a partir desse par indissociável (continente/conteúdo), presente nos referentes ideológicos (BERDOULAY) de cada sujeito social. Ao mesmo tempo, a existência de habitações precárias e bairros populares consiste em particularidade daquela bacia, porém inserida no contexto maior de uma

urbanização excludente; isto é, não se entende a periferia de Beberibe isoladamente, sem atentar ao conjunto do Recife (Nordeste, Brasil).

Baseando-se em Henri Lefévre (1983), Ângelo Serpa (2019, p.79) apresenta como pressupostos da operacionalização de conceitos em geografia os seguintes princípios: a) forma e conteúdo são inseparáveis; b) os fenômenos não devem ser considerados isoladamente; c) o particular é uma mediação permanente entre o singular e o universal; d) as contradições estão enraizadas na natureza, na sociedade e no espírito humano; e finalmente e) que a aparência – manifestação ou fenômeno – é reflexo de uma realidade concreta ou essência.

Sobre Lugar, Serpa ainda atesta:

“Se considerarmos que sempre agimos a partir de um lugar e que as ações constituem um enredo, uma enunciação, então todos os lugares são lugares de enunciação, base para a reprodução do vivido e para a realização das práticas espaciais. Mas, em um contexto de externalidades, a um só tempo impostas e hegemônicas [a globalização], há ainda a possibilidade de se falar em um ‘enredo de lugar’? Quem conta, afinal, os enredos dos diferentes lugares nas metrópoles capitalistas?” (SERPA, 2019, p.81).

Aqui é reforçada a necessidade de se considerar tanto aspectos do caráter singular e único de cada lugar, mas também o enquadramento das narrativas locais na interseção de redes locais, nacionais e até globais, como lembra Massey. Afinal, desde a ocupação pretérita do Beberibe concorrem processos planetários, como colonização portuguesa, escravização de africanos, produção de uma das primeiras mercadorias da economia-mundo (o açúcar) e etc., ao lado de contingências locais: baixa navegabilidade em comparação com o Capibaribe, refúgio de populações escravizadas, profusão de terreiros, estabelecimento do matadouro público e assim por diante. Nesta pesquisa, os enredos serão colhidos a partir das perspectivas dos moradores de bairros e comunidades populares, diferentemente engajados em esferas próximas e mundiais. Não o Beberibe do Prometrópole, mas aquele das habitações humildes em Peixinhos, São Benedito ou Dois Unidos.

Em Peixinhos, Beberibe e Dois Unidos a memória individual e coletiva está fortemente referenciada por uma geografia do trabalho (conteúdo de classe), como também pela ideia de bairro funcional, cujos locais mais icônicos são o matadouro - onde grande parte da população original foi empregada ou manteve relações estreitas (SILVA FILHO, 2017) - e os mangues e alagados do Beberibe, que possibilitavam atividades ribeirinhas de subsistência, como pesca, coleta e navegação. Mostra-se, por conseguinte, um conteúdo composicional (SOUZA, 2013),

pelas populações e sua relação com o espaço geográfico, onde a arquitetura das moradias e uso do trabalho se aparelha com o meio, tratando-se de uma população ligada a atividades árduas de sobrevivência e à pobreza.

Sobre Geografia dos espaços vividos, Serpa dá uma dica: não se trata de uma Geografia histórica ao pé da letra, mas a retomada de alguns marcos que tornam coerente, do ponto de vista dos sujeitos instigados a falar, o passado o presente e o futuro. Portanto, o apanhado histórico é apenas um conjunto de balizas que são apontadas para dialogar com os viventes de hoje:

uma Geografia dos espaços vividos deve ser capaz de resgatar a dialética entre o presente e o passado, entre o presente e o futuro, sendo a um só tempo retrospectiva e prospectiva. E com os ‘pés’ fincados no presente. É essa, em outras palavras, uma dialética da diacronia e da sincronia, das sucessões e das coexistências, como propõe Santos [1996], já que o entendimento dos espaços vividos no presente pressupõe a consideração do eixo das sucessões e o eixo das coexistências” (SERPA, 2019, p.84).

Serpa refere-se ao duplo entendimento miltoniano de tempo: *histórico*, como decurso dos acontecimentos sequenciais, e *geográfico*, enquanto simultaneidade dos fenômenos sobre a superfície da Terra (o tempo da vida de todos, aqui e agora). Por conseguinte, constrói o entendimento dos espaços vividos como se segue:

“Uma Geografia dos espaços vividos reconhece e busca revelar o papel de intermediação do cotidiano e das representações espaciais, nas relações sociedade-espaço, o cotidiano visto aqui como um conjunto de momentos e eventos espaço-temporais, que dá concretude aos processos de alienação e desalienação, revelando também os limites das análises estritamente morfológicas e/ou ecológicas em Geografia, e mediando as dimensões material e abstrata na produção do espaço. A noção de espaço vivido representa, para Frémont [1980], uma ruptura com uma Geografia que se quer demasiadamente objetiva. É uma inversão de olhar, um convite para que os geógrafos se coloquem na posição dos habitantes de um território, para compreender como vivem e produzem/criam espaço. Um convite para se debruçar sobre as dimensões da vida cotidiana e aprofundar o papel das representações nos processos de produção do espaço” (SERPA, 2019, p.85).

A identidade territorial do bairro remete ainda ao pressuposto de Haesbaert (2013, p. 235) de que “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente por meio do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias

quanto no da realidade concreta”. Visualizada na imagem (04), sua relação cotidiana das frentes de casa, na parte de barracos e pafitas de Peixinhos na beira do rio em questão, dentro do território do Recife.

Figura 5- Vizinhos socializando no fim da tarde de frente de suas casas na favela do Condor



Fonte: Autoral 2019

O bairro, assim, resulta de uma identificação tanto material quanto do campo das ideias. Partindo dessas premissas, pode-se aventar que através da vivência cotidiana dos moradores, o território concreto-simbólico do bairro torna-se coerente com a noção de lugar⁹. Segundo ABREU (1998), o lugar é onde acontece a solidariedade, por necessidade de se viver junto. É o locus da coletividade. Neste sentido o autor afirma que “a memória de um lugar, a memória de uma cidade, portanto, é uma memória coletiva.” (ABREU, 1998. p,82)

⁹ Outra possibilidade seria ao recurso aos conceitos de paisagem e cidadania paisagística. Para Barbosa (2018, p.52) o contexto urbano contemporâneo permite interligar o debate da cidadania com o da paisagem, uma vez que ambos são tomados como “importantes vocábulos na luta por reconhecimento (social, cultural, político e jurídico) e pertencimento dos grupos na sociedade. Nessa luta, tais conceitos assumem um papel central na construção de novas estratégias de investimento de si no espaço público, na articulação entre os desejos e a produção de novos instrumentos de reconhecimento social”. Daí, análises geográficas podem atentar para diferentes maneiras pelas quais sujeitos coletivos constroem e articulam paisagens como estratégias de busca por cidadania. No entanto, a aproximação utilizada na presente dissertação detém-se ao trinômio identidade territorial, memória e cidadania, dialogando preferencialmente com concepções contemporâneas de lugar.

O lugar como conceito vai se basear na concepção de como os humanos percebem e se relacionam com o mundo (RELPH, 2012). Esta relação de bairro e lugar perpassa relações muito imediatas, tanto nos conflitos, como na construção da identidade positiva da localidade, assegurando ancorar sentimentos e relações vividas por aqueles que ali habitam ou por ali transitam. Conforme Halley (2014, p. 46),

O bairro urbano é aqui também compreendido como um microcosmo, um lugar de existência coletiva em contato imediato com o mundo e com suas metamorfoses, mas que, todavia, ainda preserva sua essência enquanto lócus de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda apreendido como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica, cujos moradores externam as singularidades do lugar através de uma consciência coletiva de pertencimento. (2014, p. 46)

Para o sociólogo Roberto DaMatta, a rua é uma extensão da casa, onde colocamos diferentes valores, sendo a rua ligada a crueldade da vida, de luta, mas também um espaço de lazer DaMata (1994). A casa, por sua vez, traz um sentido de honrar, cuidado e segurança. Assim diz o autor “Temos que nos dar conta que vivemos numa sociedade onde a casa e a rua são mais que espaços geográficos. São modos de ler, explicar e falar do mundo.”(DAMATTA, 1994. p.28). Sendo assim, a rua e a casa se tornam as primeiras relações humanas no microcosmo dando sentido a lugaridade (RELPH, 2014).

A vivência pessoal também pode ser chamada de ‘interioridade’ (RELPH, 2014, p.24), como uma forma mais intimista de conhecer o lugar, da vivencia diária, que se diferencia do pesquisador observador ou o turista em outros casos. Pois se refere à familiaridade e os lares, quando se está em casa é uma forma de interioridade intensa, refletindo plena segurança. Por esta relação com seu entorno, é evidente a criação de um laço de significados com possíveis coisas e atividades. Deve-se tomar este sentido de lugar com alguma reserva, uma vez que pode ser também interpretado como uma **a**abordagem conservadora (e até reacionária)¹⁰ da relação das pessoas com o espaço, levando a um sendo de lugaridade excludente com os demais, com

¹⁰ O sentido reacionário de lugar é frequentemente ligado a ações de autosegregação, xenofobia e apartação de grupos abastados ou remediados diante do estranho, estrangeiro, pobre ou ameaçador. Consiste em posturas defensivas, puristas e românticas criticadas por autores como Harvey (1990) e Massey (2000). Ao invés da metáfora da “casa” os autores progressistas preferem aquela do “nó”.

os de “fora”, como critica Massey (2010), ao comentar as ideias presentes em *Place and Placelessness (Lugar e Lugar-sem-lugaridade)*. A autora comenta que:

Há no momento alguns sentidos muito problemáticos de lugar, dos nacionalismos reacionários aos localistas competitivos ou as objeções introvertidas com “herança”. Precisamos, portanto, pensar no que possa ser um sentido adequadamente progressista (MASSEY, 2000, p. 181)

Esse tipo de atitude exclusivista é admitido pelo próprio Relph (2014) como ‘sentido contaminado de lugar’, que será mencionado no terceiro capítulo do trabalho. Portanto, aceita-se aqui a crítica quanto aos sentidos essencialistas de lugar, sem que para isso seja necessário desconsiderar sua singularidade e originalidade, valendo-se dos aportes de Massey (2000) quanto ao caráter dinâmico, interacionista e acolhedor de múltiplas identidades que o conceito comporta quando inserido numa rede de relações multi-escalar.

Neste sentido, a conformação de identidades está diretamente relacionada aos processos de gestão da memória no espaço, pois ambas envolvem tentativas de negociação e de reconstrução de si perante os outros e o lugar. Memória e identidade são, de partida, consideradas por Pollak (*op. cit.*) como estruturas de conexão entre indivíduos e grupos. Entretanto, nesses processos de negociação das identidades, além da ligação entre os indivíduos ocorre, igualmente, o estabelecimento de fronteiras de pertencimento, de um sentimento de continuidade temporal e a constituição de unidade social, o que Halley (2014) chama de “convivência social específica”, marcada pelas particularidades morfológicas do espaço. Percebe-se então que, além de relacionada à produção de significados vinculados com a coesão social, a memória também se desenvolve como uma ação socioterritorial com sentido político claro de diferenciação.

Diferentemente de Halley, Pollak ressalta que o caráter político da memória revela um elemento problemático e conflitivo das memórias coletivas: o estabelecimento de formas de dominação e violência simbólica. Para este último, nos processos de ‘negociação’ entre indivíduos e coletividades a memória não é imposta a nenhum dos lados, mas se conforma a partir de uma “violência simbólica com funções positivas” que reforça a coesão social, não via coerção, mas por “adesão afetiva ao grupo”, conforme a constituição de “comunidades afetivas” (POLLAK, 1989, p. 03-04). Igualmente, tal processo de “negociação” se faz a partir de uma “seletividade da memória”, de um trabalho e interpretação dessa memória para estabelecer uma base comum, pontos de contato capazes de interligar indivíduos e coletividades. A partir dessa especificidade política, o autor demonstra que a memória coletiva se caracteriza, na verdade,

como uma “memória enquadrada” conformada a partir de um processo de disputa e investimento dos grupos na busca por diferenciação e dominação perante os demais. Já para Halley o bairro consiste mais num microcosmo de vivência íntima onde ressalta a familiaridade e uma convivência amistosa se sobressai, não obstante as pequenas rixas inevitáveis a qualquer coletividade.

A preocupação central que surge nas propostas de Pollak vincula o estudo da memória, bem como o estudo da história, como um campo de luta simbólica, buscando assim problematizar as formas como o enquadramento da memória se estabelece no permanente jogo de negociação social, na conformação das relações de dominação que estabelecem uma memória dominante. Para tal, a memória está no presente sem se opor ao passado, entretanto, não revela nem preserva todo o ocorrido nesse passado. Assim, a presença do passado no presente, alcançável via memória, revela uma dimensão polivocal e seletiva do passado, sempre influenciada pelas idiossincrasias de quem o observa, a partir de suas experiências distintas, derivadas dos papéis sociais que desempenham. Na perspectiva geográfica, tal disputa ressalta o papel do espaço e especificamente das identidades de bairro, e conflitos socioterritoriais, sendo necessário, contudo, considerar concomitantemente o quadro positivo apontado por Halley.

Buscando diálogo com esses autores, o trabalho propõe partir da ideia de Pollak (1989) sobre interpretação da memória na diversidade dos modos de vida, incorporando a proposta de vida de bairro trazida por Halley (2014). Assim as referências identitárias e os engajamentos sociais vinculados às lembranças do passado são também referências socioterritoriais circunscritas ao bairro, mas em constante interação com escalas mais amplas, como cidade, periferia, região. Por fim, se Pollak problematiza como a memória se assenta na relação indivíduos-coletividades, vinculando tais lembranças com a (re)produção dos fatos sociais, Halley atenta para as relação positiva indivíduos-coletividades que remete a memórias do lugar. Mesmo que consideremos identidades territoriais e sentido de lugar, as contradições e os conflitos sempre aparecerão: moradores da mesma favela podem concordar ou discordar das remoções de barracos ribeirinhos pelo Prometrópole, por exemplo. Neste sentido, Serpa afirma:

“[...] uma Geografia dos espaços vividos é também uma Geografia cognitiva das representações sociais e espaciais, pensada como uma forma de elaboração de conhecimento que dê conta das complexas estruturas de representação da sociedade produzindo e reproduzindo espaço. Assim, o objeto dessa Geografia das representações sociais e espaciais deveria ser as lutas a respeito da identidade” (SERPA, 2019, p.86-87).

Ele conclui afirmando que “se os espaços de representação contêm os espaços percebidos e vividos dos diferentes grupos e classes sociais, é certo que eles contêm e expressam também as lutas e os conflitos dos diferentes grupos e classes pelo domínio das estratégias de concepção desses espaços” (*Idem*, p.87). Basta lembrar toda a simbologia e linguagem do movimento Mangue Beat ligado aos espaços dos bairros de Chão de Estrelas e Peixinhos, cujo “enredo” de cidade, nascido contra hegemônico, desperta empatia até hoje no imaginário dos moradores de periferias de Olinda e Recife, por assim dizer (SILVA FILHO 2017):

A singularidade musical do bairro, do pop rock ao maracatu, do coco de roda ao hard core, conformam o que de melhor esteve nos anos de 1990 como Chico Science e Nação Zumbi. Então ao entrarmos hoje Nasedouro de Peixinhos nos deparamos com um geossímbolo que também expressam a cultura pop/rock musical do bairro, com os reflexos, ainda, do Movimento Mangue Beat (SILVA FILHO, 2017 p.42)

Para completar a análise, numa perspectiva geográfica, tal disputa ressalta a espacialidade da cultura através de geossímbolos. No campo da Geografia Cultural, Joel Bonnemaïson (1981, p.258) define espaço cultural como o lugar de certa escrita geossimbólica¹¹, isto é, uma geografia elaborada por um grupo social, etnia ou sociedade. Para esse autor a ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada daquela de território enquanto rica relação constituinte das identidades locais: “É de fato pela existência de uma cultura que se cria um território e é através do território que se concretiza e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço” (BONNEMEISON, 1981, p.254).

Quer dizer, todo grupo social busca colocar suas marcas físicas e culturais em dado território e vice-versa, embora o resultado nem sempre seja visível para os forasteiros. Bonnemeïson prossegue afirmando que tais espaços não são obrigatoriamente fechados, delimitados ou cercados ao modo de fronteiras. O que ocorre com mais frequência é justamente o inverso: território não se trata de um tecido denso e intricado, indutor de comportamentos estáveis. Tal noção aproxima-se do que posteriormente ficou conhecido como território-rede,

¹¹ De acordo com Roberto Lobato Corrêa (2012, p. 103) formas simbólicas espaciais são importantes elementos de criação de identidades, constituindo aquilo que Bonnemaïson define enquanto geossímbolos, isto é, marcas identitárias que individualizam uma porção do espaço e um grupo social. Tal será a concepção de geossímbolo adotada nesta pesquisa.

um espaço resultante de um conjunto de lugares interligados e hierarquizados em uma textura de itinerários.

Em resumo, a memória não é apenas uma questão de herança do passado. Ela corresponde, antes de tudo, a um fenômeno vinculado às experiências do presente e reporta-se a um dado espaço. Partindo de tal pressuposto, o presente trabalho almeja contribuir ao debate sobre como a memória, e os processos de reconstrução do passado dialogam com a instituição de identidades coletivas e os processos de disputa territorial na cidade contemporânea e seus conflitos socioespaciais no lugar de vivência íntima, na perspectiva da Geografia Cultural.

Desenvolvendo o raciocínio através do aporte de Pollak (1989; 1992) e Halbwachs (1990) nas suas contribuições sobre memória como um processo não completamente ordenado e em constante construção, levantam-se dois aspectos de sua reflexão: i) os vínculos entre memória e identidade em bairros populares do médio e baixo Beberibe; ii) os processos de enquadramento e disputa da memória a partir de algumas narrativas de moradores entrevistados nesses recortes.

A valorização das memórias, práticas e relações peculiares dos grupos com seus espaços aponta a possibilidade de não olvidarmos o debate sobre cidadania paisagística (BARBOSA, 2018). Histórias de vida e pertencimento aos lugares podem desembocar em questões relativas ao direito à paisagem, ainda mais quando se considera que os espaços ribeirinhos do Beberibe estão submetidos a intensas transformações morfológicas via projetos de reurbanização. O “silêncio da paisagem”, em plena erradicação da pobreza das margens do rio (por exemplo, através de obras do Pró-Metrópole) pode ser sintomático de uma exclusão social: por que grupos sociais locais não reivindicam cidadania *na* e *pela* paisagem? Assim é que o reconhecimento de diferentes formas de ver e viver o espaço não pode ser desconsiderado pelas práticas urbanísticas e “requalificações” de espaços, ainda que estas sejam desejáveis do ponto de vista da sociedade (erradicação da miséria) ou urgentes do ponto de vista sanitário e ecológico.

Faz-se aqui a apreensão da memória e das permanências do passado que será desenvolvida a partir da compreensão do tempo como movimento que (re)constrói o espaço a partir da sua interdependência com o espaço e suas diversas dinâmicas e usos sociais. Considerando, por fim, que os geossímbolos ao longo do Beberibe são importantes indicadores das ligações intrínsecas entre pessoas, lugares e história, como retomaremos mais à frente.

3 MEMÓRIAS E GEOGRAFIAS DO BEBERIBE: A FORMAÇÃO PERIFÉRICA ÀS MARGENS DE UM RIO LITORÂNEO E OS BAIRROS DE PREDOMINÂNCIA NEGRA ENTRE O RECIFE E OLINDA.



Rio Beberibe ao anoitecer, na comunidade de Ponte Preta em Olinda. Nas duas margens moradias de palafita. Muito comum os jovens tomarem banhos aos pulos desta ponte pela tarde.
Fonte: Autoral, 2018

“O rio não é mais o rio. Sem serventia, morto.”

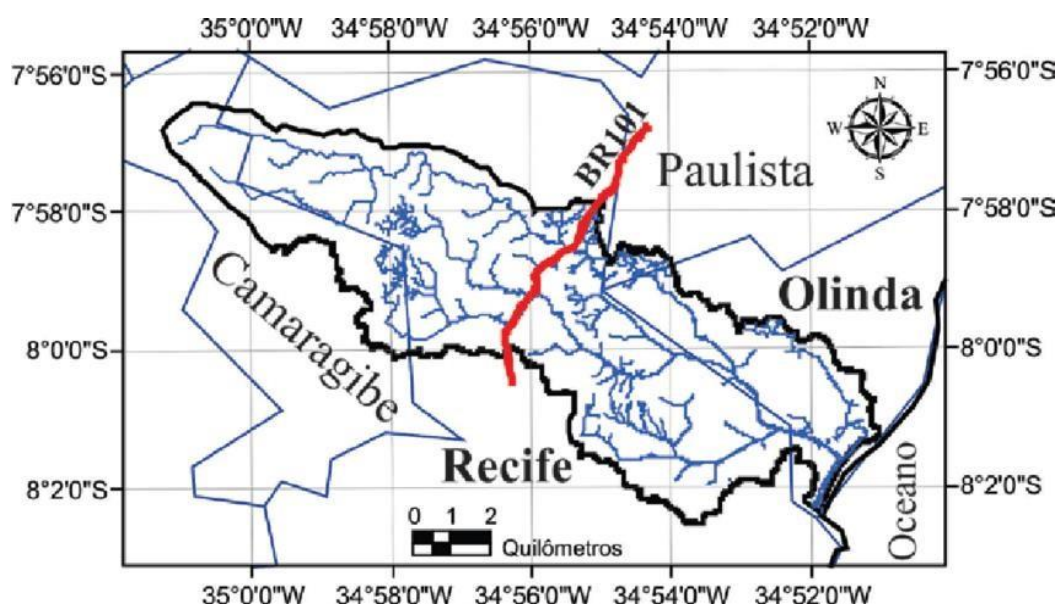
- Maurício, morador da Linha do Tiro.

3.1 Geografando um rio: o quadro natural e a ocupação humana do Beberibe – um desarranjo ambiental entre o Recife e Olinda.

Para tratar da identidade moradores/território, o recurso aos aspectos naturais é sempre necessário, ainda mais quando se considera uma zona urbana periférica organizada em torno de um rio e suas margens, tal o caso do Beberibe. A origem do corpo d’água em si encontra-se numa região com pouco adensamento populacional, completamente inserida no território da Região Metropolitana do Recife. Quanto à compartimentação hidrográfica, o alto curso vai

de sua nascente, no antigo Engenho Pau Ferro, até a chegada à rodovia BR-101, ao Norte do Recife estando esta área de fora do recorte de análise, mostrada na figura (04) seguinte. Após a rodovia, no bairro já densamente populoso da Guabiraba, inicia-se o médio curso, que prossegue até se encontrar com o rio Morno, no bairro homônimo (Beberibe), na divisa entre o Recife e Olinda. Por conseguinte, o baixo curso se estende por mais de 10 km numa grande planície alagável de mangues e marés até a praia de Del Chifre, no istmo de Olinda¹². As duas últimas unidades, de urbanização densa, são objeto de interesse da presente investigação.

Figura 6- Rodovia BR-101 demarcando o setor do alto curso, do qual fica de fora do interesse da pesquisa por não apresentar grande adensamento populacional.

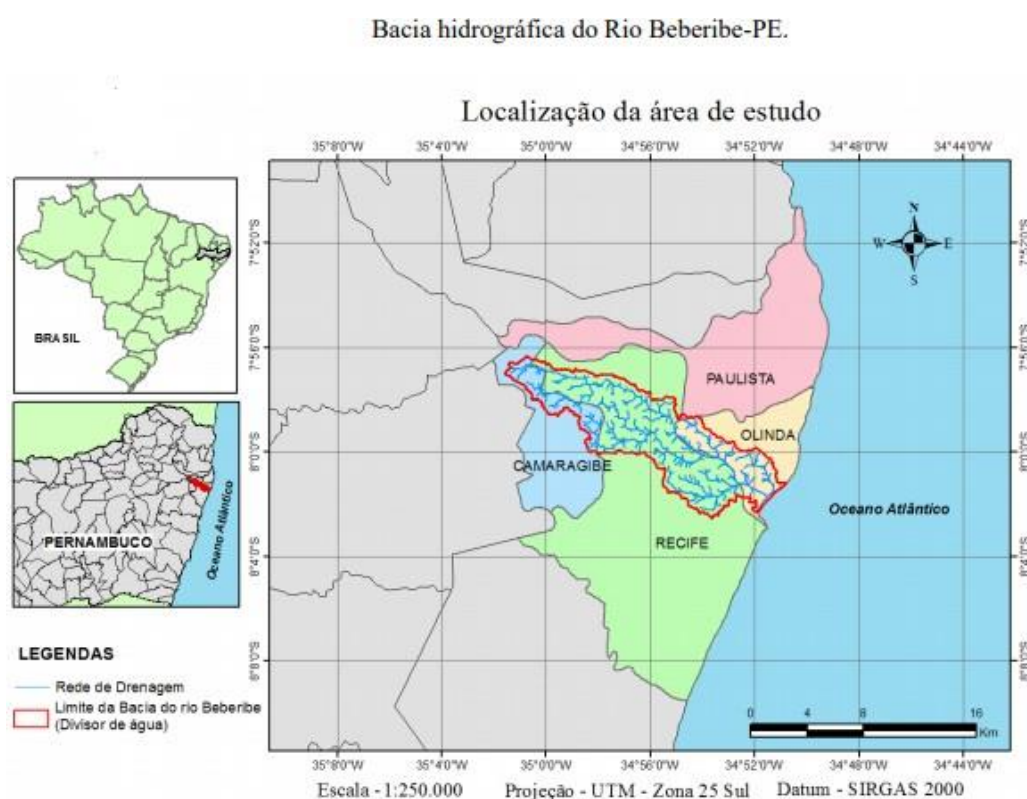


Fonte: (SIRGAS, 2000) https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Bacia-Hidrografica-do-rio-Beberibe-Pernambuco-Figura-1-Beberibe-river_fig1_312179888 Acessado em 20/06/20

¹² Conforme Hernani Loebler Campos (2008, p.238) “O rio Beberibe nasce nas terras do antigo engenho Pau Ferro, no município de Recife, à altitude de 130m, percorrendo um total de 31km até o Oceano Atlântico”, sendo formado pela confluência dos rios Pacas e Araçá.

Este pequeno rio nascido da confluência de riachos das matas do município de Camaragibe, na RMR com nome de Beberibe, que tem origem indígena e traduz-se, do tupi, para “rio das raias ou peixes chatos” Galvão (1908). Observando-se sua localização espacial na figura (05) , em escala nacional e regional, pode-se constatar a sua modesta dimensão na metrópole recifense (bacia de 75,45km² e extensão do canal principal da ordem de 30 km), como um pequeno rio intraurbano, com diferentes sítios físicos, exigindo dos seus habitantes, distintas formas de territorialização dentro da sua formação geomorfológica, entre suas colinas aluviais argilosas e sua planície alagada pantanosa.

Figura 7- Localização em escala territorial da bacia em questão, dentro da região Nordeste e no litoral de Pernambuco, marcada em vermelho, com todos seus afluentes e subafluentes.



Fonte: (SIRGAS, 2000) https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Bacia-Hidrografica-do-rio-Beberibe-Pernambuco-Figura-1-Beberibe-river_fig1_312179888 Acessado em 20/06/20

Recebendo outros riachos, tais como Morno, Macacos e Vasco da Gama, vem seguindo em meandros sentido oeste-leste até o encontro com o Canal da Malária, quando toma o sentido sul, até confluir com o Capibaribe e o mar (CAMPOS, 2008, p.239). Para esse mesmo autor, até meados do século XIX o Beberibe foi a principal alternativa de abastecimento hídrico para Recife e Olinda, apesar de sua menor importância econômica quando comparado ao Capibaribe. Mesmo menos relevante no contexto regional, da sua nascente até chegar ao povoado de mesmo nome do rio, início do baixo curso, possibilitou o surgimento do primeiro arrabalde distante do centro urbano do Recife ou Olinda. Posteriormente, foi se consolidando aí uma periferia limítrofe. A menor importância do rio se dava, além do pequeno curso e reduzido volume d'água, por conta de grandes bancos de areia acumulados na parte inferior do leito, havendo secas no verão. Após o povoado, há uma maior abundância de águas, chegando a ter extensão de largura de até seis metros e seis de profundidade, como descreve Galvão (1908):

o vale deste rio, desde a sua nascente até a povoação de Beberibe, é muito estreito, porém da povoação para baixo alarga-se bastante, de maneira que, a pouca distância, entre a grande várzea denominada pântano de Olinda. Os terrenos laterais ao rio são de barro ferruginoso e massapê, e nos lugares mais baixos, ariscos; segundo dizem, não são de grande produção; mas, é de presumir não seja isso exato, porque ali se encontram muitas plantações, tais como mandioca, macaxeira (aipim), que produzem em grande abundância, e em alguns lugares também se encontram a cana de açúcar, o feijão, o arroz, e até mesmo o ananaz, abacaxi, cujas plantações alcançam grandes proporções, e produzem abundantemente sem auxílio de estrume.

Por sua vez Campos (2008, p.249) lembra que “a intensa procura do açúcar pela Europa e seu lucrativo comércio ocasionaram uma expansão dos canaviais e a instalação de vários engenhos nos baixos cursos do Capibaribe e Beberibe”. A atividade canavieira contribuiu, assim, ao direcionamento e fixação de população escravizada para o trabalho agrícola.

Os principais afluentes que irão se incorporar ao Beberibe no médio curso são o riacho Pimenta e o rio Morno, este possuindo uma bacia hidrográfica de 10 km², contribui muito para o abastecimento do rio principal, dando sua maior forma para seguir pela planície estuarina. Este último afluente foi assim denominado popularmente por passar por uma grande extensão de terrenos alagados, quase que despido de árvores, ficando exposto aos raios solares que aquecem suas águas. O baixo Beberibe percorre 11 km (Galvão, 1908) desde o bairro de mesmo nome até sua foz. Depois de receber as águas do canal do Arruda, antigo rio Água Fria, no

Recife, do riacho Lava Tripa no bairro de Águas Compridas e do canal da Malária, no bairro do Varadouro em Olinda, faz uma curvatura acentuada à direita em direção ao istmo de Olinda, encontrando o Capibaribe para desaguar no mar.

Porém, muitos afluentes foram perdidos devido a sua ocupação territorial na metade do século passado pra cá, pois segundo Campos (2003), e Galvão (1908), o beberibe possuía 12 afluentes, como os riachos Pimenteiras e Dois Unidos. Dois Unidos, por sua vez é também o nome de um dos bairros onde se localizava o riacho, hoje, densamente habitado, entretanto marcado pela grande reserva de mata atlântica presente na paisagem natural urbana.

Figura 8- Vista por cima das residências da reserva de mata de Dois Unidos-Recife



Fonte: Autoral (2019)

Preteritamente, o Beberibe desaguava no mar de Olinda de acordo com Josué de Castro (2013). Sua foz desembocava nas cercanias do Varadouro, onde se construiu no século XVII uma represa, formando uma língua de terra (istmo) entre o rio e a praia de Del Chifre. Estendia-se o cordão de areia até a ilha do, hoje, Recife Antigo. A obra ocorreu que para que não houvesse mais influência da maré, assim, com a água represada, ela estaria própria para o consumo e se tornaria a fonte principal de abastecimento entre as duas cidades. Este fato será abordado mais à frente.

Observa-se na fotografia a seguir, tirada em meados do século XIX, o rio e suas matas, já no baixo curso do mesmo.

Figura 9- O Rio Beberibe fotografado por Augusto Stahl em 1858



Fonte: <http://vozesdazonanorte.blogspot.com.br> acessado em 10/05/2020.

Pela densidade das matas, as águas ainda não poluídas no início do século XX, a região era um atrativo para diversas explorações, como também área de lazer. Com a chegada da Assembleia de Deus em Pernambuco, em 1918, grupos de evangélicos se dirigiam ao isolamento para suas práticas religiosas¹³, assim fora reverberada na fala do morador no médio curso, entrevistado no bairro de Passarinho, que diz “vinha muita gente de fora fazer piquenique, grupos religiosos, os evangélicos faziam batismo aqui” (Entrevista concedida em 01/10/2019). O batismo como um ritual de entrada para a religião é representada em foto no início do século na figura a seguir.

¹³ Cf. Jânio Odon de Alencar, blog **Vozes da Zona Norte**, 2014. Disponível em: <https://vozesdazonanorte.blogspot.com/2014/05/o-secular-bairro-de-beberibe-recife.html>, acessado em xx/xx/2020.

Figura 10- O missionário sueco Joel Carlson, que morava na tradicional Casa do Pavão e foi o fundador da Assembleia de Deus em Pernambuco, no ritual de batismo



Fonte: Diário de Pernambuco, Acessado em 15/05/20 no blog Vozes da Zona Norte.

Ainda sobre a morfologia do rio com suas nuances, meandros, trechos dentre as matas e pântanos, há descrições sobre sua navegabilidade a partir do estuário, passando pelo baixo curso até o arrabalde homônimo, no médio curso. Com o passar do tempo, a navegação vai se tornando cada vez mais complicada. Conquanto, de acordo com os escritos de Mello (1992, p. 200):

O Beberibe era navegável por canoas desde a sua nascente, algumas léguas acima da povoação do mesmo nome. Contudo, logo a montante do varadouro de Olinda, a navegação tornava-se quase impraticável, devido à grande extensão de plantas aquáticas que cobria o extenso lago que aí se formara. Não tendo o rio um canal bem definido, as canoas se viam na contingência de fazer “imensas voltas, gastando imenso tempo que costuma ser de quatro horas para subir e duas ao menos para descer” segundo dizia a Câmara de Olinda. (MELLO, 1992, p. 200)

Portanto, a várzea do Beberibe se compunha em seu baixo curso em intricados pântanos e áreas inundadas ou inundáveis durante o inverno, perto de sua chegada ao istmo de Olinda, dificultando, desta maneira sua navegabilidade. Isso decerto influenciou no processo de ocupação de suas margens, resultando em uma área próxima do centro do Recife que, no entanto, permaneceu muito tempo como uma periferia sem grande densidade populacional, habitada, sobretudo pela população negra.

Ainda em relação à sua natureza restritiva à navegação, Gilberto Freyre chamou atenção para que as canoas representavam os tipos mais comuns de embarcações para suplantar tal deficiência, havendo desde modelos aristocráticos para o transporte da elite entre Recife e Olinda, quanto versões para pesca, carga de trastes, água potável, dentre outros fins (FREYRE, 1933). Daí o historiador Marcus Carvalho assegurar que escravidão e águas se combinaram para conferir ao Recife “um dos aspectos mais singulares da sua personalidade: a presença de canoeiros escravos cortando os rios de lado a lado” (CARVALHO, 1997, p.85).

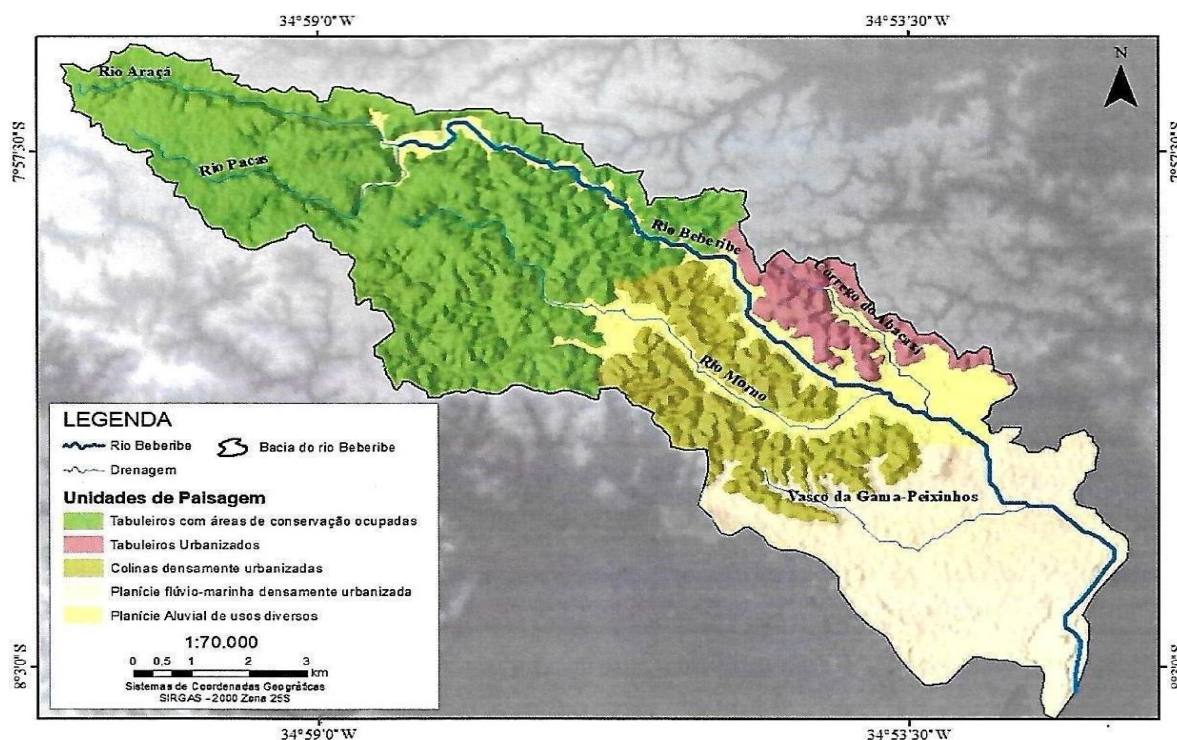
Ainda do ponto de vista geo-histórico, é importante demarcar o contexto “marginal” do Beberibe face ao Capibaribe, como assevera Bruno Halley:

Ao se estudar a presença histórica do negro em Pernambuco, nota-se a singularidade do rio Beberibe enquanto meio de trabalho, moradia e transporte para homens e mulheres cativos, livres e libertos. O Capibaribe, por sua vez, esteve mais associado aos senhores da terra, dos engenhos de açúcar, e depois, dos aristocráticos sítios de arrabaldes. Às margens do Beberibe, negras lavavam roupas, pescadores tiravam seus sustentos e canoas de todos os tipos (d’água, condução e varejão) subiam e baixavam o rio, nas tarefas prosaicas de transportar gente, água e material de construção (HALLEY, 2019, p.238-239).

Hoje o rio e os bairros pesquisados entre o médio e baixo curso, densamente habitados, que margeiam a calha do rio com resquícios da Mata Atlântica, em uma zona de barreiras, colinas e tabuleiros costeiros.

. A oeste desta rodovia a área da bacia apresenta baixo índice de ocupação, Completamente diferente do trecho densamente urbanizado, a leste. Como veremos abaixo (figura tal) sobre as unidades de paisagem morfológica da bacia hidrográfica:

Figura 11- Bacia hidrográfica em suas diferentes unidades de paisagem geomorfológica



Fonte: A autora.

Fonte: LIMA, 2018.

Algumas áreas dos tabuleiros e colinas podem chegar a mais de 100m de altitude, com topos planos, solos argilosos ou argissolos (LIMA, 2018), sendo suscetível que haja nascentes de afluentes e subafluentes, como é o caso riacho Vasco da Gama – Peixinhos, o rio Morno que se derrama ao Beberibe no próprio bairro e o canal Lava Tripa. Estes afluentes têm suas áreas densamente ocupadas desde suas nascentes até a confluência no baixo curso da bacia; e muitos outros riachos menores, que por sua vez, dão os topônimos de ruas ou lugares dos bairros, como os conhecidos “córregos”, mostrado na próxima fotografia. No Córrego do Curió, no bairro de Dois Unidos, entrevistou-se o morador Christian Douglas dos Santos, técnico em informática. Ele comenta que:

“Durante a pandemia a prefeitura construiu toda essa cobertura aí. Esqueci o nome, acho que é muro de arrimo. Inclusive contratou algumas pessoas daqui da rua pra mão-de-obra. Digo, isso antes das eleições. Murou, fez escada e corrimão onde era área de risco. Aqui ainda é Dois Unidos, Desceu a esquina é Nova Descoberta.” (Christian Douglas, 26 anos, janeiro de 2021)

Figura 12- Obra da prefeitura com muros de arrimo contra o deslizamento de barreiras

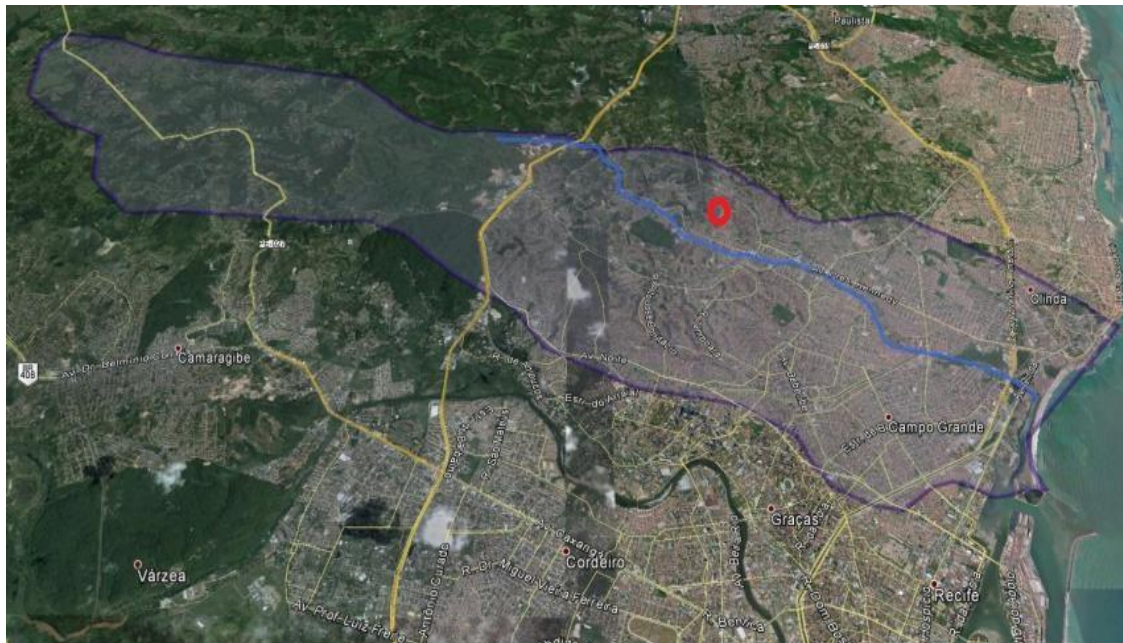


Fonte: Autoral (2021)

Durante a entrevista, além da moradia precária e os riscos de deslizamento por conta do desmatamento fazendo com que o solo, conhecido com argissolos (LIMA, 2018) fique exposto a erosão, o morador conta que existe muita dificuldade de locomoção na região, a prefeitura disponibiliza uma linha gratuita, que leva os moradores até o terminal de ônibus de Dois Unidos e até a Linha do Tiro. Como destacou o morador, *“aqui é bom é que é perto da UPA de Nova Descoberta, a mata aqui na frente, tem também um postinho aqui na rua, que quem vai mais são as mulheres, não sei dizer o porquê. E se tem alguma liderança daqui do bairro, eu desconheço.”*

Aqui, por exemplo, podendo ser vista tal densidade por uma imagem de satélite do Google Earth Pro e a localização da bacia na RMR, além de uma fotografia retirada do bairro de Alto Nova Olinda, divisa com o lixão de Aguazinha (Olinda), nos limites da bacia, fazendo fronteira com a zona rural de Olinda, visualizando horizontalmente a densidade populacional.

Figuras 13 E 14- Densidade ocupacional vista através do Google Earth, marcando a área da bacia dentro da RMR, uma ocupação que por sua vez é dividida pela BR-101. Na segunda, uma fotografia retirada do bairro do Alto Nova Olinda



LEGENDA: Rio Beberibe: — Bacia Hidrográfica do rio Beberibe na Região Metropolitana do Recife: —

○ localização da fotografia tirada para a paisagem urbana entre Recife e Olinda

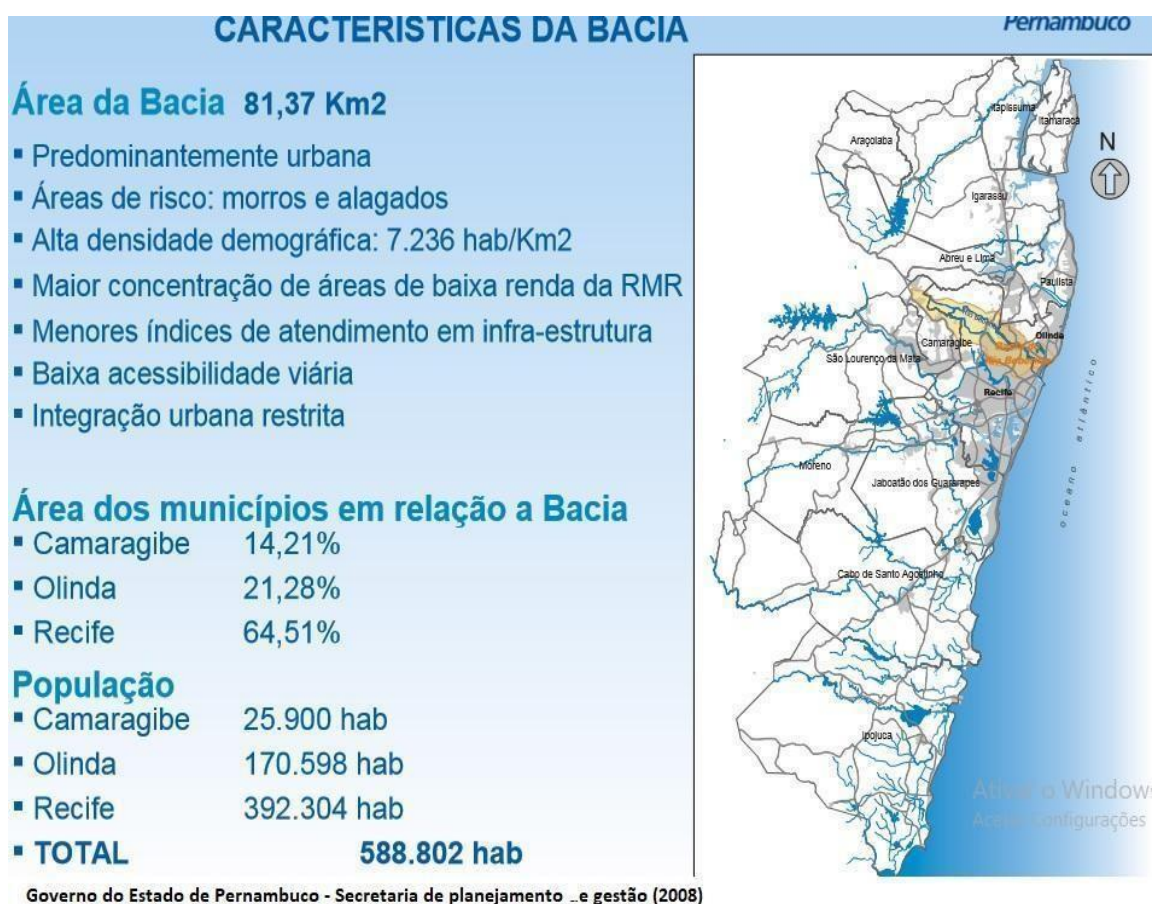


Fonte: Adaptação autoral 2020

À leste da BR-101, apresenta-se elevado índice de ocupação urbana, descendo em direção à parte norte da planície flúvio-marinha do Recife. A área da Bacia do Rio Beberibe apresenta hoje uma população total que se aproxima dos 590 mil habitantes FIMDEM (2008) distribuídos ao longo de seu pequeno território, transformando-a em uma área predominantemente urbana e de alta densidade demográfica, com cerca de 7.300 hab/km².

Registra a maior concentração de assentamentos de baixa renda da RMR, espalhados em áreas de risco, em morros e alagados e apresenta os menores índices de atendimento em infraestrutura urbana (FIDEM, 2008). Logo em seguida pode-se ver o mapa da bacia hidrográfica do rio (Figura 12), demarcada na região Metropolitana do Recife e seu estuário, tão característico no imaginário litorâneo da região.

Figura 15- Dados gerais da bacia.



Fonte: Plano Estruturador da Bacia do Beberibe (FIDEM, 2008)

A forma de ocupação urbana da área da BHRB (Bacia Hidrográfica do rio Beberibe) foi acompanhada, desde suas origens (HALLEY, 2019), pela degradação do ambiente físico-natural de forma tão intensa que gerou um ambiente construído que, em quase sua totalidade, está submetido a riscos e, de forma generalizada, com baixa qualidade do habitat, seja nas áreas de morros, seja nas áreas de planícies. Nas últimas décadas, monitoramentos realizados pelos órgãos competentes indicaram problemas com a taxa de oxigênio na água, assim como altos índices de poluentes orgânicos, a tal ponto que a COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento) desativou a captação para abastecimento humana na estação próxima ao bairro de Caixa d'Água, sem falar no problema dos resíduos sólidos e dejetos de toda sorte que entulham o leito e as margens do rio. A esse respeito afirmam Paiva *et al.*, (2010, p.107):

Segundo dados da rede de monitoramento da Companhia de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado de Pernambuco (CPRH), até o trecho que margeia a Estação Elevatória de Caixa d'Água, onde existe um ponto de monitoramento, encontram-se altas taxas de concentração de coliformes fecais. A jusante deste ponto, ocorrem problemas tanto para DBO, OD e coliformes fecais, extrapolando os limites de qualidade da água para a respectiva classe 2. As atividades antrópicas impactantes à bacia do rio Beberibe são: atividades industriais, atividades urbanas (esgoto doméstico, escoamento superficial), atividades agrícolas, desmatamento ciliar, construção de rodovias e pontes, escoamento pluvial de rodovias, e lixões.

Como na figura a seguir:

Figura 16- Pôr do sol no bairro da Campina do Barreto (Recife), com vista para os quintais das casas amontoadas de lixo na margem Olindense, em Peixinhos



Fonte: (autoral, 2018)

Como consequência, temos o assoreamento do rio, a diminuição das margens e a contaminação de suas águas, pelo despejo dos esgotos domésticos e industriais, no baixo curso. Tudo isso, reduz as oportunidades de melhor habitar para os moradores da BHRB. Em geral, a qualidade é muito ruim ao longo da calha principal do rio e comunidades adjacentes. Muitos moradores vêm enfrentando as enchentes como negação dos direitos de uma habitação digna de uma cidadania plena, como ocorreram no inverno do ano 2019, causando grande estrago, desabrigados e mortos, denunciados na Folha de São Paulo via Instagram:

Figura 17- No vídeo é mostrada uma criação de porcos ilhados e carregados pela correnteza durante grande chuva no Recife



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO (2019)

Da mesma forma, um dos entrevistados deste trabalho teve, nesse mesmo episódio de chuvas extremas na Região Metropolitana do Recife, seu barraco na beira do rio Beberibe alagado, perdendo todos os seus móveis e roupas, ainda tendo que reconstruir boa parte de sua moradia. A situação do morador na beira do rio, além do cotidiano de descaso e falta de cidadania, vem a serem pior como nos eventos climáticos, mais frequentes a cada ano, vindas das fortes chuvas. A casa do entrevistado na figura (16) a seguir, está quase desmontando. Ele não me convidara para entrar, tampouco pedi para adentrar. Permanecemos no seu quintal.

Figura 18- Parte da frente do barraco de Flávio, após as inundações do rio



Fonte: Autoral 2018

Durante entrevista com o morador da favela do condor em Peixinhos, ele conta como teve sua casa e móveis perdidos pela força da correnteza:

“Perdi muito, pode ver que eu num tenho nada, a maioria das coisas tudo jogada aí fora, eu num tenho nada. Levou documento, levou roupa. Eu tava aí deitado e a água chegando, deu uma depressão arretada, eu saí pra rua, a água na cintura, quando eu vejo aquele negócio embolando assim de longe, eu: eita é um balde, vou pegar pra mim, era o cachorro, meu cachorro e o nome do cachorro é mãe (risos). Aí peguei o cachorro, deixei ali enganchado num, com as patas dele segurando num tronco de, num caibro que diga, aí mamãe tá viva, mas a maioria das coisas foi simbora na enchente. Como dá pra ver, é estado de calamidade, né? Bota calamidade nisso.” (Flávio Roberto, 2019)

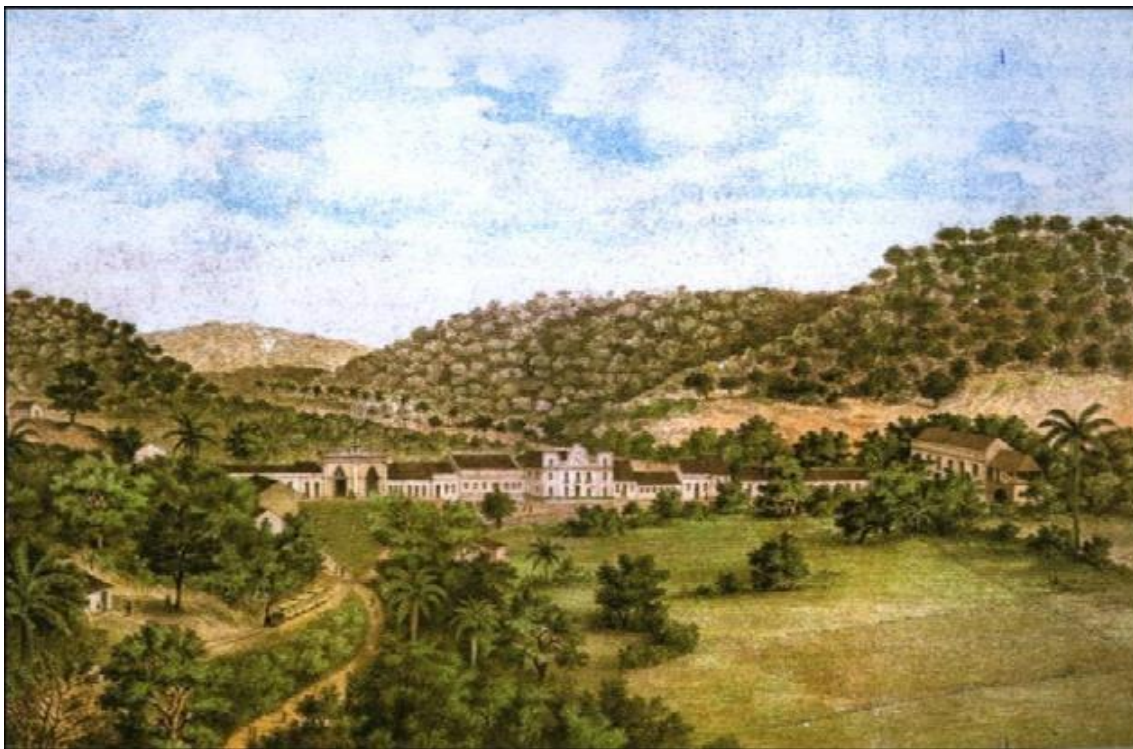
Como se pode observar na fala desse morador, as relações com o rio também envolvem um conjunto de medos e problemas advindos da relação próxima com o sítio fluvial submetido às cheias do rio. Portanto, compreende-se que a vivência cotidiana desses indivíduos com as margens do curso d’água também envolvem um conjunto de problemas ambientais.

3.2 Pela grande periferia do Recife e de Olinda: memórias e geografias da bacia do Beberibe em seus bairros de predominância negra.

Quem tem direito à cidade (cidadania)? Uma pergunta recorrente dentre as capitais e grandes municípios do Brasil. A ideia espacial de exclusão social é pertinente ao olhar geográfico do século XX e continua no novo milênio. O processo moderno e higienista de cidade se aplicaria muito bem às cidades da América Latina, pois há uma grande disputa pelo habitar na cidade, causando grande exclusão cultural, étnica e socioeconômica. Há ainda, uma tendência de privilegiar classes elitizadas de eurodescendentes. Cidade significa civilidade, na sua etimologia, significou a civilidade e a urbanidade. E o centro da cidade como símbolo é um espaço sagrado e ordenado, não suburbano e periférico (TUAN, 2012). Esse espaço sagrado está reservado, na nossa cultura, aos homens cristãos brancos, esta cultura que fora pautada na escravidão inicial do indígena e depois do homem negro de origem africana.

O recorte a se problematizar, corresponde à dinâmica observada nos bairros populares que abarcam a bacia hidrográfica do Rio Beberibe em seu baixo e médio curso – bairros de Peixinhos, nos lados do Recife e Olinda, Beberibe (recife) e São Benedito (Olinda), Dois Unidos (Recife), Passarinho (Olinda) de acordo com a figura (01). Tais espaços construíram ao longo da história uma trajetória com similitudes e diferenças que são expressamente visualizadas ao se percorrer cada um deles, sendo o bairro de Peixinhos um dos lugares tidos como marco de ocupação da região do Beberibe. Porém, tendo como primeiro arrabalde um bairro com mesmo nome do rio, originário de um engenho de açúcar no século XVI, vê-se nas figuras (16) das terras doadas pelo primeiro donatário de Pernambuco, Duarte Coelho ao auditor da gente de guerra da capitania, Diogo Gonçalves já mostradas na planta da cidade do Recife, e posteriormente representada em litogravura (17).

Figura 19- Litogravura do Povoado de Beberibe. Pintura do alemão Franz Heinrich Carls



Fonte: (Halley, 2014, 123)

O bairro homônimo ao rio também fora palco para a história revolucionária de Pernambuco, e tem sua história marcada na memória representada pela Praça da Convenção em frente à igreja matriz Nossa Senhora da Conceição, vistos nas figuras (18) do início do século XX e atual (19).

Figura 20- Capela Nossa Senhora da Conceição em 1918, Beberibe



Fonte: O Malha/ Acervo Biblioteca Nacional.

Figura 21- De frente a igreja nossa Senhora da Conceição em 2018, na praça da convenção, com a sua fachada já modificada. Beberibe, Recife



Fonte: autoral

Ressaltando aqui, que o açúcar brasileiro foi nos séculos XVI e XVII um dos produtos mais valiosos do mundo, como nos dizeres de Cabral (2004, p.42):

No espaço da periferia entre Olinda e Recife, o evento mais importante durante o primeiro século de povoamento até o século XVII, é a instalação de engenhos. Sendo a área da pesquisa, ocupada pela cultura canavieira, já que os engenhos nunca estavam exatamente à beira do

rio, pois a várzea toda ficava inundada com a maré alta, e principalmente quando das enchentes.

Em um processo de crescimento populacional de mais de 50% da população, chegando a 116 mil pessoas em 1887, durante o primeiro recenseamento¹⁴ do Brasil, evolução após o Recife tornar-se capital de Pernambuco oficialmente em 1827. Neste contexto, houve forte migração no final do século XIX de pessoas dos interiores do Nordeste, levados pela fama de crescimento da cidade e fugindo das secas da caatinga semiárida. Muitos alagados, mangues e os morros e córregos, mais recentemente no Recife, sobretudo nos arredores do Beberibe, foram ocupados, construindo assim uma diversidade dentro de um território majoritariamente de famílias pobres. Contrastando com os bairros nos meandros do Capibaribe, caracterizando uma ocupação que “consistiu no recurso pela gente menos endinheirada, ao veraneio em casas e sítios de Beberibe” (CABRAL DE MELO, 1992, p. 198)

Compreendendo estas terras como vetor periférico de um sistema de produção capitalista, onde hoje ainda concentra fábricas e indústrias que fizeram parte da formação dos arrabaldes alagados, Cabral (2004, p.37) diz:

A ocupação dá-se nas várzeas, mais especificamente pelo baixo curso do Beberibe, na primeira metade do século XVI, com a construção do primeiro engenho de açúcar de Pernambuco. Esse engenho de Nossa Senhora da Ajuda foi fundado em 1542, pelo fidalgo Jerônimo de Albuquerque, cunhado do donatário, e seria denominado vulgarmente de Engenho Velho de Beberibe. Situava-se à meia légua, do Varadouro para cima, à margem esquerda do rio Beberibe, no lugar a que hoje — desde meados do século XVIII — se dá o nome de Forno da Cal, onde atualmente encontra-se a indústria de fertilizantes Fosforita Olinda S.A. no bairro de Peixinhos (município de Olinda)

Depois de várias fragmentações das terras do Beberibe, e em seu baixo curso, principalmente, em 1904, o engenheiro José Antônio de Almeida Pernambuco detém a posse das terras do Forno do Cal e adjacências. Terras antes pertencidas ao inglês Henry Gibson. Fora o Dr. Pernambuco, assim chamado popularmente, responsável pela construção do grandioso empreendimento, na época, para a localidade, então, Matadouro de Peixinhos. O povoamento das margens do rio se desenvolveu de forma muito predatória e cresceu

¹⁴ O Censo Geral do Império de 1872 apresenta uma preciosa e rica informação sobre o estado da população do Brasil à época do 2. Reinado. Os 12 volumes e mais de 8.500 quadros estatísticos retratam uma situação histórica vivida pelo país e também um momento na constituição dos serviços estatísticos do Estado brasileiro.

desordenadamente. Em Vida e Obra, “A Descoberta da Fome”, Josué de Castro descreve um pouco sobre os moradores do rio Beberibe:

Desta sociedade que, economicamente, também é anfíbia, pois que vegeta nas margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a história até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista. A sociedade dos mangues é uma sociedade impressada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas outras duas, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues (CASTRO *apud* BERNARDO & GONÇALVES, 2000, p 145).

Este caldo grosso das lamas dos mangues é bastante representativo do sítio geográfico dos bairros ora estudado representados à figura (20):

Figura 22- Barco à beira do Beberibe, carregando não mais os pescados e mariscos, mas lixo recicláveis como nos amontoados da outra margem esquerda do rio.



Fonte: Autoral 2018

Havia ainda uma grande importância hídrica para o rio Beberibe, porque ele abastecia o Recife e Olinda:

Os habitantes bebem água principalmente do rio Beberibe, coletada de um açude, formando uma espécie de barragem chamada Varadouro, que impede o avanço da maré e acumula água fresca. Este quebra-mar, que também serve como uma ponte para Olinda, é em parte, coberta por uma bela arcada, sob a qual a água passa através de tubos circulares e

nas outras partes por grandes e quadrados canais, apresentando ao todo 24 Bicas, por onde a água sai em jato, formando agradáveis cascatas. Daqui é transportada por Canoas cobertas para o abastecimento do Recife” (HENDERSON, 1821, p. 109).

Quando fora construída barragem do Varadouro para organizar melhor a distribuição da água. A barragem do Varadouro serviu como fonte de captação de água de 1684 até o ano de 1856.

Hoje o abastecimento é feito pela a Companhia de Saneamento de Pernambuco (COMPESA) inaugura o subsistema de abastecimento Alto do Céu, que desde 1958 realiza captação direta no rio Beberibe. A captação ocorre através da estação de bombeamento da Guabiraba 1 e que abastece aproximadamente 80.000 pessoas que residem nos morros e córregos de Dois unidos e Vasco da Gama. A água extraída do rio Beberibe pela COMPESA ocorre no alto curso e início do médio curso, locais nos quais o rio não recebe grande carga de poluentes (LIMA, 2018).

Em decorrência dos fatos, esses traços culturais são mais intensificados, quando tratando-se da formação territorial dos bairros do baixo até o médio curso do rio, num grande processo de modernização do Recife, e do Brasil como na Primeira República nossa que colocou na mesma cena nacionais e imigrantes estrangeiros; políticas de inclusão social e de exclusão; liberalismo combinado com racismo científico; campo e cidade; cidadania e barbárie; uma urbanidade veloz com os distantes sertões, modernidade e atraso.

Para tratar do conceito de racismo, o autor Silvio de Almeida, acrescenta que o racismo não é apenas um ato discriminatório direto ou indireto, há um caráter sistêmico. Este, então, é um conjunto de um processo de subalternidade e privilégios, que se vinculam a economia, política, e as relações cotidianas dos grupos sociais. Assim escreve:

O racismo pode levar à segregação racial, ou seja, à divisão espacial de rapas em bairros- guetos, bantusões, periferias, etc, - e/ou à definição de estabelecimentos comerciais e serviços públicos – como escolas e hospitais- como de frequência exclusiva para membros de determinado grupos raciais. como são exemplo os regimes segregacionistas dos EUA, o Apartheid Sul-africano e, para autoras como Michelle Alexander e Angela Davis, o atual sistema carcerário estadunidense. (ALMEIDA, 2018. p,29)

Das definições de racismo, Almeida, independentemente de “ter um amigo negro” ou perguntas de “como o racismo ainda pode existir nos dias de hoje?”, é não entender a

profundidade da situação legal pela classe política, e econômica do nosso país, no qual este trata de *relação estabelecida entre racismo e Estado*. Almeida (2018).

Durante o Estado Novo (1937-45) foram criados os direitos trabalhistas, mas não reconhecia todas as liberdades individuais, mesmo entrando pra uma cidadania considerada moderna. Neste período Agamenon Magalhaes, então Governador de Pernambuco perseguia os que não encaixavam na sociedade cristã branca e dava-se proibido a pratica das religiões de matriz africana. Fez, então, com que muitas famílias pobres, negras, praticantes das religiões de matriz africana do centro ou bairros mais “visíveis” fossem levadas (expulsos do grande centro), empurradas a vivenciar suas tradições africanas e seus cultos espalhando vários terreiros de xangôs nas cercanias do Beberibe, nos alagados, num primeiro momento, e pelos morros, córregos e outros lugares escondidos da transformação higienista e que tratava tudo que fosse ligado aos xangôs, era visto como inculto, inferior, falsa crença, tudo aquilo que infligia a ordem vigente naquele período, para que o Recife virasse a Veneza Americana (HALLEY, 2017).

No contexto do Brasil, os subúrbios e/ou periferias são os bairros considerados mais pobres e afastados, e assim, os bairros de subúrbios que habitam pessoas da classe média branca, são considerados bairros “nobres”. Para Carneiro (2018) o uso de toponímias identifica onde as políticas públicas são focalizadas, assim diz o autor:

o rapto ideológico operado desde o início do século XX na categoria de subúrbio no contexto da cidade do Rio de Janeiro levou a um crescente abandono pelas autoridades públicas dos bairros identificados sob esta toponímia. Esforços da máquina pública e imobiliários concentraram-se na produção material e simbólica da valorização de outros espaços da cidade. (CARNEIRO, 2018. p. 44)

No caso da metrópole recifense o termo subúrbio pode ser substituído por periferia, sendo bem mais usual para a localidade.

Como pode ser visto no Atlas de Desenvolvimento Humano do Recife (RECIFE. Prefeitura; PNUD, 2005), os bairros com as melhores infraestruturas, na Zona Norte da bacia do Capibaribe são por exemplo: Casa Forte / Parnamirim / Jaqueira / Monteiro, com um nível médio do IDH de 0,933, comparando-se ao do Japão. Enquanto o IDH do Bairro de Dois Unidos também na Zona Norte, banhado pelo rio Beberibe, concentra um IDH médio de 0,699 comparando-se ao da Argélia. (BITOUN, 2005). A metrópole congrega e concentra de forma

singular os processos do desenvolvimento capitalista, proporcionando um espaço fragmentado. Também hierarquizados, construindo diferentes percepções e relações com os espaços de vida.

Sabido que há uma diferença para a formação urbana no rio Capibaribe onde, de acordo com Halley (2005, p. 79) “arrabaldes cujas casas nobres se voltavam para o rio Capibaribe, importante via de circulação, e de sociabilidade no Recife e adjacências”, os arrabaldes de negros do Beberibe se firmavam como lugar de negação e contenção humana na periferia das duas cidades mais importantes de Pernambuco.

Estas duas cidades formaram diferentes ocupações geográficas em seu processo histórico, refletindo no modo de vida que hoje encontramos na capital, cidade bipartida. Alguns mapas nos mostra de forma mais concisa, na figura (19) e (20), a distribuição étnico-racial do Recife e a exclusão sócio espacial desde a escravidão brasileira.

Se em Casa Amarela moram 12.730 negros (Diário de Pernambuco. 2015), o vizinho rico, Casa Forte, só tem 1,4 mil. A tênue via que os separa é inversamente proporcional ao disparate dos números. A dicotomia se repete por toda a cidade. Enquanto na zona sul, no bairro de Boa Viagem 32% da população é preta, no Pina, o número alcança a marca de 61%.

Figura 23- Mapa interativo da cidade Recife a partir da auto declaração racial da população

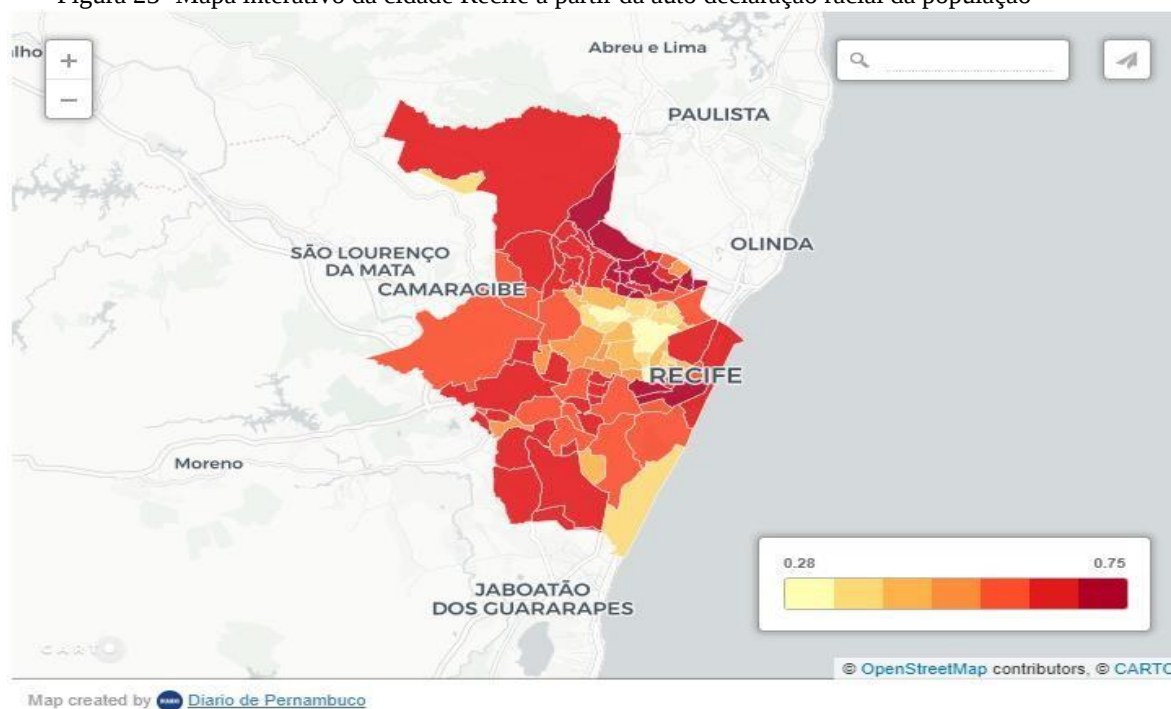
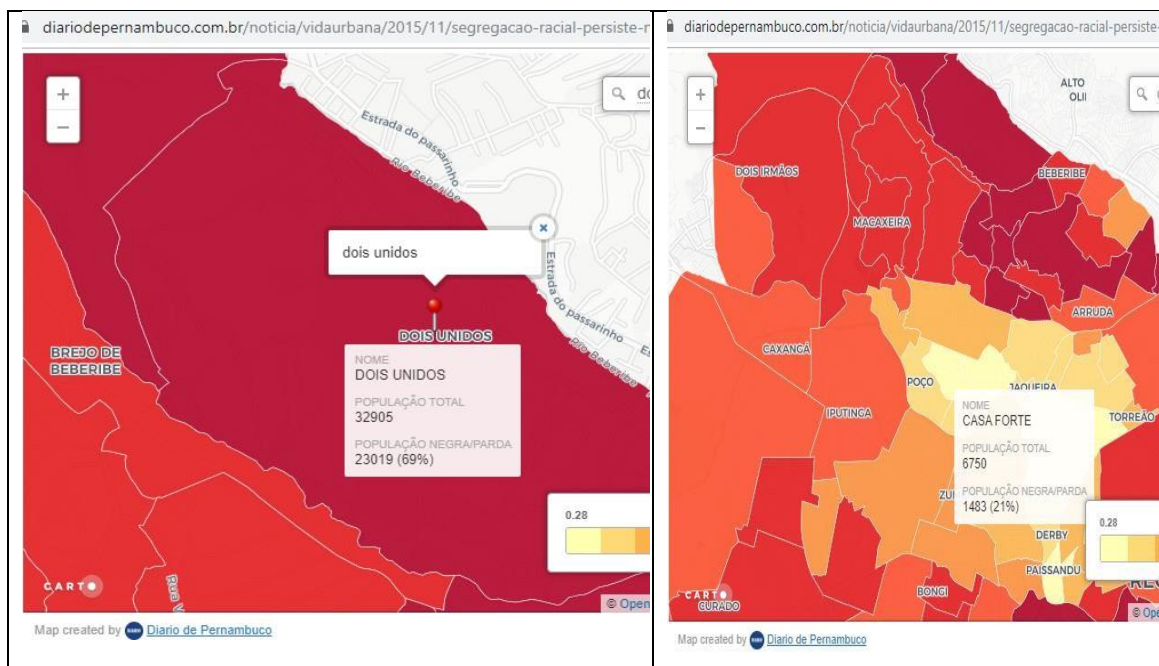


Figura 24- Em zoom, é possível clicar nos bairros da sua escolha e pode-se observar a porcentagem de cada um deles na auto declaração étnico-racial

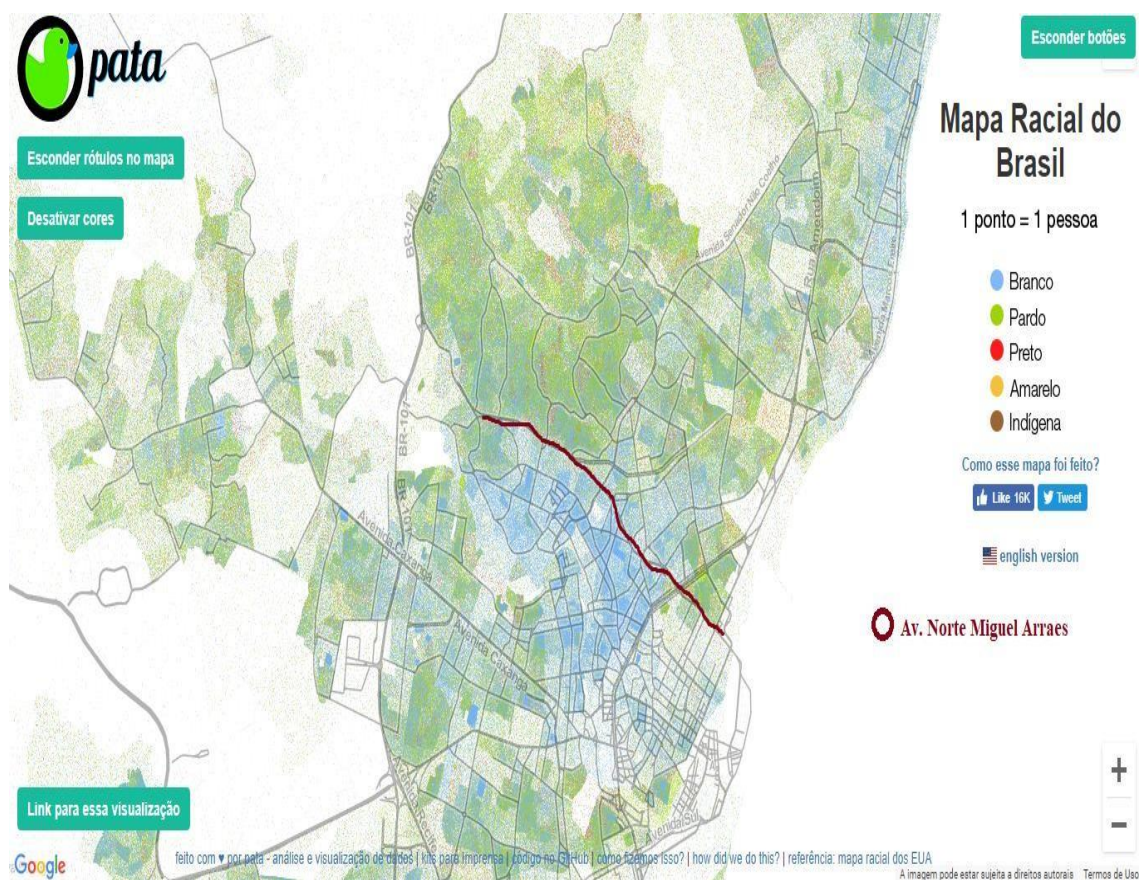


Fonte: Diário de Pernambuco , Acessado em <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2015/11/segregacao-racial-persiste-na-ocupacao-do-recife.html> (2019)

Em outra figura, no sentido de visualizar de outra forma, encontraremos uma zona norte do Recife e também Olinda, uma divisão étnico-racial, como um muro divisório real e simbólico, a Avenida Norte Miguel Arraes, divide, quase em sua totalidade, a bacia do Capibaribe com a do Beberibe, culminando num grande processo higienista e de segregação.

O que podemos ver no site, apresentado na figura (), é um mapa interativo de distribuição racial no Brasil. Através dele é possível observar a distribuição geográfica, densidade demográfica, e diversidade racial do povo brasileiro. Cada um dos pontos no mapa representa uma pessoa. O local e cor dos pontos são baseados nos dados do Censo IBGE de 2010 disponível online; cada cor no mapa representa uma das opções de raça possível no referido censo.

Figura 25- Mapa do Recife e porção da cidade de Olinda com sua distribuição de pessoa com auto declaração étnico-racial



Fonte: Patada.org Acesso em: 12/11/2019; Disponível em:
<http://patadata.org/maparacial/#lat=-86.456103&lon=98.843341&z=8&o=t>

Como fora representado nos nas figuras dentro dos mapas da cidade, evidencia-se que trataremos de uma região com alta vulnerabilidade social, historicamente excluída em sua plena cidadania, até os dias atuais. Deste modo, além de haver loteamentos que estão em situação de irregularidades e também regulares como também clandestinos, tendo em vista a Lei Federal nº 6766/79 (FIDEM, 2002), trata-se de áreas de invasão de favelas que, segundo eles, a região do Beberibe entre morros e colinas, são ocupada com grande densidade populacional e de baixa renda. E na maioria desses casos, são considerados locais de risco, que por haver grande declividade nos morros, causando deslizamentos de barreiras.

Aos negros foram negadas as terras secas, tão disputada na planície flúvio-marinha do Recife. Nega-se também às suas práticas. Ao pobre foi negada a tão propagada cidadania moderna. O que levou a cidade a gana da modernização e do progresso gerido pelo \estado e

outros setores sociais como a igreja. Estes arrabaldes, dotados de estratégias territoriais fora construído num processo de ajuda mútua entre familiares, vizinhanças e identificações com as práticas locais de subsistência. Assim como reafirma Halley:

e com ele, o processo de modernização e “higienização” das suas ruas e bairros centrais, calcados, sobretudo na erradicação dos mocambos, e no controle e repressão às casas de Xangô - estas expulsas para os arredores da cidade. Dentro deste contexto, mostrar-se-á a atuação dos grupos afro-religiosos do Beberibe de Baixo e circunvizinhança, que passaram a elaborar inúmeras estratégias territoriais como forma de assegurar às suas práticas, habitações e lugares simbólicos, dotando de significados os arrabaldes, e depois, os bairros no bojo da formação territorial do Recife. (HALLEY, 2014)

Gilberto Freyre em Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife vai escrever sobre a visão dos xangôs à época:

Xangôs haviam muito pelo Recife. Uns em mucambos à sombra de gameleiras ou entre coqueiros. Eram verdadeiras religiões com suas dansas, seus macarás, seus santos a que se faziam sacrifícios de comida e de azeite de dendê, seus pais de terreiro, suas galinhas pretas... A de Santo Antonio, no Fundão, de ritos nagôs baldeados com gegês – informa a mãe do terreiro. A de Pai Adão, que já esteve na África e fala iorubano. E ainda a de Xambá (FREYRE, 1942)

Todos os bairros e terreiros citados por Freyre neste trecho fazem parte da bacia do Beberibe, mais especificamente o Beberibe de baixo, lugares alagados de difícil acesso na planície. Assim, caracterizando os espaços de xangôs como a Catimbolândia apresentada por Halley (2017).

A exclusão da população mais pobre das terras planas, junto com o aumento de migração vinda do interior, criou um déficit habitacional, determinando, na década de 40, um efeito mais lento no processo de ocupação dos morros da zona norte do Recife. Um fator que influenciou essa ocupação foi à existência de áreas periféricas como Campo grande, Casa Amarela, Água Fria, Arruda na sub-bacia do canal Vasco da Gama/Peixinhos e Beberibe, na confluência dos rios Beberibe e Morno, que são os portões de entrada nos morros.

Na metade dos anos da década de 1930, onde atualmente funciona a Empresa Águas Minerais Santa Clara, no bairro de Dois Unidos, que será abordado a frente, funcionou a sede do tradicional xangô da ialorixá Maria de Oyá, que faleceu em 1939 e de sua sucessora,

Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu) que fazia parte da Sociedade Africana Santa Bárbara-Xambá. Em maio de 1938, o terreiro foi fechado pela polícia no governo de Agamenon Magalhães, e só reabriu em junho de 1950, no Portão do Gelo, no atual bairro recifense do Porto da Madeira.

A filha-de-santo, Zeza de Oyá contou das dificuldades enfrentadas para participar dos toques nos terreiros na localidade de Santa Clara, em Dois Unidos. Pois o lugar era de difícil acesso e área de mata.

Dona Zuleide de Paula, em sua vivência, nos conta em seu livro sobre Peixinhos algumas de suas vivências religiosas dentro desse contexto das religiões de matriz africana hoje:

Os candomblés ou xangôs como são mais conhecidos em Pernambuco, também deram muita contribuição à organização, do povo de Peixinhos. Seus membros eram unidos, organizados, e obedientes às leis que existiam dentro do candomblé. A ialorixá e o babalorixá, também chamados de mãe-de-santo e pai-de-santo, eram conselheiros e orientadores. Mesmo quem não acreditava, não queria ou não entendia, respeitava. Perto do pátio da feira, havia um xangô de Amália Rocha. Muito afamada por ser discreto e frequentado por pessoas de nível social mais elevado. Feitos de tecido caros e bonitos, as roupas dos seus seguidores variavam de cor, dependendo do seu Orixá. Na rua da harmonia, existia o xangô de Jorge Nery. Era frequentado por gente mais humilde. Mas o valor religioso era o mesmo. Era tudo Igual, com muita festa, muita carne de bode, galinha com azeite de dendê, arroz doce e munguzá. As crianças, por sua vez, adoravam as festa de Cosme e Damião. Corriam de um xangô pra outro para ganhar saquinhos de confeito e comer salada com mel. Com o passar do tempo, foram surgindo novos terreiros e, com eles, novos babalorixás e ialorixás: Dona Dudu, Menina Doida (que era homem), seu Alfredo e outros. Atualmente, existem em peixinhos vários candomblés. São frequentados, na sua maioria, por pessoas simples. (de Paula, p.59, 2009)

Dona Zuleide é considerada uma das lideranças históricas do seu bairro e carrega íntima vivência entre seus moradores e acontecimentos cotidianos, carregando uma identidade operária muito forte devido aos acontecimentos e dificuldades locais Silva Filho (2017). Muitos xangôs são vistos ao percorrer as ruas nos arredores de Peixinhos, no baixo Beberibe, outros apenas ouvem-se os seus batuques em dias festivos com festas para seus Orixás.

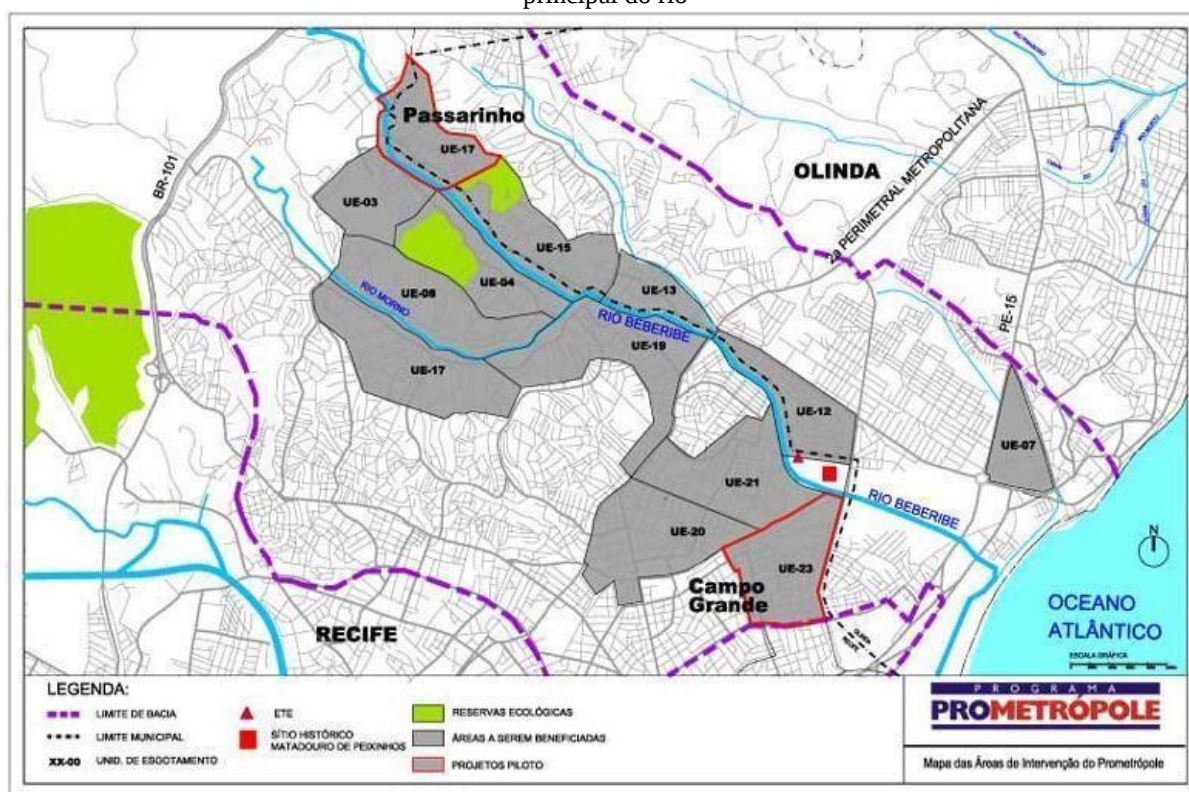
No cenário de transformações recentes e de medo de remoções, moradores locais passam a olhar para suas histórias e mobilizar suas memórias como forma de legitimar suas

territorialidades. A história e memória locais são mobilizadas a partir dos objetivos do presente.

O Programa de Infra-Estrutura em Áreas de Baixa Renda da Região Metropolitana do Recife (RMR) - PROMETRÓPOLE é um Programa do Governo do Estado, executado pela Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas - CONDEPE/FIDEM, em cooperação com a Companhia Pernambucana de Saneamento - COMPESA e com diversas entidades da administração direta e indireta das Prefeituras de Recife e de Olinda.

Para a fase piloto do Programa, foram selecionadas as localidades de Campo Grande (ZEIS Campo Grande), na cidade do Recife, e Passarinho, no município de Olinda. A figura a seguir apresenta, em cinza, as áreas a serem beneficiadas pelos investimentos previstos no Programa. As Áreas-Piloto aparecem circundadas em vermelho.

Figura 26- Em cinza toda a área da qual será implantando o projeto, em sua maioria passando pela calha principal do rio



Fonte: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco

Tendo como foco principal de atuação as áreas onde estão concentradas as comunidades pobres da Região Metropolitana do Recife, inseridas na área da Bacia do Beberibe, visto na figura anterior, o Programa visa promover a melhoria das condições de habitabilidade e de desenvolvimento comunitário dessas comunidades e maior visibilidade cidadã, podendo ser

registrado como ainda habita uma parcela dessa população na figura, contribuindo para a redução da pobreza e para a melhoria da qualidade ambiental da RMR.

Figura 27- Parte da parede de tábua de um barraco as margens do rio, com os móveis pro lado de fora, depois da inundação do inverno de julho de 2019



Fonte: Autoral

Esse combate à pobreza se dará com a implementação de ações integradas de infraestrutura urbana (água, esgoto, resíduos sólidos, drenagem, sistema viário, equipamentos sociais e de lazer, entre outros), na ampliação e melhoria dos serviços públicos prestados a essas comunidades e na ampliação dos mecanismos de regularização fundiária. Está prevista ainda a implantação de equipamentos de uso coletivo e de caráter metropolitano, tais como: Parque nas Margens do Rio Beberibe, Parque Beberibe, Parque Nascedouro de Peixinhos e a implantação de vias coletoras a exemplo, da Avenida professor José dos Anjos, que margeia o Canal do Arruda – Vasco da Gama, representado na figura seguinte:

Figura 28- Confluência do afluente Vasco da Gama – Peixinhos com o Beberibe no baixo curso, entre os bairros de Campo Grande, Peixinhos e Campina do Barreto



Fonte: Autoral 2018

O prazo previsto para a execução do PROMETRÓPOLE era de cinco anos, contados a partir de julho de 2003, quando foi assinado o Acordo de Empréstimo com o Banco Mundial - BIRD, a um custo de US\$ 84 milhões, sendo 55% deles referentes ao empréstimo e 45% à contrapartida do Governo do Estado de Pernambuco e das Prefeituras participantes (FIDEM, 2010). Pode-se ver várias placas ao longo da calha do rio e em seus fluentes sobre as obras do Programa de aceleração, como nas figuras :

Figura 29- Placas com informativo das obras do PAC-BEBERIBE



Fonte: Autoral, 2019

Porém, 17 anos após o acordo, ainda falta grande parte da obra, Principalmente se tratando do município de Olinda. De acordo com o programa, este beneficiará um total de 35.000 famílias (cerca de 154.000 pessoas), em 13 localidades pobres da Bacia do Rio Beberibe, abrangendo os Municípios de Recife e Olinda.

Esta etapa do projeto contemplará ações integradas de abastecimento d'água, esgotamento sanitário (inclusive módulos sanitários e ligações domiciliares), coleta de lixo, drenagem, arruamento, pavimentação, obras de proteção de encostas, reassentamentos, regularização fundiária, mobiliário urbano de pequeno porte, provisão de espaços coletivos dentro do desenho urbanístico, dentre outros elementos, junto às favelas e ocupações de baixa renda da RMR; Infraestrutura Metropolitana Complementar – essa etapa tem como objetos a ampliação e implantação de equipamentos de infraestrutura metropolitana complementares à infraestrutura local, tais como estações de tratamento de esgoto, aterros sanitários, equipamentos sociais, dentre outros.

4 POR ENTRE BAIRROS E COMUNIDADES: AS MEMÓRIAS, OS GEOSÍMBOLOS, OS SENTIDOS DE LUGAR E OS CONFLITOS IDENTITÁRIOS – O MÉDIO E BAIXO BEBERIBE REVISITADO EM SUAS GEOGRAFIAS POPULARES.



Foto de capa: Vista da Ladeira do Padre no Alto do Cajueiro, em Águas Compridas, Olinda, para as intervenções do Projeto Mais Vida nos Morros, no Alto Santa Terezinha, em Beberibe, exercido pela Prefeitura do Recife. O projeto será abordado neste capítulo. FONTE: Autoral, 2018.

“O problema de quem mora perto do rio é água, pois quando chove tem enchente; o problema de quem mora aqui em cima é água, porque falta muito” - Dona Alderita

Neste capítulo poderemos ver e refletir sobre alguns dos marcos geossimbólicos importantes na construção da identidade dos bairros e lugares da bacia em questão, associados às bases teóricas em mapas e fotografias, a maioria retiradas por mim ou pesquisadas em outras referências.

Numa tentativa de entender o baixo e médio Beberibe, a primeira hipótese que tive sobre as identidades territoriais dos bairros limítrofes assentava-se justamente sobre a pertinência das divisas municipais e se haveriam identidades sobre essa grande periferia no estuário norte. Partindo do pressuposto desta situação, cheguei a Peixinhos no baixo curso, onde está localizada a confluência do antigo rio Água Fria, atual Vasco da Gama – Peixinhos, Beberibe (Recife) e São Benedito (Olinda), entre a planície e as colinas, por ultimo, também, os bairros de Dois Unidos e Passarinho entre os Municípios. Estes bairros que reafirmava sua unicidade e diferença, com fortes geossímbolos e uma identidade marcada pela promoção da cultura popular e pop local, como o brega funk, presente em toda paisagem sonora durante os trabalhos de campo, assim também como é estigmatizada pela grande violência.

Na Geografia Cultural defendida por Bonnemaïson (1981), deve-se considerar o espaço dos geossímbolos como lugares, percursos ou áreas que constituem a dimensão simbólica da identidade de grupos sociais e suas territorialidades, indo além do espaço objetivo e vivido para englobar as sensibilidades, os valores e os significados do espaço da cultura.

Bonnemaïson (1981) define ainda territorialidade como a relação social e cultural que grupos sociais mantêm com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território, sendo que a Geografia Cultural deveria estudar a riqueza e complexidade desses laços que unem os homens aos seus lugares de vida. Neste mesmo raciocínio, o autor defende que a paisagem só pode ser compreendida plenamente em sua referência a um universo cultural. Neste mesmo raciocínio, o autor defende que a paisagem só pode ser compreendida plenamente em sua referência a um universo cultural.

Percebe-se que, quanto a este conceito, os geossímbolos contribuem decisivamente para a existência de “paisagens postais” (VERAS, 2017) que condensam a força simbólica e o sentimento de união das pessoas daquela parte das duas cidades. Paisagens postais são aquelas que identificam cidades (e, por analogia, bairros) como uma espécie de assinatura ou impressão digital. Argumenta-se aqui que o rio Beberibe e os morros como forma de viver e habitar, estão

hoje, referenciados na produção cultural da periferia Recifense, em comerciais de televisão, vídeo clipes, filmes e músicas produzida pela própria periferia, como um lugar de vivência e identidade territorial fortemente reafirmada. A este exemplo, o antigo Matadouro, em Peixinhos, participa da conformação de uma paisagem geossimbólica fortemente identificadora do lugar, apesar de se encontrar por parte em ruínas.

Uma geografia do cotidiano, no qual expressa algumas dos locais e símbolos mais marcantes do lugar, onde as tramas e relações de vida explodem, reafirmando uma identidade dos bairros de periferia.

4.1 Na confluência das águas, as divergências espaciais: desvendando a pobreza comunitária e os paradoxos identitários às margens do canal Vasco da Gama-Peixinhos e do rio Beberibe frente às ações do programa Prometrópole.

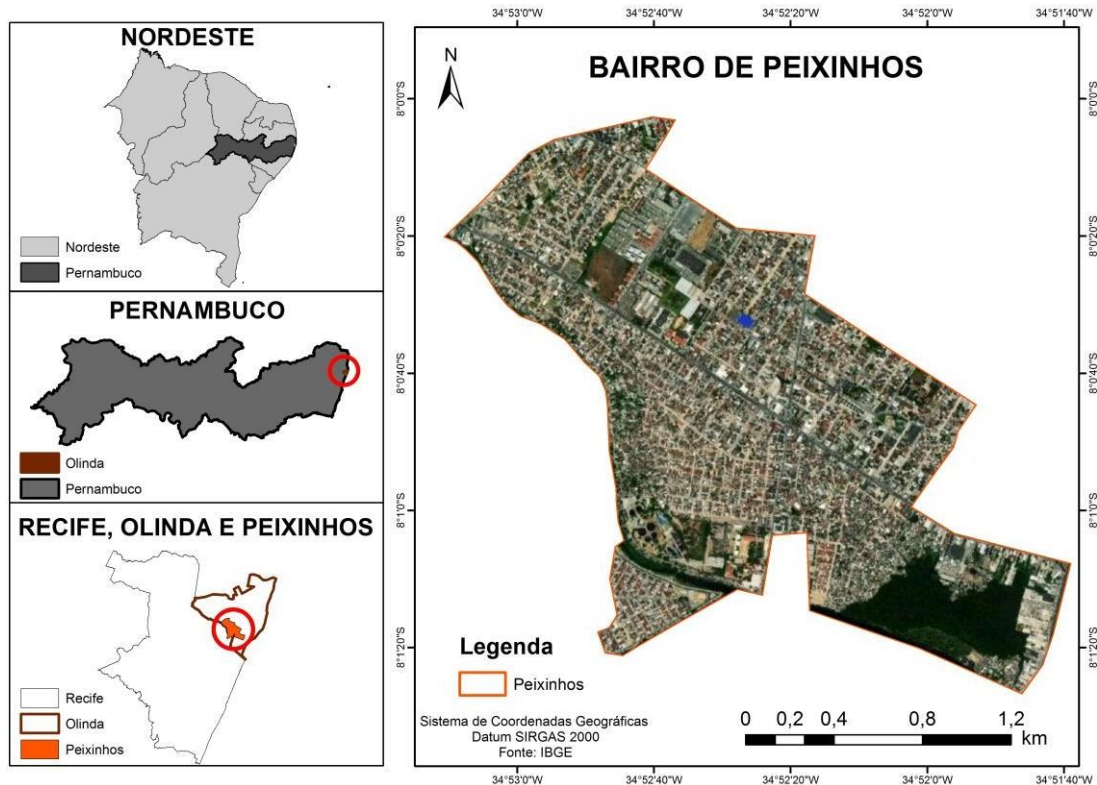
“Isso aqui é Olinda? Eu não imaginava o quanto Olinda era pobre.”

(Iná Elias de Castro, Professora do departamento de geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao fazer trabalho de campo com destino ao sítio histórico de Olinda passando pela comunidade de Peixinhos, na confluência do canal do Arruda com o Beberibe. 2016.)

Na planície do estuário norte do Recife, já na divisa com Olinda, o bairro de Peixinhos (que pertence aos dois municípios, mas simbolicamente se identifica com Olinda) mostrado a seguir no mapa (02), evidencia-se como a memória individual e coletiva está fortemente referenciada por uma geografia do trabalho, como dá a ideia de bairro funcional. Seus locais mais icônicos são o antigo Matadouro municipal – onde grande parte da população original foi empregada ou manteve relações estreitas – e os mangues do Beberibe, que nesse trecho, se encontra com o canal Vasco da Gama Peixinhos, assim transformado pelo crescimento da cidade o antigo rio Água Fria, este que possui uma bacia de 13,35km² Campos (2003), passando por um primeiro setor de morros, percorrendo bairros como Nova Descoberta, Morro da Conceição, Casa Amarela e Mangabeira. Pós este primeiro, se localiza na planície flúvio-marinha do Recife.

Mps 2-

Localização do bairro de Peixinhos



Elaboração: SILVA FILHO, JOSÉ HELBER, 2021.

Percorreu-se o afluente na sua jusante na Av. Professor José dos Anjos, dos dois lados, onde o rio começa a ser canalizado perdendo seus meandros, que possibilitavam atividades ribeirinhas de subsistência, tais como pesca, coleta e navegação, apresentado na fotografia da figura (27); além dos monumentos geossimbólicos das fábricas como a Fosforita, a indústria de cerveja (Antártica) visto na próxima figura (26), O baixo Beberibe mostra, por conseguinte, um conteúdo composicional (SOUZA, 2013), pelas populações e sua relação com o espaço geográfico, onde a arquitetura das moradias e uso do trabalho outrora se equiparavam com o meio, em se tratando de uma população ligada ao trabalho árduo (operário e/ou informal) e à pobreza.

Figura 30- Vista da Av Beberibe para a fábrica da Antártica, hoje em ruínas



Fonte: autoral(2018)

Figuraas 31 E 32-

Vista de Campo Grande para Campina do Barreto, na confluência do canal com o rio Beberibe



Fonte: Autoral e Google Maps.

Para muitos moradores, o rio Beberibe e os prédios remanescentes do Matadouro, na figura (29) ou das indústrias encarnariam aquele bairro, tornando-se símbolos significativos para os sujeitos sociais que os mobilizam em suas formas de representar e rememorar o espaço. Circunscreve-se, assim, um espaço expressivo da cultura, posto que carregado de afetividade, memória e significados evocados concretamente por lugares-chaves, monumentos e aspectos naturais que condensam um sentido de união para os mais velhos.

Figura 33- Torre principal do antigo matadouro do Recife, hoje o nascedouro de Peixinhos

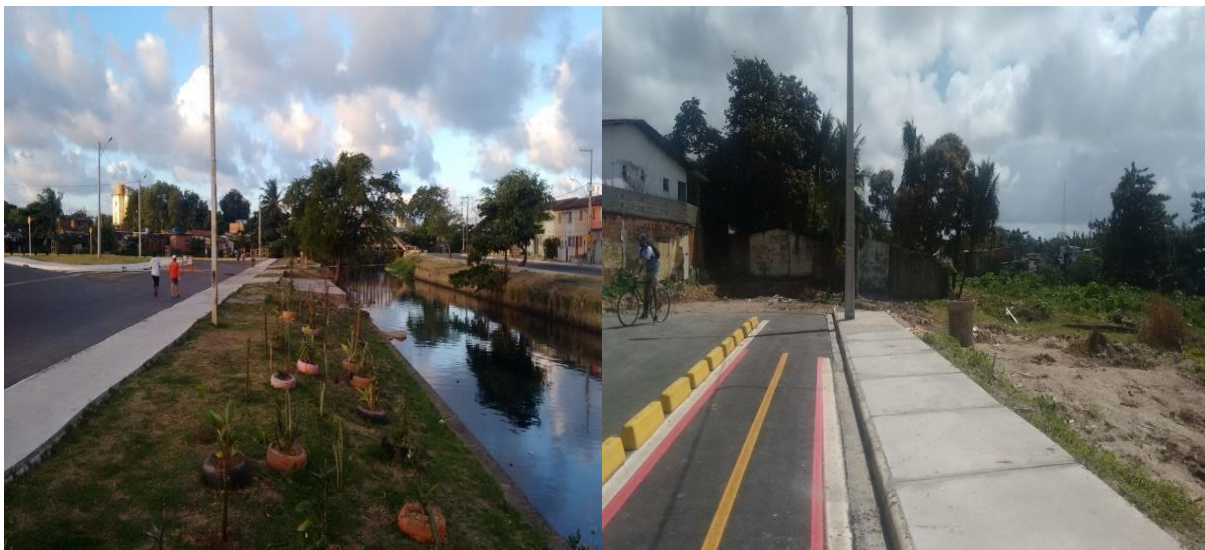


Fonte: Autoral 2019

Entretanto, atualmente, ocupações, lixo e aterros no leito fluvial o transformaram em um canal, onde as pessoas perderam sua ligação com o rio, mas agora estariam sendo removidos pelo PAC-BEBERIBE – programa de reurbanização do governo federal. Dentre várias transformações na paisagem, as retiradas de habitações vão dando lugar a uma avenida beira-rio, que no bairro de Campina do Barreto na divisa com Peixinhos já se encontra em estado mais avançado de implantação, mesmo que ainda não haja coalescência entre os dois trechos.

Deixando marcas na paisagem, percebidas nos muros das casas que permaneceram a beira do asfalto, nesse grande processo de desterritorialização. Assim destacado na figura adiante.

Figura 34- Canal Vasco da Gama (canal do Arruda), já com as obras finalizadas do programa de aceleração



Fonte: Autoral (2018).

Nessa mesma região do baixo Beberibe, encontramos em situação de calamidade, o morador da rua do Condor, em Peixinhos, Flávio Roberto, morando na beira do rio, em sua palafita autoconstruída. Como ele nos conta: *“Eu mesmo que construí, eu, um amigo meu chamado Naval, o outro colocou as telha também, dei vinte reais a ele, na época”*. Para esse morador, ao comentar sobre as obras de reurbanização do Pró-Metrópole, mais do que as obras de embelezamento das margens do rio, seria importante a construção de habitações para moradores em situações precárias, como o seu caso, que habita em uma palafita nas margens do rio. Em suas palavras:

“Eu faria assim, eu pegava minha casa, passava pro nome da minha mãe e pegava só um vãozinho pra mim porque se tivesse um problema eu e ela, ela num ia dizer: ‘Não, você tá na sua casa.’” Aí eu ia dizer: ‘Não, a casa é da senhora, tá no seu nome.’” Minha mãe é estressada, viu? Aí meu sonho era ganhar uma casinha mermão, eu pegava só um vão pra mim, fazia um banheiro dentro, oxe, tá de boa, sou solteiro, por enquanto, tô de olho na véa do acarajé (risos), a prima de Selma do Coco, aí pronto.

Aos todos trabalhadores de cidadania diferenciada (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012), é sempre negada a terra, que no caso do Recife, as terras secas, historicamente. O que acontece na concentração da cidade é o empurrão do pobre às margens do rio. Havendo então uma densidade muito grande e uma desigualdade exorbitante, vista a paisagem de quem passa por esses lugares anfíbios. Então, existindo necessidade de uma auto-construção do seu habitar na cidade, dos moradores periféricos, por virtude da falta do Estado-nação na construção da cidadania, Holston descreve que: “Por isso, afirmo que, no desenvolvimento das periferias autoconstruídas, [...] Embora continuem a sustentar o regime de cidadania diferenciada, esses elementos representam também as condições de sua subversão, na medida em que os pobres urbanos garantiram seu direito à cidade.” (HOLSTON, 2013)

Ele nos conta sua trajetória do interior até as margens lamacentas do rio, como muitas histórias de famílias do interior da zona da mata e sertão, que vieram em busca da cidade. Hoje é vendedor de água, pipoca e cremosinho nos terminais de ônibus da cidade, mais conhecido como ambulante. Ele diz:

“Meu nome é Flávio Roberto da Silva, nasci no interior de Limoeiro, sou registrado em Cumaru, mas eu nasci em Limoeiro porque não tinha maternidade na época, em 1974. Eu tenho 45 anos de idade. Aí fui parar no Recife depois de uns 8 anos de idade, trabalhar com a minha mãe, na cidade, de camelô, vendendo roupa. Na verdade, eu nem trabalhava, que eu era muito criança, eu só ficava tomando conta dos meninos, da minha irmã, aí depois vim morar aqui em Peixinhos, na rua Jaboatão, estudei no Monsenhor Fabrício, cresci mais um pouco, voltei pro interior de novo. Passei um bom tempo por lá, meu pai tem uns terrenozinho lá, aí voltei pra Recife de novo, aí voltei morar em Peixinhos mais uma vez, depois me mudei, dar uma volta no mundo, né? Camaragibe, pra Várzea, pro Ibura, voltei pra Peixinhos de novo, aqui estou, né? Na beira do rio Beberibe, a volta é sempre pra Peixinhos, moro aqui na palafita, na beira do Rio, eu, meu pé de cajá, minhas três gatas, meus três cachorros e Deus. Primeiramente Deus, né? Na poluição do rio, quando a maré enche aqui, dá dois metros e dez, dois e quarenta, a água chega embaixo do barraco, quando dá enchente, entra dentro do barraco, chega até na cama, pode ver que tem até a marca da lama ali ó, tá vendo? chega até aqui assim ó. Tem os jacaré ali que é meus colega (risos), as capivara e por aí vai.” (Flávio Roberto, 2019)

Entre idas e vindas, sua casa várias vezes tinha sido invadida pelas águas no forte inverno litorâneo. Para POLLAK (1992), o autor desenvolve sua abordagem da memória a partir de três questões centrais, que é a primeira o caráter coletivo e social da conformação das memórias;

segundo a seletividade dos registros da memória; terceiro a consideração de que a memória corresponde a um fenômeno construído e organizado em diversos níveis. A memória constitui-se através de uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” em íntima relação com as “tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes” (POLLAK, 1992, p. 201), assim descritas por Flávio, na sua vivência. Como no momento em que fora concedida a entrevista, sua casa recém havia sido tomada pelas águas, e não poderia ser feita a entrevista de dentro de sua residência, pois o piso de madeira estava desnivelado e outras partes completamente destruídas. E continua:

“Daqui a pouco começa a chover de novo, vou ter que levantar o piso dele, comprar dois quilos de prego, aquela ‘táuba’ ali já serve, tá vendo? queimada que tá ali, ‘mai eu tô’ pensando em falar com a minha irmã, aqueles caibros que tem lá, trazer uns quatro daquele pra botar aqui, pra fazer o piso mais alto, lá dentro até aqui;”

Então o entrevistado, nos concede a entrevista no seu quintal, e nos conta ainda sobre a sua relação afetiva com o meio ambiente, a rua e o rio. Assim, foi feita a fotografia seguinte.

Figura 35- Flávio Roberto, sentado numa árvore em seu quintal, durante a entrevista



Fonte: Autoral. 2019

Segue dizendo sobre si mesmo e o meio ambiente:

“O que eu gosto mais aqui é a parte do sossego, né? pode ver aqui, ninguém incomoda ninguém aqui, o certo é tá todo mundo nas suas casas. Eu mesmo gosto mais de dormir, quando eu tô aqui, eu fico mais deitado no meu colchão, ligo o ventilador, quando tinha, né? (risos) ele tá até por ali. Mas pra num dizer que eu... poxa, eu gosto do bairro, mas na beira do... isso aqui num chama nem rio né? chama esgoto. Poluição é de mais, como dá pra ver né? Muito lixo, muito mato, muita muriçoca, maruim, cobra, jacaré, capivara, eu fiquei abismado. Todo mundo dizendo que tinha capivara, eu num acreditava não, quando eu vi, tinha duas, grandona, bem bonitinha ali, maior que os meus cachorros, tão nem por aqui, acho que tão por aí mundo afora. Só isso mesmo, é o sossego, meu amigo.”

Para Flávio, o bairro em si, tem muitos pontos positivos, porque é um bairro movimentado, conseguindo ‘bicos’ de trabalho, tem muitos conhecidos, assim consegue se

sustentar no seu cotidiano. O que ele afirma não gostar é da situação e onde se mora. A ideia de bairro dialoga com o conceito de região, também pode ser interpretada além da paisagem e a identidade, carregando vivência íntima, cotidiana e simbólica, como escreve Souza que um “bairro homogêneo”, definido em função de uma relativa homogeneidade morfológica-paisagística, de renda, de composição étnica etc. (ou uma combinação de tudo isso); a uma “região funcional”, (SOUZA 2013, p.152-153). Assim peixinhos bairro corresponde a um lugar com funcionalidades de trabalhos e serviços, tendo uma certa centralidade, nesse meio que estaria o morador da beira do rio, que descreve o seu gostar pelo lugar assim:

O que eu mais gosto no bairro de Peixinhos é a locomoção. A locomoção é boa, visse? todas horas. pra quem mora pro lado dali é bom né? tem comércio, tem tudo. aqui pra você comprar um ovo, meu amigo, você tem que ou atravessar a ponte pra Chão de Estrelas ou ir lá pra Rua do Condor, pra comprar um pacote de fuba, pra qualquer alimentação tem que se locomover, uma caixa de fósforo, você tem que andar... É melhor você pegar dois gravetinho e fazer como os índio fazia, os homem da caverna, né? É triste.

Quando foi perguntado sobre os bairros que ele conhecia aqui, foi-se narrada uma geografia do rio desde a sua foz, até os limites com o Beberibe ‘selvagem’, pelo conhecimento da região, na fala de Flávio:

“Da praia pra cá vem acompanhando o rio ali, a ilha do Maruim, a Ponte Preta, a Jiriquiti, a Burra Nua. Aí vem pro lado de cá, a favela do Arco-íris, Saramandaia, aí vem, Chão de Estrelas, Peixinhos aqui, Campina do Barreto. aí vai, Cajueiro, seguindo Peixinhos, o rio Beberibe vai a “vargem” todinha, que era aqui a antiga vargem antigamente. Aí vai até o DETRAN, passa ali no mundo afora, chega ali por Aguazinha, não por Aguazinha não, porque ele é do lado de cá, né? Aí já vai sair em Beberibe, mundo afora ali. Aqui é a avenida Canal, Campina do Barreto, mas é de Peixinhos, mas aqui é Recife, num era pra ser Peixinhos, porque Peixinhos né é Olinda né?”

Figura 36- Flávio Roberto, no momento em que contava os nomes dos bairros



Fonte: Autoral 2019

Como se pode perceber na fala de Flávio, existe uma complexa fronteira entre as cidades de Recife e Olinda, revelando uma trama densa de lugares e comunidades que são construídas através de uma relação íntima com o sítio do Beberibe. São diferentes lugares e comunidades que se encontram justapostos uns aos outros, onde se observam relações socioespaciais desenvolvidas para além dos limites administrativos. Nessa indefinição administrativa, os moradores relatam a existência de alguns problemas advindos da *situação de fronteira* entre os dois municípios, como se observa na fala abaixo:

É porque aqui tem aquela frescura na Prefeitura que, como na Tabajara também tem, que na fronteira ninguém quer assumir um lado né, até o posto de saúde que é em Peixinhos, aí na feira do troca-troca que é encostado no Matadouro, agora aí na Palha do Arroz, que é Recife. Meu bolsa família é de Recife, eu resolvi aqui no CRAS de Chão de Estrelas. Chão de Estrelas, meu Deus. Esse campo é o quê? Campina do Barreto, né? Então, Campina do Barreto. E meu endereço é daqui, meu comprovante de residência é, Campina do Barreto, Peixinhos, Olinda Canal. É uma complicação da porra. Mais na frente é favela do Arco-íris, e aí pra trás aí é o Condor, né? Rua do Condor, a vagem. Arco-íris é naquela ponte de ferro que tem ali, mas a turma chama aqui também de favela do Arco-íris, cada cá dá seu nome, né? Num tem CEP, num tem nada, carta aqui num passa nem voando. É uma tristeza...

Figura 37- Flávio e a vizinha, Dona Graça, com algumas crianças sentados na frente das casa na Favela do Condor, no bairro de Peixinhos



Fonte: autoral, 2019

Neste registro, é observado que há uma interação entre a vizinhança, em um microcosmo às margens sociais do bairro de Peixinhos ou Campina do Barreto, trazendo uma identidade de favela, como é conhecida por Favela do Condor, tendo piores condições de habitar em uma grande periferia nordestina. Evocado, dessa relação, uma vivência íntima e de e compadrio:

Gosto da vizinhança, Dona Graça, minha amiga, como se fosse uma mãe, o coroa daqui que eu chamo ele de Papi, Shrek. Gosto de Papi, gente boa. Aqui Severina. A maioria dos moradores daqui se mudaram, aqui. Os moradores daqui, a maioria daqui, emigraram pra distante, muitos moradores foram ‘simbora’.

As últimas enchentes foram o motivo para os moradores saírem das suas casas.

Desta maneira, um bairro ou uma localidade, tem sua identidade mesclada, intersubjetiva, confusa. Nos dizeres de flávio:

E meu endereço é daqui, meu comprovante de residência é, Campina do Barreto, Peixinhos, Olinda Canal. É uma complicação da porra. Mais na frente é favela do Arco-íris, e aí pra trás aí é o Condor, né? Rua do Condor, a vagem. Arco-íris é naquela ponte de ferro que tem ali, mas a turma chama aqui também de favela do Arco-íris, cada cá dá seu nome, né? Num tem CEP, num tem nada, carta aqui num passa nem voando. É uma tristeza, mas Deus é lindo e maravilhoso.

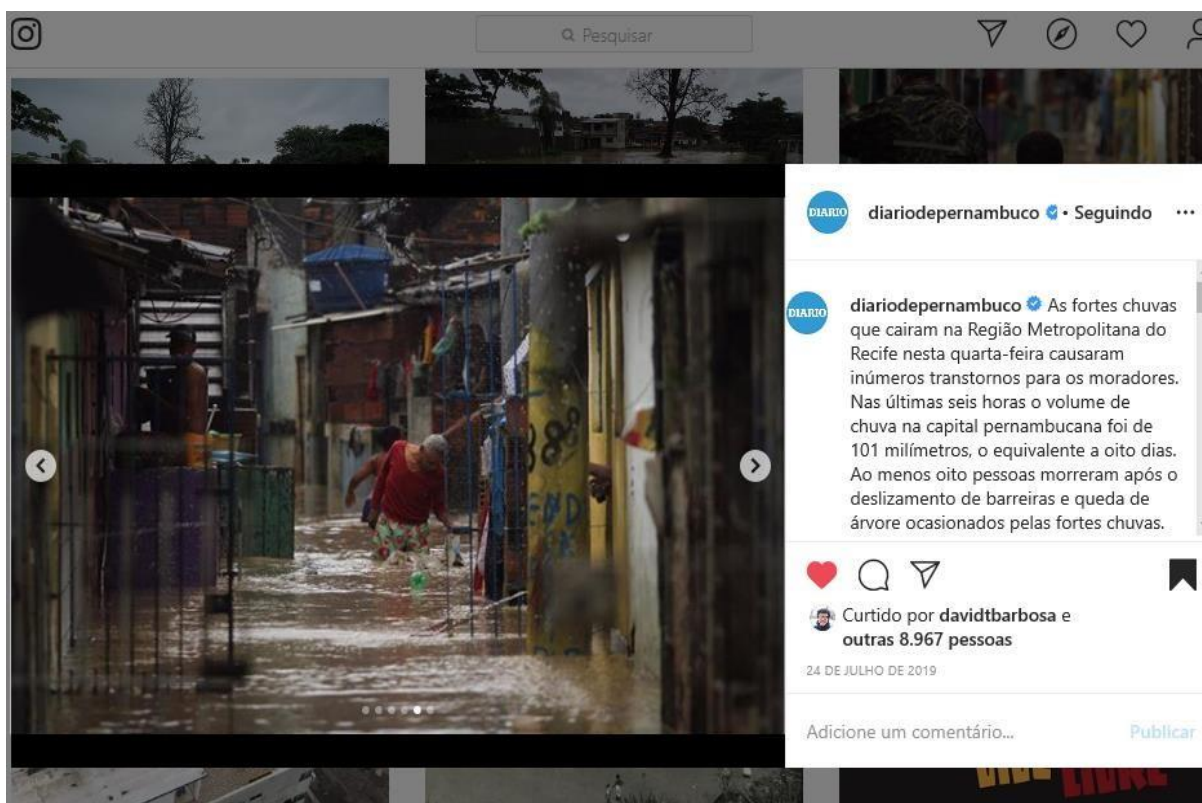
Para Marcelo Lopes de Souza “o bairro pertence àquela categoria de pedaços da realidade social que possuem identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo” (Souza, 1989, p. 149).

Figura 38- Vista da ponte entre Peixinhos e Campina do Barreto, para as palafitas na beira do rio Beberibe, onde se localiza o lar do entrevistado Flávio Roberto.



Fonte: Autoral 2019

Figura 39- Reportagem da Folha de São Paulo sobre as fortes chuvas de inverno nos bairros entre Recife e Olinda



Fonte: Instagram, 2019.

A memória dos habitantes mais velhos resguarda um momento em que o rio Beberibe era um curso d'água ainda limpo, de banhos, de laser. Quando se trata de 30 anos para trás. Para os mais jovens, a memória que existe é das águas adentrando suas casas, como um lugar cheio de problemas ou como depósito de lixo. Em entrevista ao morador do Porto da Madeira, de 20 anos, Romulo Jackson, ele conta que *“Esse rio já nos trouxe muito problema, visse? Todo ano tinha enchentes, entra tudo aqui em casa, alaga tudo. Mas isso foi consequência do descaso que acabamos tendo, o rio cheio de lixo, um absurdo”*. Ele mora exatamente de frente a avenida onde foram removidas as casas no Projeto ProMetropole, e ele comenta que *“desde pequeno eu ouvia falar desse projeto, que ia melhorar aqui. Até agora não está concluído”*

Daí o entrevistado enviou duas fotografias feitas por ele na última enchente na data de 08 de abril de 2019, em que alagou toda sua rua, chamada de Rua D. Trindade, bairro do Porto da Madeira.

Figuras 40 E 41- Rua D. Trindade, no bairro da Linda do Tiro, próximo as margens do Beberibe, mostra-se nesse caso a população em situação de isolamento, com atuação do Corpo de Bombeiros Civis, na tentativa da retirada de pessoas



Fonte: Rômulo Jackson, 2019

A morfologia das habitações precárias de bairros populares significa para moradores e outsiders certos conteúdos informados por seus valores, preconceitos e vivências diárias nos diferentes espaços. Assim, uma palafita na beira do Beberibe será sempre julgada a partir desse par indissociável (continente/conteúdo), presente nos referentes ideológicos (BERDOULAY, 2013) de cada sujeito social. No próximo tópico, será observado outros setores morfológico e bairros que confluem dentre este, evidenciando vivências diferentes geossímbolos entre quem mora no morro e nas margens do curso d'água, ligada a uma geografia do trabalho (SILVA FILHO, 2017).

4.2 Beberibe e São Benedito: os geossímbolos, os sentidos de lugar e os conflitos identitários envolvendo o quilombo urbano Xambá nos bairros limítrofes do Recife e de Olinda.

“De Beberibe pra lá eu nunca tinha ido, até os anos de hoje, pra mim era a boca do mato, selvageria” – Outsider -- Professor Universitário do Recife em 2018.

Subindo o curso d'água cerca de 4 km, chega-se ao primeiro arrabalde no Beberibe, bairro com mesmo nome do rio, o coração da grande Beberibe, com grande movimentação de transeuntes, feirantes e além de conter histórias ditas oficiais do Estado de Pernambuco.

Sabido que o bairro de Beberibe está localizado no limite entre o baixo e médio curso, ou seja, entre a planície e as colinas. Lugar estrategicamente ocupado para que se pudesse usufruir de diferentes recursos, como os excelentes solos das terras planas para o plantio da cana-de-açúcar, ou retirada de madeira da mata atlântica nos morros. Algumas áreas florestadas ainda são vistas em reservas e terrenos particulares rio acima, entre o adensamento de casas, como a reserva do Passarinho e de Dois Unidos. O recorte também consiste em um espaço limítrofe, posto que a margem esquerda do rio encontra-se no município de Olinda, mais especificamente no bairro de São Benedito, o santo dos pretos e enfermos. Neste bairro há um lugar considerado um dos primeiros quilombos urbanos do Brasil, pois cresceu em torno do Terreiro da Nação Xambá¹⁵, que tem grande visibilidade em Pernambuco. Evidenciando, deste modo, um processo de ocupação territorial de negros e adeptos do candomblé nas margens do rio Beberibe, no início do século XX.

Nesses dois bairros separados por municípios com indicadores sociais distintos, há similitudes e diferenças visíveis quando os percorremos e conversamos com transeuntes, moradores ou comerciantes. Sítios marcados pelas planícies e morros, observa-se grande adensamento populacional, muitas pessoas na rua durante o dia, comércio incessante dos dois lados. Ao observar a Praça da Convenção, coração do bairro de Beberibe, próximo da confluência do Rio Morno, afluente mais importante, vê-se marcas da história na paisagem da região, palco do movimento separatista pernambucano em 1821, conhecido como Convenção de Beberibe. Esta praça fora mencionada algumas vezes como um dos lugares importantes para

¹⁵ O Culto Africano da Nação Xambá, no Terreiro do Portão do Gelo, em Olinda, mantém ritos e tradições religiosas que se distinguem das casas de tradição Nagô do Recife. Disponível em: <http://www.xamba.com.br/his.html>. Acesso em 15 de out. 2018

o bairro, pois, ela carregava importante história das revoluções do estado, e da cidade do Recife. Para Angelo Serpa, o bairro, segundo ele, “é sempre identitário, relacional e histórico [...] uma “fonte de autoconhecimento e responsabilidade social” (Serpa, 2007).

Figura 42- Monumento em homenagem a revolução de 1821 na praça da Convenção, em Beberibe



Fonte: Autorial 2018

Figura 43- No interior da praça em uma de suas pontas



Fonte: Autorial

Além do monumento a esta efeméride, a praça, “reurbanizada” em diferentes gestões municipais, tem ainda marcas de trilhos mal conservados da antiga Maxambomba (trem a vapor do final do século XIX), bem como áreas de convivência e ajardinamento. É o espaço público por excelência do recorte considerado.

Ainda dentro do processo de modernização e reurbanização resiste o Mercado público de Beberibe, importante geossímbolo do bairro, com suas movimentações maiores aos sábados, em virtude da feira. Pelo mercado, é conhecida e indicada Dona Nancy, de 70 anos, na barraca das ervas. Ela que trabalha há mais de 30 anos no mercado, tinha um dia tranquilo entre toda a bagunça por fora do mercado, o qual está quase à beira do rio.

Figura 44- Fronte ao Mercado público de Beberibe, localizada neste espaço está a feira livre do bairro



Fonte: Autoral, 2018.

Ela nos conta que trabalhou, antes dali, nos arredores do mercado de São Jose, na infância, com a família vinda de Sergipe. Morou em vários bairros nos arredores de Beberibe, entre Campo Grande, Água fria, Arruda e atualmente morava no Janga, município de Paulista.

Em sua fala é evidente a presença das águas do rio, quando ia trabalhar e encontrava o “quintal” encharcado de água e lama, do mangue q passava por trás, onde hoje é um grande estacionamento. Ela trabalha no comercio no ramo das ervas desde q veio morar aqui, e sua família também, onde ela conta que antes havia muito maior movimento na compra das ervas, pois tinha mais casas ligadas aos cultos africanos. “mas que hoje ainda dá pra sobreviver, pois é o que acostumei a fazer”. Ela também não pensa em sair dali pra arrumar outro trabalho, q gosta de Beberibe. Aparentemente há uma identificação com o bairro e suas atividades no comércio local.

Figura 45- Dona Nancy, na sua loja de ervas no Mercado de Beberibe



Fonte: Autoral (2018)

O bairro passa por algumas transformações, hoje. Ao chegarmos à ponte que divide o Recife e Olinda, durante trabalhos de campo, na margem direita do rio, vê-se uma grande movimentação de homens e máquinas na remoção de casas e comércios que estavam quase dentro d'água. Conversando com pessoas nas cercanias, a maioria tem opiniões positivas acerca dessas remoções, veem como algo positivo, pois sentem muito pelo que já aconteceu com o rio¹⁶. Histórias de moradores de 30 anos atrás sempre remontam ao rio Beberibe como lugar de lazer, beleza, de tomar banho, das lavadeiras e pescadores, navegabilidade, isto é, constroem em suas falas lugares de nostalgia. O rio naquela localidade – que para os mais novos parece hoje um canal abjeto – já foi um lugar de encontro com a natureza. Isto pode ser relacionado ao

¹⁶ Foram entrevistados apenas transeuntes, ambulantes e clientes do comércio local, devendo-se fazer a ressalva de que a opinião dos removidos pode ser bem diferente, como será investigado nas etapas subsequentes do trabalho.

registro de Evaldo Cabral de Melo, em Canoas do Recife (1978), onde o autor remonta à história afirmando que “O Beberibe era navegável por canoas desde quase sua nascente, algumas léguas acima da povoação de mesmo nome” (MELO, 1978 p. 200).

A remoção naquele trecho fora feita rapidamente a marreta, britadeira e picareta; posteriormente, para alargar o leito fluvial, verifica-se o uso de máquinas e caminhões. Mesmo se há algumas pessoas que se negam a sair, ficando ilhadas pelos monturos e restos de alicerces, numa estranha paisagem residual, a mudança avança a olhos vistos e o rio reemerge do tecido urbano que o tem sufocado.

O PAC parece estar mais ativo do lado recifense neste momento, pois do lado de Olinda muita coisa já foi retirada à jusante da ponte entre os dois municípios. Em Olinda os moradores costumam dizer que “tudo anda mais devagar do lado de cá”, evidenciando que mesmo projetos federais possuem injunções dos fatores municipais. Constatamos que nos espaços “livres” são construídos novos territórios como microcosmos rurais dentro de grande adensamento urbano, pois muitas pessoas estão improvisando currais e chiqueiros para criação de animais do lado olindense, onde há porcos, ovelhas, cavalos, jegues e até bois em estreitas porções de terra entre a rua e o leito do rio, liberadas pelas remoções. Pessoas sentadas na calçada na beira do rio, homens e mulheres que são da localidade, evidenciam uma geografia cotidiana. As diferenças entre Recife e Olinda podem indicar práticas portadoras de “identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica, cujos moradores externam as singularidades do lugar através de uma consciência coletiva de pertencimento” (HALLEY, 2014). Essas são as geografias populares de moradores em espaços mais ermos na beira do Beberibe, criando provisoriamente animais de grande e médio porte com os recursos naturais de um rio, onde mal se imagine que tenha vida. O provisório podendo constituir uma estratégia permanente de existência para os mais pobres.

Ao fazermos fotos a partir das pontes e passarelas várias pessoas se apresentaram para lamentar as remoções, tomando-nos por agentes públicos ou da defesa civil. Alguns transeuntes também falaram do quanto de lixo há para ser removido e se questionaram se realmente haverá uma via de ligação direta com a BR-101, sempre com muita incredulidade.

Em São Benedito¹⁷, Olinda, apresenta-se uma situação problemática quanto à consideração de uma identidade una para o setor em estudo: o geossimbólico Terreiro de Xambá

¹⁷ Um escravo negro, que é o padroeiro dos Afro-americanos e dos negros. Nasceu em Filadelfo, perto de Messina, na ilha de Sicília, Itália, por volta do ano de 1526. Os pais eram de origem escrava e descendência de negros

não é tão citado dentre os outros espaços icônicos do bairro durante as entrevistas. Torna-se evidente a existência de tensões e preconceitos que fragmentam as localidades. Um dos locais de pertencimento apontados por moradores (até do lado recifense) é o colégio Loyola, que se encontra no território quilombola, mas mantém relações de estranhamento quanto ao terreiro. O caso do Terreiro Xambá pode indicar uma estigmatização deste espaço afro-brasileiro, relacionando-o a eventos e situações que extrapolam a escala local. Apesar da notoriedade e das visitas que a casa de candomblé recebe diariamente, existe certa negação de sua existência para os populares da região e do próprio bairro que não são daquela religião. Apesar de o lugar ser representado como uma boa relação, Edward Relph trás o *Sentido contaminado de lugar* em que manifesta-se “como uma visão preconceituosa. Na sua forma mais extrema é revelado pela limpeza étnica e pelo deslocamento compulsório daqueles que são considerados estranhos, apenas porque são diferentes de alguma forma” (RELPH, p.26. 2012). O que é importante saber que o lugar pode ter um sentido muito conservador e excluir ainda mais sujeitos sociais mais vulneráveis em determinadas culturas.

Segundo o babalorixá Sidnei Nogueira (2018), a intolerância religiosa no Brasil não é de agora, e que ela também se modifica de acordo com cada lugar específico politicamente, culturalmente falando, e se organizam no tempo e espaço. O preconceito e a intolerância religiosa, interconectado com o racismo brasileiro estigmatiza um grupo e privilegia outros, e assim as igrejas neopentecostais detém de muitos meios de comunicação, como rádios, e concessões em tvs abertas, criando uma hegemonia cristã Nogueira (2020). O autor afirma que nesse sentido:

É quase impensável uma repartição pública sem uma bíblia e um crucifixo. Ao chegar a uma delegacia, fórum, hospital, presídio, escola e demais repartições públicas, é quase impossível não ser recebido por um símbolo cristão, a dizer que o Estado não é laico e que você precisa se submeter a uma fé hegemônica. Hoje, ao entrar em cidades como Paraty, Mauá, Sorocaba, entre outras pelo Brasil afora, você encontrará a normatização de um movimento “cristão centrado” fortalecido por meio de frases de conversão de massa e exclusão de religiões tidas como inferiores e menores. “Jesus Cristo é o senhor de Mauá”, “Paraty pertence a Jesus” e “Sorocaba é do senhor Jesus Cristo” são alguns dos exemplos de um movimento absolutamente etnocêntrico e da

etíopes ou de mouros do norte da África, daí o fato de ser chamado de Benedito, o Negro ou o Mouro. No [Brasil](#), o santo é tradicionalmente venerado pelos [negros](#), que relacionam o período de [escravidão](#) e a origem africana do santo com o seu próprio passado de [escravidão](#) e suas raízes africanas. *São Benedito: santo protetor dos negros*. Disponível em www.uniafro.xpg.com.br/sao_benedito_e_outros.htm

promiscuidade entre o público e o privado-religioso. (NOGUEIRA, 2020. p, 17)

O autor afirma de forma contundente que “A verdade sobre a intolerância religiosa é branca: mais um dos tentáculos do racismo” (NOGUEIRA, p 81). Aqui, Sidnei denuncia que, por trás da intolerância religiosa, há uma branquitude racista. Ele assume, dessa forma, a alcunha “Racismo Religioso” para substituir a intolerância religiosa.

Em uma das entrevistas, a professora Jassiara félix da Escola Loyola fala que as pessoas não assumem suas identidades por medo de preconceito, e a escola estando dentro do perímetro do quilombo urbano, a religiosidade não é encontrada no debate central entre cultura, religião, ou memórias e identidades. Então assim nos revela jassiara:

“Mas são poucos que se assumem. Muitos são fechados, quando a gente tá caminhando pelo Xambá as pessoas falam baixinho a fulano e sicrano da minha família, minha tia, muitos frequentam aqui né, eu conheço gente daqui mas que não se assume e tem uma relação com aquele espaço. Conhecem por terceiros. A menina que tava falando, né, que não concordava com as atividades e tal, no xambá, é gente que trabalha na escola, nem ajuda e acho que atrapalha né, Essa inserção da escola com a comunidade. as pessoas dentro da escola reforça mais o preconceito e que não se assume a relação com o terreiro histórico.” (Jassiara Félix, 2018)

Há grande negação por parte da população, apesar do conhecimento das atividades do terreiro, como as festas de côco e as festas pros orixás que são abertas, muitas pessoas da comunidade vão, são presentes, mas não se dizem relacionar com as atividades religiosas. Contudo, estas atividades são mal vistas, diante de uma crescente da comunidade evangélica, frente à quase estagnada comunidade católica, que detém, muitas vezes, do discurso moral diante do cristianismo como única fonte de religiosidade a ser buscada. Diante dessas identidades que a todo tempo estão em conflitos religiosos, mesmo estando numa grande periferia sendo negados os mesmos direitos cidadãos, Doreen Massey afirma:

Os lugares não tem identidades únicas Ou singulares eles estão cheios de conflitos internos conflito sobre o que foi seu passado a natureza de sua herança sobre o que deveria ser seu desenvolvimento presente, sobre o que poderá ser seu futuro. Nada disso nega o lugar nem importância da singularidade de um lugar a especificidade de um lugar é continuamente reproduzida mas não é uma especificidade resultante de uma história longa internalizada a várias Fontes dessa especificidade da singularidade do lugar ao fato de que as relações sociais mais amplas

nas quais o lugar se encaixa são também geograficamente diferenciadas a globalização "na economia na cultura ou em qualquer outra coisa" não acarreta simplesmente a homogeneização ao contrário a globalização das relações sociais é uma outra fonte (e reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e assim da singularidade do lugar. “ (MASSEY, 2010. p,185)

Mas quando a professora insiste em trabalhar estas questões dentro da escola, uma aluna consegue expressar a sua ligação com a fé no candomblé, e nos conta Jassiara:

“mas tem uma aluna que chegou assim para mim “eu sou candomblecista”. ela encontrou a possibilidade de se reafirmar na sua religiosidade eu consegui criar uma possibilidade para aquela aluna se sentir à vontade que era candomblecista aí depois teve a outra disse assim poxa Bárbara uma menina muito aplicada. Eu não preciso estar em sindicato eu não preciso estar em espaço de poder aqui também espaço e poder mas eu posso estar contribuindo qualquer espaço que eu posso ocupar. “ (Jassiara,2018)

No que descreve a professora sobre seu trabalho e com satisfação, apresenta-se ter uma consciência de que está ajudando a inserir um diálogo entre a comunidade e as religiões de matriz africana.

O bairro de São Benedito é pouco conhecido pelo seu nome, os moradores da região se referem ao ir no bairro, dependendo da localização, por ir perto do xambá ou no próprio bairro de Beberibe, como na fala do morador, Marcos Antônio de Jardim Brasil 5, em Olinda, “vou ali por trás do Xambá (a integração), perto do Xambá, quando sai de perto da integração, já é Beberibe”, e complementa “ pra o povo aqui, a partir do colégio Loyola já é Beberibe, até a feira”. Mesmo que parte da feira, do lado esquerdo do rio, o bairro seja São Benedito, a identidade ultrapassa os limites administrativos da cidade, de forma simbólica, (Haesbaert, 2013) para tornar toda parte de comércio em identidade “Beberibiana”, ou ainda como Marcelo Lopes sobre a intersubjetividade dos lugares no bairro, como pedaços de realidade relacionados (1989) tendo variações de percepção. Ele ouvia mais vezes sobre São Benedito quando ainda não havia a integração.

A integração dos ônibus de xambá, na próxima figura (44), por ser forte ponto de encontro, ela dá o nome a localidade.

Figura 46- Integração do xambá, no bairro de São Benedito em Olinda, na Av. Presidente Kennedy. Ônibus que dão curso aos bairros mais distantes subindo as colinas olindenses



Fonte: Autoral 2018

Percebe-se, assim, a carga simbólica e subjetiva que o fragmento urbano tem, pois, fora tudo isso a priori o grande Beberibe, como também Beberibe de baixo nas cercanias do Arruda, campo grande, Água Fria, no Recife.

Figura 47- Muro por trás da Integração do Xambá, no bairro de São Benedito, na mesma rua do terreiro



Fonte: Autoral (2018)

Outra estratégia vem sendo usada nas redes sociais do grupo Bongar, de dentro do terreiro, para que a atual Av, Presidente Kennedy, antes Estrada de São Benedito, seja renomeada.

Figura 48- Manifestação do grupo Bongar, membros do terreiro do Xambá, em apoio a renomeação de umas das avenidas mais conhecidas de Olinda



Fonte: Instagram do grupo Bongar (2019)

As toponímias antigas que foram apagadas nas transformações da história são recuperadas como forma de resistência e criação de visibilidade à identidade e territorialidade locais. Para Halley (2010), é no bairro que uma “unidade menor onde se realiza com intensidade a vida cotidiana da população urbana, é ainda o lugar onde se manifesta importantes movimentos sociais urbanos”. Que no caso do terreiro de Xambá, sua estratégia é uma proposta intra-bairros, mas que são bairros onde construíram suas vivências numa mesma realidade de conflitos socioterritoriais.

No fim Ladeira do Padre, na localidade Alto do Cajueiro, no bairro de Águas Compridas, obtemos uma vista sobre o vale, da planície aluvial do Beberibe. Aqui, estão representadas, simbolicamente, as territorialidades históricas da região; pois, o convento de São Pedro, apresentado nas próximas figuras (47) e (48), nos mostra a distribuição geográfica excludente da lógica eurocêntrica. O convento que está no topo da colina, próximo a Deus e visto por todos, já em baixo, no mangue pantanoso, às margens do rio, localiza-se o terreiro de Xambá, escondido, como fora na maior parte da história das religiões de matriz africana, no contexto de um Brasil escravocrata, negando-se a reconhecer os modos de vida dos negros e dos povos originários.

Figura 49- Vista da ladeira do Padre, em Águas Compridas, Olinda, para o campo de futebol e Centro de Treinamento do Santa Cruz Futebol Clube, na confluência do rio Morno com o Beberibe, no bairro homônimo. Ao lado uma figura retirada do Google Maps com a localização do Convento São Pedro, de onde foi tirada a fotografia



Fonte: autoral 2018, Google Maps, 2020.

Figura 50- Convento de São Pedro na localidade Alto do Cajueiro no bairro de Águas Compridas, Olinda.
Vista do Alto do Céu, em Beberibe



Fonte: Autoral, 2019

Seguindo a Estrada de águas Compridas, conhecida popularmente como Estrada do Caenga no município de Olinda em frente à Escola Santo Inácio de Loyola, a primeira escola construída na região, muito respeitada em seu aspecto cultural para os moradores e sempre citada entre os mais velhos dos lugares, do morro a planície. A maior parte dos alunos é do bairro de São Benedito, jamais conhecido com Xambá, a religião que impera nesta escola é de católicos e protestantes neopentecostais, o candomblé não está dentro do contexto da escola, apesar do território do quilombo urbano compreender o prédio da escola, nos limites da estrada do Caenga.

A escola foi fundada em 1974, só estudava mulheres a formação era para o magistério. Atualmente a professora de Ciências trabalha com os alunos a educação ambiental, entorno da escola e mostra a importância que os recursos hídricos tem para o nosso planeta, cada aluno

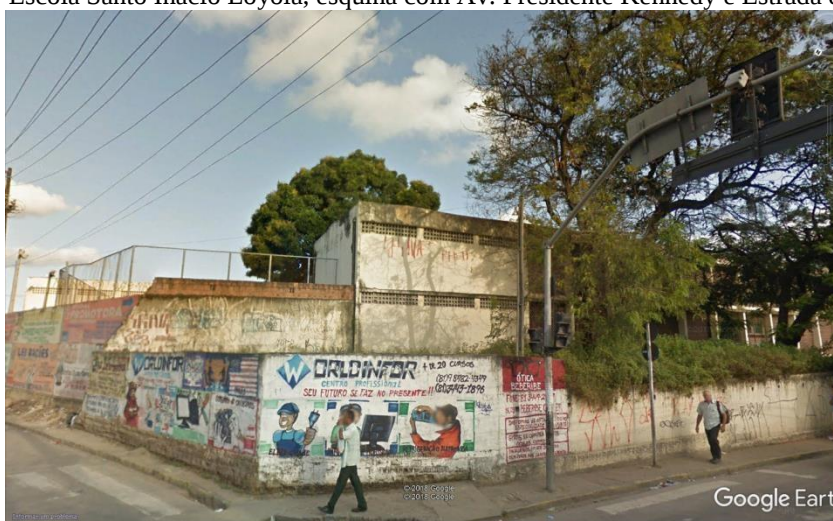
traz de casa sua garrafinha e seu copo, para minimizar o uso de descartáveis, a merenda escolar é servida no prato de plástico que é lavada e guardada na escola.

Nas feiras de Ciências são produzidos jogos, objetos de decoração, entre outros, para a reciclagem dos produtos de garrafas pet e latas de alumínio.

Na figura a seguir a edificação que antes era apenas da escola Santo Inácio de Loyola, ensino fundamental, atualmente esta dividindo o espaço com a escola de referência em ensino médio Padre Carneiro, ensino médio, figura 06. Em todo o trajeto que percorremos a pichação é um traço forte nos muros.

Escola Santo Inácio de Loyola

Figura 51- Escola Santo Inácio Loyola, esquina com Av. Presidente Kennedy e Estrada do Caenga



Fonte: Google Earth (2018)

Figura 52- Escola Santo Inácio Loyola na sua frente e o quintal da escola com vista para casas da Estrada do Caenga



Fonte: Google/ autoral (2018)

Fora entrevistada a professora Jaciara Félix, mulher negra, ativista do movimento negro, vinda do município de Paulista na RMR, dentro da própria escola Santo Inácio Loyola, cuja tem um projeto sobre memória e lugar, desenvolvendo um senso comunitário entre os alunos e familiares. Conforme destacou a entrevistada, o bairro apresenta uma riqueza cultural muito grande, que não é valorizada pela escola. Ao observar a proximidade da escola com o terreiro de Xambá e a sede do Maracatu Leão Coroado, localizado na Estrada de Água Fria, a professora buscou formas de trabalhar com esses importantes espaços culturais dentro do currículo escolar. Nesse sentido, a professora nos relatou seu processo para trabalhar essas questões identitárias no âmbito escolar. Conforme suas palavras:

E aí eu fiquei pensando em como trabalhar essas questões e muito mais, ou o quilombo de Xambá. Por que as outras coisas as pessoas, apesar de não terem trabalhado não se desmerecem, e o terreiro de Xambá não, é de um olhar extremamente discriminatório principalmente pela equipe docente da escola. O que eu vou fazer aqui meu Deus tanta riqueza, aí a princípio atividades que eu tinha envolvido para os meninos trabalharem a identidade e seus valores e que eles têm nas suas riquezas. Como trabalhar as identidades com esses meninos?

Esse ano de 2018 eu fiz uma atividade evocando locais do Bairro em equipes e fiz o sorteio sobre o que a gente de um pesquisar a cada local e faria mais um *city tour* e a pesquisa seria para saber o que tem no entorno e preferência de locais e eles que seriam os guias. [...] Sabíamos que era um tema bem polêmico, fizemos reuniões com os pais explicamos mas encontramos muitas resistências e questionamentos de funcionários, inclusive, também dos alunos e muitos deles não foram à atividade e os pais e as pessoas na escola falaram muito de mim, mas de qualquer maneira nós fizemos a visita ao terreiro de Xambá. Depois eu fiz uma gravação com depoimento de três alunos sobre o olhar aquele que tinham antes sobre o terreiro e o olhar que ele passou a ter e esse mudou olhar, e aí eu vou tentando.

Apesar de a escola estar localizada dentro do território demarcado do Quilombo Urbano do Terreiro de Xambá, a professora relatou o surgimento de diversos conflitos religiosos, como o exemplo de alunas que não quiseram ir porque a mãe era evangélica e não gostaria da sua participação na atividade. Mesmo observando a existência de diferentes templos e símbolos religiosos nesse ambiente, existe pouco diálogo inter-religioso, tanto na escola quanto nas dinâmicas internas do recorte territorial em questão. A despeito desses problemas, a professora nos relatou de que forma conseguiu estabelecer um diálogo inter-religioso a partir das suas atividades:

Eu não sou daqui da comunidade, eu moro no bairro da Encruzilhada. Me deram um contato da igreja católica e da Dona Glória do Xambá,

que me indicou o pessoal da Igreja Batista que tem trabalho social. No sexto ano eles fizeram uma atividade com esse trabalho social na Igreja Batista e com o pessoal do Xambá, que virou um debate inter-religioso e foi bem aceito por todos, não houve problema e foi um trabalho bonito. São atividades que promovem um diálogo em encontros e aquela comunidade extremamente carente do terreiro de Xambá que tem um trabalho cultural muito importante ,né, de percussão. Que tem parceria com comércio, com padaria, eles também conseguem estabelecer um diálogo com vários segmentos da Comunidade.

4.2.1 Processo de remoção dos moradores às margens do rio Beberibe – o habitar marginal no nanoterritório

O geógrafo Marcelo Lopes de Souza faz alusão a Microfísica do Poder, em que Michel Foucault tratava dos micropoderes, desta forma o nanoterritório assemelha-se por criar uma fronteira entre uma rua, um prédio ocupado por sem-teto ou a parte de uma arquibancada de estádio de futebol de uma torcida específica no mesmo time. Expressando uma resistência quotidiana espacialmente produzida.

Há, aqui, um processo de desterritorialização de pessoas em situação de extrema pobreza, moradores de palafitas e barracos na margem do rio, com o intuito do Estado, em revitalizar a bacia hidrográfica com o menor IDH da região metropolitana. A ideia é que O rio Beberibe venha a ser recuperado pela ação do PAC-BEBERIBE – O programa além de limpar s resíduos Sólidos encontrados nas margens do rio, construirá redes de esgotos sanitários e aumentar a profundidade da calha do rio para evitar que nos períodos de chuvas não cause o transbordamento para a população do entorno. As populações ribeirinhas que habitavam estes ‘nanoterritórios’ (Souza, 2015), foram transferidas para conjuntos habitacionais, fornecendo, a priori, uma qualidade habitacional melhor do que havia, porém, muitos não conseguem se adaptar ao meio de vida fora deste território não coletor do rio, qual muitas vezes criava-se animais e currais, estas estratégias territoriais comuns aos moradores da beira do rio, assim classificadas como as geografias populares visto na figura ()

Figura 53- À esquerda, dois moradores do Bairro de Passarinho retirando o barro na margem do rio Beberibe, que já está sem mata ciliar e assoreado, para a construção das casas em habitações e arquiteturas populares. Na figura à direita, vemos em São Benedito, Olinda, os barracos dentro do leito do rio, e a criação de animais de grande porte, pois o rio ainda sustenta uma coleta de matéria que propicia uma vida quase rural em meio a urbanização desenfreada imposta pelo capital.



Fonte: Autoral (2018)

Evidenciam-se os nano territórios e estratégias cotidianas do habitar na margem do rio. Contudo o sonho da maioria das pessoas é ter sua casa própria, visto na fala dos moradores, também é um sonho comum aos brasileiros, pois fora negado, em sua história, aos negros e pobres do país um habitar digno de se viver. Também fala das distintas e estratégias territorialidades o geografo urbanista Jan Bitoun que:

As famílias construtoras em situação de pobreza e com pouco acesso à informação, não podem lançar mão de soluções de engenharia adequadas à edificação em sítios físicos tais como as planícies de inundação e as vertentes íngremes tanto pelos custos quanto pela visão sistêmica que exigem” (BITOUN, 2004 P.257)

Na figura (39) mostra-se a margem do rio Beberibe antes da ação do PACII. Em meio aos diversos tipos de ocupação de uma arquitetura informal, das mais frequentes na região aterrada e alagável.

Desse modo, Na figura (40), entre as diversa estratégias territoriais, uma forma de captação de água improvisada, para quem mora dentro das águas, sendo este um problema muito reconrrente nos alagados do Recife e Olinda. Então, na fala do morador, em entrevista, podemos identificar essas estratégias nanoterritoriais.

Figura 54- Margem direita do Beberibe, no bairro Campina do Barreto, Recife. Vê-se à direita e esquerda da foto mangueiras de captação de água da Compesa



Fonte: Autoral 2018

Assim nos conta Flávio, morador de palafitas em Peixinhos, que é a única forma de captar água para os moradores do da favela do Condor, gerando muitos riscos a saúde:

“Outra coisa de ruim daqui é a água né, mermão? a água, tem que tá pegando, quando a mangueira se tora aí, tem que ajudar né? atravessa o rio, tem hora que a água dá na canela, no joelho assim, tem hora que dá na cintura, tem hora que a gente tem que atravessar no nado. A mangueira é da Compesa de Chão de Estrelas, mas a gente num paga não, a gente invadiu. Ó, tem um túnel , um bueiro, aí entra por dentro do bueiro, pra sair lá na cabeça da água mesmo, onde tem o T que... Aí a gente botou um cano, a mangueira, bem amarradinho e colou, né? aí vem todinho por dentro do túnel, aí por mim, essa água seria por dentro

do rio, botava umas varas, uns paus, feitos uns tripé assim, com fio de telefone, deixar bem amarradinho, pra ela passar por cima do fio, colado com o fio assim ó. Aí ela fica dentro da água agora, aí quando pega garfo de bicicleta, aí serra, , deixa só aquelas pontas de baixo assim, enterra ele na lama, aí pisa com pé pra ficar bem fundo, pra mangueira ficar ali, pra não enganchar no lixo, mas mesmo assim com o tempo, quando a enchente vem, cava, leva tudo, leva mangueira, lá vai a gente buscar a mangueira lá embaixo, quando encontra. Aí a poluição né, aí os germes, as bactérias, tudo dentro dentro da mangueira de novo, aí fica saindo água suja. Essa água que vem correndo de lá, vem do outro lado, ó ela aqui ó.”

Figura 55- Habitações precárias, resíduos sólidos e dejetos de esgotos diretos no rio, ainda não removidos pelo PAC, na ponte de Beberibe- São Benedito



Fonte: autoral, 2018

A população que habitava nesta área morava em habitações precárias, sem esgoto sanitário adequado, muito lixo e uma poluição visual gritante, podemos diagnosticar que o padrão econômico é baixo, e que os hábitos de conviver com os resíduos sólidos (lixo) é do cotidiano, embora que a Prefeitura do Recife através da EMLURB - Empresa de Urbanização do Recife, tem uma coleta de lixo diária para este local.

Na Figura seguinte, podemos registrar a retirada das habitações ribeirinhas através do PAC Beberibe II.

Figura 56- Marca das casas removidas no leito do rio, pelo PAC-Beberibe



Fonte: Eloiza Vital (2018)

Neste local existe a feira livre de Beberibe, composta de muitos feirantes que mora no entorno do rio, esse é outro agravante de poluição hídrica, pois os comerciantes do local, ao entrevistarmos disseram que os feirantes despejam os restos de frutas e verduras que estragaram no rio, enfim o rio serve como um local de despejo de todos que habitam próximo.

Nas figuras observamos o impacto ambiental que os recursos hídricos recebem da população do entorno, a cor da água mostra que o rio recebe os dejetos sanitários das moradias, além da feira que ocupa a parte da rua estreitando, o pedestre tem que disputar o lugar com os carros, causando uma poluição visual marcante. “*Morar perto da feira é muito bom, aqui temos tudo o que precisamos*”, -Maria Helena, moradora.

Figura 57- Na feira de Beberibe encontra-se diversos produtos, de alimentos, vestuário, caçados. Destacando-se por estar na divisa entre o Recife e Olinda, possibilitando ver as duas margens do rio



Fonte: Silva Filho (2018)

Durante trabalho de campo, na ponte que divide os bairros de Beberibe e São Benedito, pudemos conversar com dois vendedores de calçados, do quais trabalham na feira, onde eles demonstram estratégias territoriais para permanecer no ponto de vendas há muitos anos. Seu André, o vendedor mais velho e Thiago, o mais novo, na figura seguinte, nos contam que para fugir das fiscalizações do município de Olinda sobre suas mercadorias a venda, ele atravessa a ponte e permanece do lado do Recife, e faz-se o mesmo para fugir da fiscalização do Recife. Assim, como ele diz, passa de um “território para o outro” e diz que é a vantagem por estar no limítrofe entre as duas cidades. Seu André que mora no Alto do céu, morro do bairro de Beberibe, diz que conhece todos os bairros da região do rio Beberibe, cita vários bairros e lugares no entorno do rio, contudo, cita o bairro de Cajueiro como sua preferencia, porque as pessoas nesse bairro são mais “civilizadas”. Nesse caso, afirma (BOTELHO; SCHWARCZ, 2012, p.11) que “cidadania envolve modos de identificação intersubjetiva entre as pessoas e sentimentos de pertencimento criados coletivamente em inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas e simbólicas”.

Sobre a praça de Beberibe, na conversa, é notado uma visão negativa na territorialidade noturna em Beberibe: prostituição, venda de drogas e nada que “preste”. Demonstrando a face

dos territórios móveis ou cíclicos (SOUZA,2015), uma vez que este território é ocupado por velhos jogadores de dominó durante o dia, a noite ele se mostra flexível e se refaz diurnamente.

Em relação ao curso d'água, seu André com 51 anos, rememora o rio como um espaço de lazer, onde há 30 anos trás ele tomavam muitos banhos com a família, nos bairros mais acima de Beberibe, como Dois Unidos e Passarinho na outra margem, em Olinda. Lembra-se muito das lavadeiras. Hoje ele comenta ,então, que “ o rio não é mais o rio de antes. Está sem serventia, morto”. E pergunta assim: “ele ainda tem jeito, professor?”. Pois quando se trata do rio beberibe são apenas pontos negativos, como ele também lembra de duas cheias “que ultrapassaram a ponte, há três e quatro anos atrás, que parecia que a ponte iria se quebrar”. Fazendo com que hoje as águas do rio, de form apositiva sejam lugares da memória (POLLAK, 1992).

Pudemos visualizar obras do Pac Beberibe nesse trecho. Os dois vendedores falam positivamente das obras e da retirada dos moradores da margem, pois assim evitaria que as pessoas e eles no trabalho, não sofressem com as enchentes.

Figura 58- Seu André a esquerda e Thiago a direita. Vendedores de sapatos, na feira em cima da ponte de Beberibe. Podemos visualizar o rio a esquerda, do lado de Olinda, onde as obras estão menos adiantadas.



Fonte: Silva Filho (2018)

A feira de Beberibe atrai pessoas dos vários bairros e arredores, dos morros de Olinda e do Recife. Há uma concentração histórica e uma auto identificação com o ‘vuco-vuco’ que existe desde a década de 50 até os dias de hoje.

Estava então, Maurício, 50 anos, morador da Linda do Tiro, no Recife, a contemplar a beira do rio e as obras “as demolições” do PAC, pela ponte - pois havia de estar esperando sua esposa fazendo compras na feira adentro. “venho sempre fazer as compras com minha esposa, todo mês, as vezes até mais de uma vez no mês, eu e ela gostamos. A gente encontra muita coisa em conta.” Fala de como estão as obras acima do rio, sentindo Dois Unidos, “ elas estão bem avanças do lado de lá, quase abrindo. Como mostra próxima figura (57):

Figura 59- Avenida na beira do rio se abrindo, em direção a BR-101, por trás da antiga fábrica Minerva, em Dois Unidos



Ainda na Avenida do Caenga, outro geossímbolo importante pra essa parcela de pessoas da periferia Olindense é o Cemitério Público de Águas Compridas, sendo um lugar carregado de sentimento de abandono, descaso por parte da prefeitura e dos gestores. Quando seria realizada a ida para observação, o cemitério estava fechado, porque havia acontecido um homicídio¹⁸ dentro do mesmo, evidenciando a criminalidade que é dito pela população. Assim a ida só pôde ser realizada alguns meses depois devido a Pandemia da COVID-19. Além disso, fora avistado ossos de fêmur expostos por trás de covas no pé do muro, quando tentava-se pegar o melhor ângulo para as fotos e túmulos depredados

Sendo o único dessa área de morros, é possível ser um lugar de nostalgia, como nas falas de André Luís, morador de Aguazinha, afirma: “tenho muitos parentes, amigos e vizinhos aqui”, conversa realizada em Setembro de 2020. Na próxima figura pode-se visualizar a parte interna e externa do cemitério.

Figuras 60 E 61- Na parte interna, pode-se ver de fundo o morro do Alto Nova Olinda; na parte externa, está beirando a Av. do Caenga



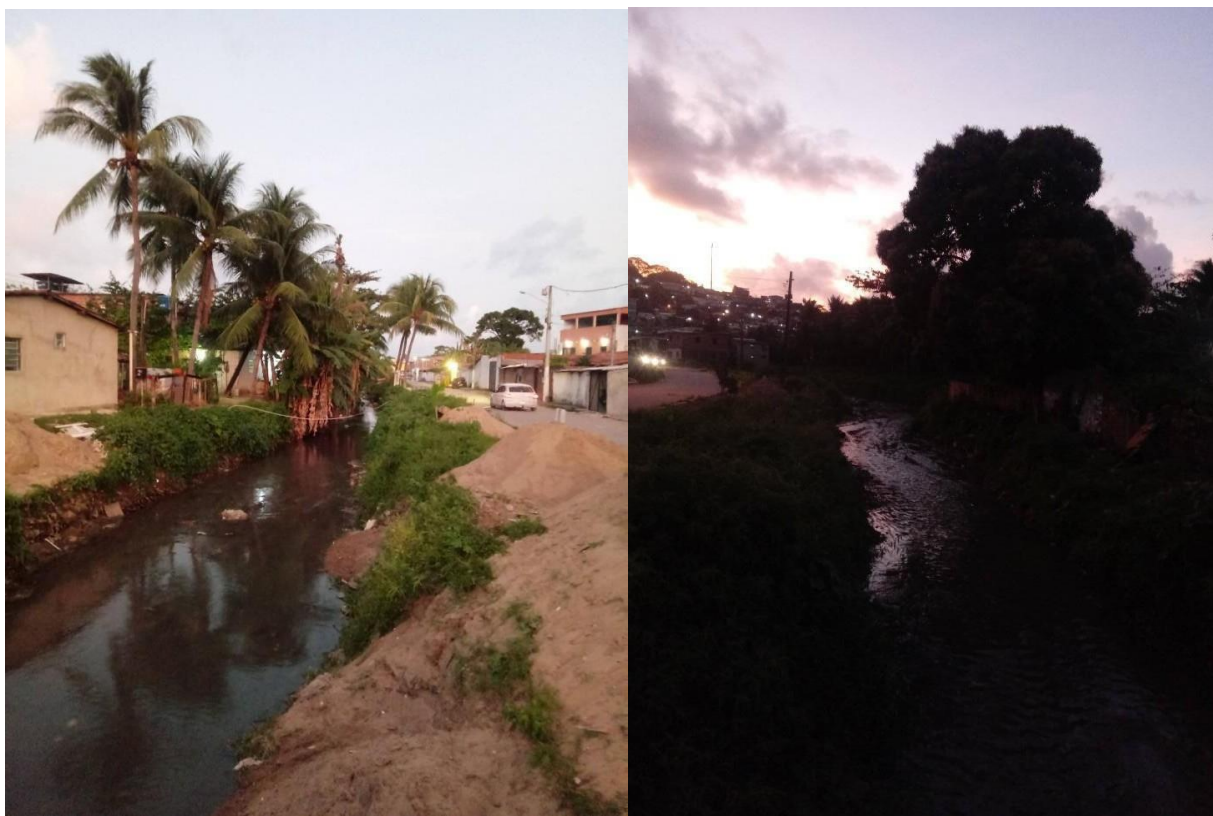
¹⁸ “Um homem foi assassinado, nesta terça-feira (31), dentro do cemitério no bairro de Águas Compridas, em Olinda. De acordo com a polícia, a vítima estava acompanhando um velório quando foi surpreendido por homens que entraram armados e dispararam várias vezes. O rapaz morreu no local. A motivação para o crime ainda é desconhecida.” Disponível em : <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2020/03/31/homem-e-morto-a-tiros-enquanto-acompanhava-velorio-em-olinda-186281>. Acessado em 10/09/20.



Fonte: Autoral 2020

De frente ao cemitério, avistamos o riacho Lava Tripas, na figura (), no trecho em que ele parece um córrego, do qual havia efetivamente o Porto da Madeira, no encontro com o Beberibe, próximo a Av, presidente Kennedy.

Figura 62- Riacho Lava Tripas



Fonte: Autoral 2020

O riacho Lava Tripa ou Córrego do Abacaxi, possui uma área total de 3,43km² (CAMPOS, 2003. p.75), tem sido um dos afluentes que mais sofreram pela ocupação urbana e por falta de gestão, cada vez mais castigado, carregado de muitos problemas ambientais e enchentes durante o inverno. Sendo, agora este, foco no programa de reurbanização realizado pelo PAC-BEBERIBE. A fim de canalizar e resolver problemas como falta de saneamento.

4.3 Nos altos do Beberibe: debatendo a paisagem à luz do projeto *Mais Vida nos Morros no Alto do Céu* e o geossimbolismo do Clube Bela Vista no Alto Santa Terezinha.

As ações da prefeitura prosseguem numa porção da encosta voltada para a Avenida Beberibe; visibilidade evidente, efeito paisagem colorida e feliz, apesar da existência de deslizamentos e vertentes cobertas provisoriamente com lonas pretas; apenas funcionários terceirizados da PCR (Soll) trabalhavam em escadarias e fachadas, havendo dito que os moradores participam mais aos sábados e nos mutirões; sendo este um projeto de pintura de todas as comunidades do Recife, ligado a primeira infância e a vivência nas ruas, as pessoas

enfrentam ainda outros problemas como nas encostas, com deslizamentos, as ações do programa mobilizam os moradores que se inscrevem para trabalhar em um trecho do bairro modificando a paisagem do Beberibe, como na figura seguinte:

Figura 63- No registro à esquerda, há um muro de contenção de deslizamento das barragens, pois além de ser um solo argiloso, tem uma grande declividade. Nota-se que as casas viradas para as avenidas e com vistas de longe, são as beneficiadas pela pintura. Ao fundo, a torre da TV Tribuna e a zona rural de Olinda. Ao registro da direita, temos dois moradores da Rua Vitoriana empenhados ao pintar a comunidade com apoio da prefeitura.



Fonte: Autoral (2018)

Em conversa com alguns moradores os mesmos se identificam mais ou com o bairro como um todo (Beberibe), ou com a rua onde moram. Alto do Céu parece ser uma identidade até certo ponto problemática com o morro? Preferem falar de “rua Vitoriana”, “antiga rua do Cajá”, “rua Paraná do Oeste”, etc. Entretanto, avaliam positivamente a ação da prefeitura, por valorizar o bairro. Portanto, há um jogo de escalas que indica conflitos identitários com o lugar. Porque, contudo, o bairro pode não estar incluído na identidade por “inteiro” do bairro, tendo, assim, o morador da localidade, uma relação numa escala menor ao bairro, como uma localidade ou a sua própria rua. Por assim, afirmara Tuan (1983, p. 189) que “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o ‘bairro’, é um conceito”. Nesse caso, o conceito de lugar se fixa na rua ou localidade á parte do bairro, devendo, muitas

vezes, ter que existir um motivo para a experiência vivida intimamente ligar-se ao bairro como um todo. Afirmado dessa forma Halley (2010) que “é a partir da diferença, da alteridade, do reconhecimento, enfim do despertar identitário face às outras unidades urbanas que se processa a transformação do bairro em lugar”.

Figura 64- Vista do Alto do Céu, em primeiro plano casas contempladas com pintura do Mais Vida nos Morros (PCR)



Fonte: Maciel, 2018.

Em uma reportagem do diário de Pernambuco, o projeto ganha um prêmio nacional, com reconhecimento internacional da ONU, como uma forma de melhorar a vida das pessoas. O texto do jornal segue assim:

O programa Mais Vida nos Morros ganhou o prêmio do Encontro Alumni 2019, promovido pelo Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), que tem o objetivo de incentivar ações que geram Impacto na realidade de crianças carentes. A premiação encerrou o Simpósio Internacional de Desenvolvimento da Primeira Infância, que ocorreu no estado de São Paulo nos dias 3 e 4 de outubro. A iniciativa de cidadania e desenvolvimento sustentável engaja moradores de comunidades do Recife através de pintura de casas, muros, além de programação cultural e atividades lúdicas para as crianças. O objetivo é integrar a comunidade a participar da criação das soluções urbanas e ambientais. O programa, que teve início em 2016,

está beneficiando diretamente 15 mil moradores de 28 comunidades da Capital. O Mais Vida nos Morros já recebeu o reconhecimento da ONU-Habitat, da Child in The City e da Bernard Van Leer Foundation. A execução é feita com acompanhamento técnico da Prefeitura, materiais da iniciativa privada e dos moradores. As comunidades do Alto do Maracanã, Córrego do Jenipapo, Mangabeira/Alto José do Pinho, Três Carneiros, Alto Santa Isabel, Morro da Conceição, Sítio São Brás, Beberibe, Vasco da Gama, Pedra Bonita, Alto José Bonifácio, Burity, Saramandaia, Rua da Bela Vista, Alto do Pascoal, Córrego Domingos Sávio, Alto da Brasileira, Alto do Caeté, UR-7, Fortim, Alto da Bela Vista, São Xavier, UR-1, Vietnã, Dancing Days, Coque e Coelhos já foram finalizadas. Atualmente 12 comunidades estão sendo atendidas. De acordo com o secretário executivo de inovação urbana do Recife, Tulio Ponzi, o programa surgiu como uma estratégia de Defesa Civil para que o morador do morro se tornasse aliado da Prefeitura e agente de resiliência no local onde mora. O gestor participou do Programa de Liderança Executiva na Primeira Infância, na Universidade de Harvard, promovido pelo NCPI, e após a experiência, o desenvolvimento infantil se tornou um dos focos do Programa.¹⁹

Uma das famílias contempladas com pintura de suas habitações fez questão de nos levar e mostrar a casa erguida pelo patriarca, “um negro muito trabalhador”, que cortou a barreira com as próprias mãos e fez tijolos com a terra da encosta. Inclusive criou um modelo próprio de tijolo. A visita foi muito importante para revelar o orgulho das pessoas por construir o seu lugar, onde *habitam* até hoje. Sra. Marina, Sra. Silvana e Sr. Ednardo; ao ser perguntado sobre que rio era aquele que passava no bairro, a Sra. Marina afirmou ser o Lava-Tripas (que na realidade é um afluente olindense do Beberibe). Curiosamente, a mesma morou às margens do Beberibe, lado olindense, de onde voltou por ser um ambiente muito agitado, com pessoas armadas andando na rua. A casa que ela possuiu lá foi vendida e agora foi derrubada pelas obras do PAC-II.

¹⁹ FONTE: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/10/programa-mais-vida-nos-morros-recebe-premio-nacional.html>. Acessado em 2020.

Figura 65- Sr. Ednardo e o tijolo fabricado in loco por seu pai, Alto Bela Vista



Fonte: Maciel, 2018.

Seguindo o roteiro de exploração da localidade, localiza-se então, no alto Santa Terezinha o clube Bela Vista é um marco geossimbólico importante, extrapolando Alto do Céu, por estar em uma divisa no topo da colina (bairro de Água Fria, e a localidade Alto Santa Teresinha). Sua importância e reconhecimento externo fazem dele motivo de orgulho, ponto de condensação identitária mais importante até do que os bairros limítrofes: é um *haut-lieu* (uma localidade-chave, um bastião identitário);

Figura 66- Fachada e interior do Clube Bela Vista, marco geossimbólico. Clube famoso pelos shows semanais de música brega e “cubanas” aos domingos, com grandes expoentes locais da música, atraindo gente de vários bairros e região metropolitana



Fonte: Maciel, 2018.

Figura 67- Clube Bela Vista durante funcionamento, numa das famosas noites de domingo, A Cubana, com exclusividade para as musicas caribenhas. Havia grande movimentação de gente de outros lugares da cidade, do bairro, além de pessoas de diferentes faixas etária, também com muita diversidade de público de diferentes sexualidades.



Fonte: Autoiral (2019)

Em conversa com Sra. Alderita (Bar do Camarão, ao lado do clube) surgiu uma definição interessante sobre quem mora em Beberibe-rio e Beberibe-morro. Disse ela: “O problema de quem mora perto do rio é água, pois quando chove tem enchente; o problema de quem mora aqui em cima é água, porque falta muito”. Pois a partir da década de 1940/50 os morros foram ocupados aleatoriamente, e assim, dependia-se que o poder público desse o mínimo de assistência. Então se criou chafarizes e banheiros públicos em áreas de morro, como na lei 324, de 21/03/1952 (SOUZA, 2011). Ou seja, todos dependem de certa relação com a

água. Depois completou dizendo que hoje em dia não é mais tão problemática a falta d'água nos morros. Citou o chafariz e os poços nas casas de vizinhos, em córregos, como pontos importantes do bairro, mas que não existem mais. Reverberando o que afirma ABREU (1998), sobre as memórias espaciais, que somente narrados por indivíduos pode ser rememorado lugares e eventos que já não existem, onde é visto por Pollack (1990) como memória vivida diretamente pela pessoa e é narrada oralmente.

Ao lado do Córrego da Padaria, foi possível registrar a vista de um dos quintais de uma casa para o vale do Beberibe.

Figura 68- Vista do quintal de uma casa no Alto Santa Terezinha, na Av. Aníbal Benévolo, para os morros de Olinda, ao fundo o Convento de São Pedro, no alto cajueiro no bairro de Águas Compridas



Fonte: Autoral, 2018.

Ao descermos por outra vertente em direção ao centro de Beberibe deparamo-nos com outro “córrego”, onde não há ações da PCR: Córrego da Rua dos Operários (a via principal, no fundo do vale, dá nome a todo o subespaço). Verificamos grande densidade de ocupação, lonas pretas protegendo encostas, mas não foram realizadas entrevistas. Ainda na descida acabamos por alcançar a tradicional e sempre lembradas “Rua do Anil”, onde apenas realizamos observação direta. Não havia aí o Mais Vida nos Morros.

Figura 69- Vista do Córrego da Rua dos Operários, a oeste de Alto do Céu, Beberibe



Fonte: Maciel, 2018

Lugares mais vinculados ao habitar imediato: casa e rua. Questões de escala sempre foram evocadas (rua-comunidade-bairro), além de uma referência a territórios político-administrativos ou a processos de conquista do espaço pela própria luta dos moradores. Há uma identidade com o espaço dos morros do Recife, variando a relação com o rio Beberibe, dependendo das histórias de vida e dos lugares de memória. Pode-se apontar como geossímbolos: o clube, a Praça da Convenção, algumas ruas (Anil, Cajá, Vitoriana, etc.), além de espaços fantasmáticos (desaparecidos): o chafariz, as cacimbas. A maioria das pessoas com quem conversamos avalia como positiva a remoção das casas da beira do rio por conta de uma geografia do medo e da violência, embora alguns ali tenham residido como na fala de Flávio:

Essa obra que fizeram aí, rapaz foi ótimo, visse? o projeto é vim pro lado de cá, dizem que pessoas vão ganhar casa aqui, outras pessoas vão ganhar... cada cá tem sua versão, né? por mim seria melhor se desse um apartamentozinho, uma casinha, do que dinheiro, porque porra... a turma aqui já num tem costume de pegar em dinheiro, quando pega em dinheiro vai endoidar véi, vai fazer besteira com o dinheiro, eu mesmo num queria ganhar o dinheiro não, eu também num sou muito organizado, eu preferia ganhar minha casa.

Também não encontramos contraposição ao Mais Vida nos Morros ao entrevistar os moradores da região contemplada.

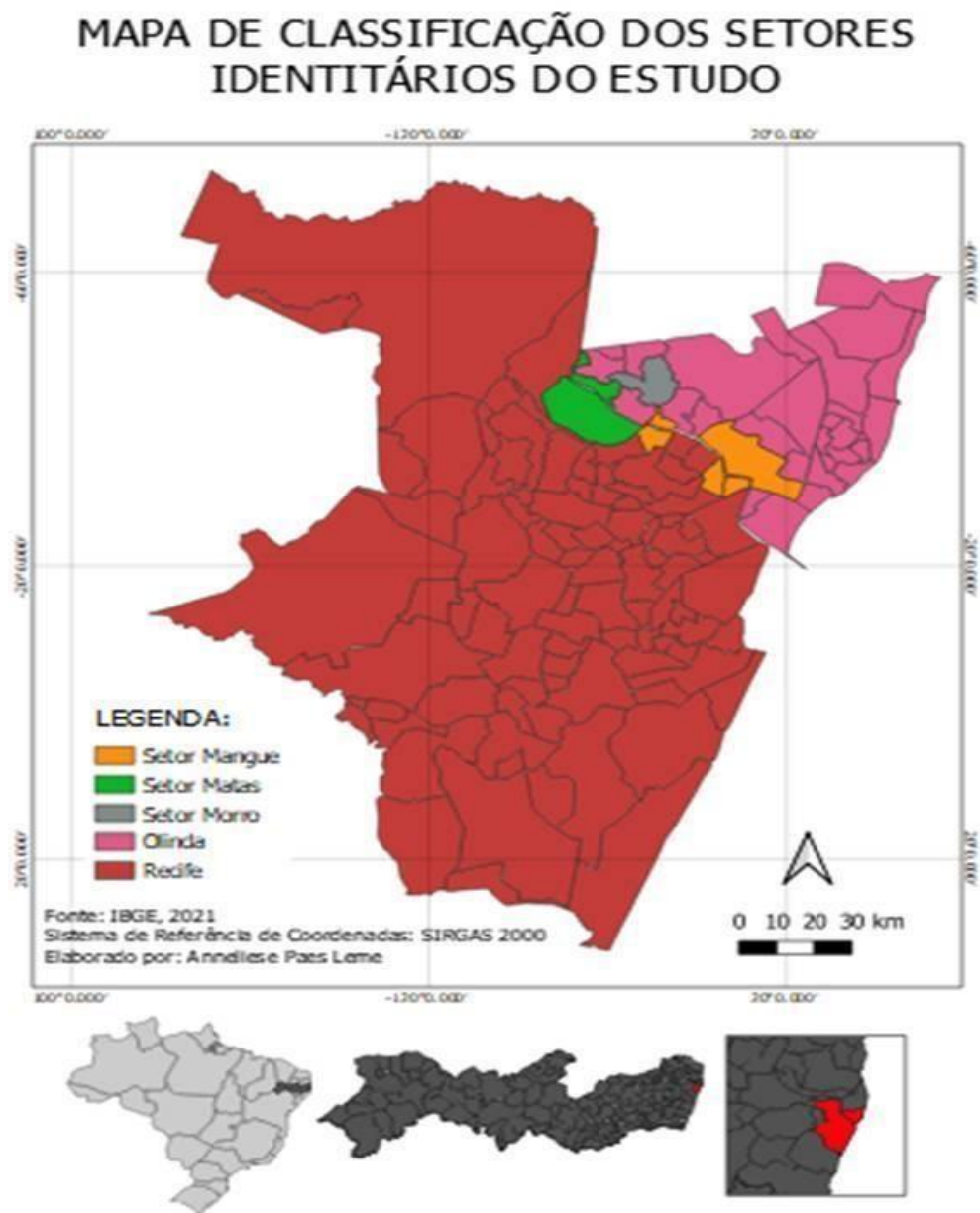
4.4 Dois Unidos e Passarinho: os morros, as matas e o rio Beberibe na memória, na percepção ambiental e no sentimento de pertencimento dos seus moradores – e o movimento *Ocupe Passarinho*.

“O povo da zona sul nem imagina o que se passa nos morros da zona norte, é outro mundo, outra cidade” - Motorista de Aplicativo e morador do bairro de Setubal em 2018.

Quanto ao recorte mais oeste da bacia, bairros de Dois Unidos e Passarinho, o que se pode dizer por instante é que encarnam com maior força o imaginário dos espaços naturais recentemente defenestrados pela urbanização (na última geração, entre 25 a 30 anos). As localidades ali teriam áreas de expressiva ruralidade ainda vivas nas memórias dos habitantes ou de seus visitantes, que buscavam outrora áreas de descompressão para banho, piquenique ou jogos de lazer no rio principal e afluentes. A ocupação urbana rápida e sem controle teria poluído o derradeiro trecho acessível para contemplação e usufruto da natureza no Beberibe, afastando as áreas mais conservadas para montante da BR-101. Em muitas falas os habitantes reportam-se ao fim de um idílio rural, com a transformação das florestas em “áreas de desova” e a poluição dos cursos d’água. Hoje, são bairros mais identificados com os demais “morros” do Recife, muito embora os fragmentos de vegetação e áreas verdes ainda sejam consideráveis.

Sendo agora, o bairro de Dois Unidos, dentro do ultimo setor identiário, o das matas, como segue no mapa seguinte.

Mapa 3- Setores identitários da bacia do Beberibe no recorte de estudo, dentro da BHRB, privilegiando os bairros e lugares na calha principal do rio, entre o Recife e Olinda.



Elaboração: ANNELIESE PAES LEME (2021)

Passando pelo campo de Passarinho, figura (68), próximo ao rio, encontramos o seu Moisés, homem de 57 anos, mora em Dois Unidos há 38 anos, e afirma que o “o que acabou com o rio e sua função recreativa foi o povo ter ocupado a margem”. Para ele não há diferença entre Passarinho e Dois Unidos, além de que Dois Unidos tem mais comércio, mais ônibus, como ele diz que passa quase na porta da casa dele, e os bares ficam abertos até de madrugada,

onde ele gosta de frequentar. Sobre o rio, ele nos diz : *“quem era esse rio? Hoje ele virou o esgoto das casas. O rio dava no meu pescoço, eu extraía madeira pra fazer carvão e pescava.”*

Figura 70- Seu Moisés sentado entre o campo do Passarinho Futebol Clube e o rio Beberibe, na rua Santa Luzia. Ele trabalha com conserto de refrigerados, atualmente. Já trabalhou extraindo madeira pra fazer carvão, em Dois Unidos e nos conta sobre sua relação com o curso d'água.



Fonte: Autoral 2019

Sobre os lazeres que o Beberibe trazia aos visitantes e moradores, há 30 anos é que ”vinha muita gente de fora fazer piquenique , grupos religiosos, os evangélicos faziam batismo aqui. Era meu lazer, podia jogar uma moeda que se via no fundo. Se fosse até hoje, eu tava dentro do rio. “

Ele termina agora apontando para o campo de futebol e diz que *“depois que o rio foi ocupado e virou depósito de esgoto, as águas da chuva invadem o campo de passarinho, sendo que agora cada vez mais frequentes os alagamentos aqui.”*

Figura 71- Campo de futebol de passarinho, na várzea do Beberibe. Sempre ocupado pelos futebolistas, em tempos de chuva o campo sofre com os alagamentos. Por trás do campo há uma mata ciliar por onde passa o rio, e segue dobrando a esquerda do campo, também a esquerda da foto.



Fonte: Autoral 2019

Apesar de Seu Moisés levar mais em consideração o esgoto da população em virtude da sua ocupação na beira do rio pela sua poluição, fora então com a instalação da fábrica da Minerva, onde fabricava papel, celulose e outros resíduos que o rio recebeu grande poluição, além do que já vinha recebendo de outras áreas do baixo curso, o médio curso tinha sua própria fonte de desenvolvimento e poluição. A fábrica da Minerva trouxe grande desenvolvimento para a comunidade de Dois Unidos e toda região de Beberibe na geração de emprego e acelerou a habitação dos morros e córregos ali existentes.

Figura 72- Cenas do Rio Beberibe em março de 1984, o rio estava tão poluído pelos resíduos da Fábrica da Minerva e do Matadouro Marajó que as crianças conseguiam brincar sob a crosta de poluentes.



Fonte: Diário de Pernambuco.²⁰ Acessado em 2019.

Quatro meses depois, outra grave denúncia contra a fábrica Minerva sobre a poluição do Rio Beberibe e seu afluente, o Rio Morno. No dia 18 de março de 1984, o Diário de Pernambuco publicou: “O lixo doméstico, os resíduos de produtos químicos liberados pela fábrica de papel Minerva e o sangue e as vísceras de animais abatidos pelo Matadouro Marajó, são os poluentes responsáveis pela transformação dos rios Beberibe e Morno numa crosta sólida e de péssimo odor. A poluição da fábrica atinge com maior intensidade as famílias que residem na Rua Hildebrando de Vasconcelos, que liga beberibe a Dois Unidos, e imediações,

Atualmente a antiga fábrica encontra-se em ruínas, junto a outras grande fábricas ao logo do rio Beberibe, está fechada desde 1994. Na próxima figura.

²⁰ <https://vozesdazonanorte.blogspot.com/>

Figura 73- Obras em curso no bairro de Dois Unidos. Do lado esquerdo a antiga fábrica de papel em ruína. Do lado direito da fotografia e ao lado esquerdo do rio, casas no bairro de Passarinho/Olinda, ainda com as obras paradas.



Fonte: autoral (2019)

4.4.1 MATA DE DOIS UNIDOS E PASSARINHO

As Matas de Passarinho e Dois Unidos são um remanescente de Mata Atlântica situado na região litorânea de Pernambuco. Estas florestas desenvolveram-se sobre sedimentos pouco consolidados do grupo Barreiras. Mata de Dois Unidos está situada na Bacia Hidrográfica do Rio Beberibe, com uma área de 52,14 hectares. Definida como Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPA). 37,72 hectares faz parte da Reserva Ecológica Estadual Mata Dois Unidos, não regulamentada e definida pela Lei Estadual Nº 9.989 de 13 de janeiro de 1987. Apesar da reserva florestal urbana de passarinho, sua área de mata, vem a cada ano perdendo essa porção no território de Olinda, na figura seguinte (72), por consequência de uma ocupação territorial desordenado, da margem do rio, subindo suas colinas. Gerando atos de movimentos em defesa de uma área protegida, no chamado, Ocupe Passarinho, na figura (73).

Figura 74- Vista do bairro de Dois Unidos, para o vale do Beberibe. Do lado esquerdo as matas de Passarinho (Olinda), separadas pelo adensamento de casas às margens do rio. Nesta região essas matas eram unidas até meados dos anos 80, e de acordo com a ocupação territorial, as matas foram se separando, dando lugar as moradias.



Fonte: Autoral 2018

Há também um campo no alto de Dois Unidos, por trás da reserva de mata atlântica, onde aparentemente é mais vazio que o campo de Passadinho, pois todas as vezes que passamos por lá, estava vazio, mesmo em diferentes horários.

Figura 75- Campo de várzea no bairro de Dois Unidos por trás da reserva de mata



Fonte: Autoral (2019)

Figura 76- Na primeira representação, teremos a divisão político administrativa dos bairros limítrofes, à margem esquerda Passarinho, em Olinda, incluindo sua área de reserva de mata. Na margem direita Dois Unidos e sua reserva de mata, divididos pelo rio Beberibe. Na segunda figura teremos uma aproximação e as localizações da mata de Dois Unidos e o campo de futebol por trás da reserva. Os limites da mata de Passarinho, e ainda a localização da antiga fábrica de papel, Minerva, nas margens do curso d'água, abaixo da figura.



A- Reserva ecológica de Dois Unidos. B- reserva Florestal Urbana, Mata de passarinho. C- Fábrica Minerva

FONTE: Wikimapia.org, Google Maps. Acessado em 2019.

Diante do agravamento do desmatamento com o aumento da ocupação humana, com mais de 406 hectares de extensão e composto por uma reserva de Mata Atlântica, a comunidade tem mais de 20 mil habitantes e diversos problemas estruturadores. De acordo com a Agência Estadual de meio Ambiente, a CPRH:

A Reserva de Floresta Urbana é uma categoria de manejo do grupo de uso sustentável, criada pela Lei Estadual nº 13.787, de 8 de junho de 2009, a qual instituiu o Sistema Estadual de Unidades de Conservação – SEUC e se configura numa inovação deste Sistema ao reconhecer os fragmentos de florestas existentes em áreas urbanas como elementos fundamentais para a qualidade de vida nas cidades, conservando biodiversidade, assegurando água potável, equilíbrio climático e proteção dos solos além de belas paisagens e espaços privilegiados para o lazer, cultura e turismo, integrando as populações urbanas ao processo de conservação destes fragmentos, a partir de ações educativas que podem ser desenvolvidas na unidade de conservação. (CPRH, 2013)

Para alertar o poder público sobre a existência destas dificuldades, moradores e movimentos sociais se uniram para debater sobre o bairro em um movimento com pouca dimensão da mídia local, o Ocupe Passarinho. Pois nesse caso é necessário que “se exprima a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço” (BONNEMEISON, 1981, p.254), para criar uma construção da identidade fomentar a preservação daquele meio ambiente.

Inspirados no movimento Ocupe Estelita, protagonizado por estudantes e intelectuais do Recife no combate ao Projeto Novo Recife, no Cais José Estelita, estudado por BARBOSA (2017) **Novos Recifes, Velhos Negócios. Política da paisagem**. Diferentemente do que acontece na bacia do Pina, no estuário sul, com implementação de políticas público-privadas, numa região com grande disputa e interesse territorial, afetando as famílias mais pobres daquele lugar, o Ocupe Passarinho, é um evento que discute uma pauta extensa para o bairro, uma negação da cidadania histórica, como o direito à moradia, o reforço no transporte público, a melhoria na iluminação pública, melhor atendimento nos postos de saúde, instalação de creches e de espaços de lazer e a conservação da mata e do rio que corta a comunidade. Assim para BOTELHO; SCHWARCZ, 2012), o exercício de lutas sociais cotidianas vai buscando aumentar os direitos com deveres, dentro de uma real extensão positiva de resultados que diminuam os conflitos socioterritoriais.

Figura 77- Cartaz do movimento com a chamada para as atividades e atrações



Fonte: <https://ocupepassarinho.tumblr.com/> . Acessado em 2019.

Todas estas reivindicações, como estratégia do movimento, para a população aderir é ter de inserir também a construção da cidadania, pois como qualquer comunidade do Recife, falta-se muito investimento básico do Estado, onde a população muitas vezes, constroem seu cotidiano a revelia da presença do investimento do setor público. Para Maciel (2016), espaço cultura e política estão interligados, que nos processos territoriais, naturaliza-se ou mascaram coisas do interesse publico naquele momento, em que se tenta legitimar espaços ou paisagens, fazendo-se da política local. Contudo, as matas dos morros de Dois Unidos e Passarinho fazem parte do imaginário do bairro, e da memória dos moradores mais velhos. E que ainda para Halbwachs (1990) as memórias e os acontecimentos do passado estão totalmente dentro de nós, tal como aconteceram. É inseparável a relação entre tempo e o espaço na memória, ainda mais quando se permanece no mesmo espaço onde essas mudanças ocorreram, como apresentado anteriormente pelo entrevistado.

Ao revisitar os três setores identitários. Da margem do rio, dos morros e das matas, e suas dinâmicas socioespaciais, pudemos observar que cada lugar específico tem uma relação íntima com a geografia cotidiana, como na questão exaltada pelo Ocupe Passarinho,

reivindicando mais política pública, construindo uma identidade territorial com as matas da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, ao buscarmos refletir sobre as questões articuladas ao debate teórico de conceitos como lugar, identidades territoriais, cidadania e memória pudemos observar que dinâmicas particulares dos lugares, importância do contexto territorial das pessoas, diferentes formas de convivência dos grupos humanos com o sítio físico, geosofia (MACIEL, 2013), está intimamente relacionada ao modo de vida da bacia do rio Beberibe, entre os municípios. Quem mora perto do rio tem uma percepção diferente com a água, devido às vívidas enchentes sobre suas residências, e quem mora no morro tem outra percepção ligada a falta dela ou com os deslizamentos de barreiras, desencadeados pelas chuvas e a forma de ocupação territorial.

Como as identidades desses grupos são mobilizadas a partir dos objetivos do presente e dos problemas enfrentados no cotidiano. Ao aproximar essas questões das dinâmicas particulares dos bairros de Recife e Olinda localizados na Bacia do Beberibe, verificamos a importância de considerar as dinâmicas particulares dos lugares e a influência dos diferentes contextos territoriais no estabelecimento de diferentes formas de convivência dos grupos com o sítio físico onde as cidades estão assentadas. Como chamou Halley (2014) “convivência social específica”, marcada pelas particularidades morfológicas do espaço territorial.

Refletir sobre a memória através do olhar geográfico contribui para a compreensão dos processos atuais de (re)organização dos espaços urbanos. Significados mediados pelas lembranças de moradores interferem em fenômenos concretos, atribuindo valor a dados lugares e objetos geossimbólicos, que podem ser mobilizados na luta por cidadania, como se constatou nos bairros de Peixinhos, Passarinho, Em Olinda. Todavia, se nestas localidades existem uma necessidade de reafirmar certa identidade coesa, o mesmo pode não se repetir em relação a outros subespaços da bacia. Assim, em São Benedito existem flagrantes contradições e conflitos sobre o significado e a valoração de alguns espaços geossimbólicos, como os terreiros, em função de preconceitos de vários tipos, como a racial (ALMEIDA, 2018), causando conflitos identitários e socioespaciais. No caso do bairro no médio curso, em Dois Unidos, evidencia-se uma memória afetiva do lazer, dos banhos de rios e das densas matas de coleta de madeira.

O conceito de memória espacial é ao mesmo tempo social e político, permitindo expor a diversidade dos modos de viver e querer viver o território cotidiano, e o recorte estudado, malgrado reportar-se a uma única e modesta bacia hidrográfica intra-urbana, é capaz de abrigar sensibilidades espaciais diversas, que concorrem para promover melhorias urbanas além de

conflitos socioespaciais. Portanto, o estudo sugere interpretar diferentes maneiras através das quais habitantes dos espaços marginalizados do Beberibe reivindicam a inclusão de suas experiências de vida cotidianas como condição de construção da cidadania.

No desenvolvimento da pesquisa pudemos constatar uma divergência nos olhares de insiders e outsiders sobre o nosso recorte de pesquisa, enquanto para os outsiders esse espaço entre Recife e Olinda era comumente visto como um lugar ermo, selvagem, vazio e eclisado pelo sítio patrimonial de Olinda, nos insiders os olhares sobre esse espaço sempre envolviam uma coisa mais dinâmica do cotidiano e da convivência com o sítio físico da bacia do rio.

Logo fica uma questão futura para desenvolver a partir dessa pesquisa que é compreender as fronteiras e encontros entre a Olinda patrimonial e a Olinda das geografias populares dos bairros periféricos ao sítio Patrimonial, nas margens do rio Beberibe.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. de. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**. Geografia I série, Vol. XIV, Porto. 1998. Pp 77-97
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento. 2018.
- BARBOSA, D. T. **Novos Recifes, Velhos Negócios. Política da paisagem no processo contemporâneo de transformações da Bacia do Pina - Recife/PE: Uma análise do Projeto Novo Recife**. Dissertação de mestrado PPGEU-UFPE. Ano de Obtenção: 2014
- BARBOSA, D. T. Cidadania Paisagística. **Revista de Geografia (Recife)** V. 35, No. 1 (especial), 2018, p.40-59.
- BONNEMAISON, J. Voyage autour du territoire. **L'Espace Géographique**, nº4, Paris, 1981, p. 249-262.
- CAMPOS, Hernani Loebler. Processo histórico de gestão na bacia hidrográfica do rio Beberibe (PE): uma retrospectiva. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.
- CARNEIRO, P. O. **PODER PÚBLICO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE PAISAGENS: MADUREIRA NO CENTRO DO SUBÚRBIO CARIOCA** – UFRJ. Dissertação de Mestrado. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA Rio de Janeiro. Ano de Obtenção: 2018. P. 44.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural/ Paul Claval**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. **Geografia Cultural: Uma Antologia**, volume II/ Organização Roberto Lobato Correa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2013.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALLEY, B. M. O Bairro e os Enredos do Lugar. *In: Geograficidade*. v.4, n.1, Verão 2014.
- HALLEY, B.M. Baixo Beberibe: A Represa do Varadouro e os negros canoieiros – O higienismo entre o Recife e Olinda. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 72, p. 232-253, mai./ago. 2019.

HALLEY, B. M. Catimbolândia: tramas negras do xangô na Veneza Americana - arredores do rio Beberibe (Recife, 1867-1945). 2017. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. 1990.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. Dicionario chorographico, histórico e estatístico de Pernambuco. v. 1 a 4, Rio de Janeiro: imprensa Nacional, 1908.

LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: ROCCO, 1994. v. 7º

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. SÃO PAULO: [s.n.]. p. 17–32.

TUAN, Y.-F. Espaço e lugar. São Paulo: Difel, 1983.

MACIEL, C. A. A. Cultura e Política em Diálogo na Geografia Humana: Comentário sobre as possibilidades de se pensar os espaços da interculturalidade. **Revista GeoSertões**, nº 01, vol. 01, jan./jul. 2016, p.8-21. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/index>>, acessada em 02 de junho de 2020

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: **O espaço da diferença**. ARANTES, A.A. (org.). Campinas, SP: Papiros, 2000, p.177 a 185.

MELO, E. C. Canoas do Recife. In: **O Recife, Quatro Séculos de Sua Paisagem**. MAIOR, M. S. SILVA, L. D. (org.) FUNDAJ, (1992).

Nogueira, Sidnei. Intolerância religiosa [livro eletrônico] / Sidnei Nogueira. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2020. 160 p. (**Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro**)

PAIVA, A. L. R.; CABRAL, J. J. S. P.; DEMÉTRIO, J. G. A.; SOBRAL, M. C. Filtração em margem para indução de recarga e melhoria da qualidade de água - estudo de caso: rio Beberibe. **Revista Águas Subterrâneas**, v. 24, p. 103-114, 2010.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

Plano de Manejo da Reserva de Floresta Urbana – FURB Mata de Passarinho/Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, Agência Estadual de Meio Ambiente (2013)

RELPH, E. (2012). Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

SERPA, A. por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. São Paulo: **Contexto**, 2019. 128 p .

SILVA FILHO. H. C. Memória, Geografia e Disputas Urbanas: Algumas considerações a partir das cidades do Recife e Olinda - PE. In: **X Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura**, 2016, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos, 2016.

SILVA FILHO. H. C. **PEIXINHOS: Memórias e identidades de um bairro no baixo Beberibe – cartografando territórios no estuário norte do Recife**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SOUZA, M. L. Região, bairro e setor geográfico. In: **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2013.

RECIFE. Prefeitura; PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife. 2005.